



Vivendo como Igreja

Estudos Bíblicos Vol. 3

ibcmuriae.com

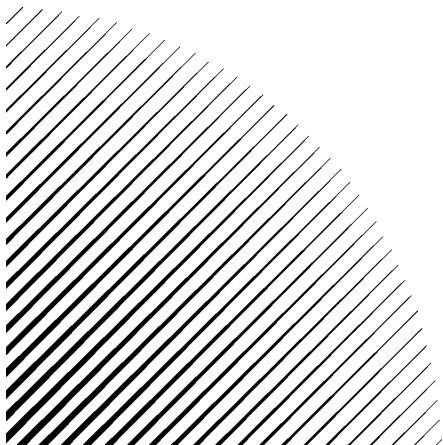
Igreja Batista Central
de Muriaé

Sumário

*Vivendo como Igreja: unidade
que mostra o evangelho .*

1. Unidade	02
2. Membresia	15
3. Diversidade	28
4. Pregação e Oração	41
5. Governança	53
6. Comunhão na Igreja	64
7. Descontentamento dentro da Igreja	77
8. Liderança na Igreja	90
9. Disciplina na Igreja	102
10. Encorajamento	114
11. Servir e Doar	126
12. Adoração Coletiva	138
13. Evangelismo	150





Os estudos apresentados nesta página foram traduzidos, adaptados e contextualizados pela Igreja Batista Central de Muriaé para uso em nosso contexto local. O conteúdo original foi desenvolvido e publicado gratuitamente pela Capitol Hill Baptist Church e está sendo utilizado como base teológica e pedagógica. Parte do conteúdo disponível também já havia sido traduzido pela Igreja Batista Calvário.

As adaptações realizadas visam melhor aplicação cultural, didática e ministerial à nossa realidade, preservando a fidelidade bíblica e doutrinária.

Material Original

Capitol Hill Baptist Church
Rob Satrom
Steven Wall
Lyle Wetherston

Direção e Curadoria de Conteúdo

Igreja Batista Central de Muriaé
Pr. Orlando Intrebartoli
Larry Intrebartoli

Tradução e Adaptação

Vanessa Gonçalves de Souza Goulart
Isaac de Oliveira Carvalho

Diagramação e Edição Gráfica

Isaac de Oliveira Carvalho

Revisão de Texto

Daiane Souza Socorro Santos
Wesley José de Souza
Ana Paula Coelho



Unidade

Uma Demonstração da Glória de Deus na Igreja Local

I. Introdução

Por que a unidade é importante para a igreja local? (O que vem à sua mente? Igrejas brigando por causa da cor do tapete?). Vamos começar essa aula sobre unidade de maneira bem simples. Em resumo, essa aula existe por causa de três fatos que encontramos nas Escrituras:

1. Deus chamou os cristãos para estar com Ele para sempre, mas por um tempo, Ele nos deixou neste mundo, reunidos em igrejas locais.
2. Ele escolheu usar nossa vida juntos em igrejas como método primário de demonstração da Sua glória
3. Somos pecadores

Os primeiros dois fatos trabalham bem juntos – mas o terceiro fato complica a questão consideravelmente. Um dia, o mundo inteiro se dobrará diante de Deus e reconhecerá que Ele é Senhor. Mas por enquanto, Deus em sua sabedoria, deixou a tarefa de demonstrar a glória de seu perfeito caráter através de pessoas muito imperfeitas que compõem sua igreja. A questão de como isso pode acontecer é o foco deste estudo. E em particular, nosso objetivo é entender as oportunidades e responsabilidades que temos como membros de igreja. Como é que nós, como pecadores, podemos nos reunir juntos como uma igreja local onde a unidade abunda? E não uma unidade

forçada que nega as diferenças, ignora as dificuldades, ou compromete a mensagem do Evangelho, mas uma unidade real que age como um testemunho convincente do poder do Evangelho? Como é que, como pecadores, podemos responder ao pecado em nosso meio sem cair em fofoca e calúnia? Como podemos confiar em nossos líderes e, ainda assim, reconhecer que eles também são pecadores? Como podemos amar pessoas que nos fazem sentir desconfortáveis porque elas são tão diferentes de nós? Como podemos criticar uma igreja imperfeita sem murmurar?

Para aqueles que já frequentam igrejas há algum tempo, provavelmente notaram que esses objetivos são difíceis de alcançar. Muitas vezes, as igrejas se tornam ambientes de divisão, reclamações e amargura. Frequentemente, as igrejas deixam de mostrar ao mundo observador o poder do evangelho que deveria estar operando nelas. Nosso objetivo nesta aula é explorar um plano prático sobre o que torna uma igreja saudável e unida: doutrina sólida se expressando em amor que une e glorifica a Deus. É desejável que cada um de nós saia desta aula com uma compreensão melhor do que a Bíblia diz sobre ser uma igreja unida e com ideias muito claras sobre o que cada um pode fazer para construir unidade entre nós.

No estudo de hoje, vamos começar abordando a ideia de unidade, principalmente usando a descrição que encontramos em Efésios 3 e 4 sobre o que significa ser igreja. Em seguida, veremos algumas versões falsas de unidade, as contrastaremos com a verdadeira unidade e falaremos sobre a razão pela qual a unidade na igreja é tão importante.

II. Efésios 3-4: O objetivo de Deus para a Igreja

Vamos começar respondendo a uma pergunta fundamental: qual é o plano de Deus para a igreja local? O apóstolo Paulo apresenta isso nos

capítulos dois e três de Efésios. Tudo começa com o evangelho, em 2:1-10. Estávamos “mortos em nossos delitos e pecados” (2:1). Mas Deus “nos deu vida juntamente com Cristo” (2:5). “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie” (2:8-9).

Mas esse evangelho não termina com a nossa salvação; ele traz implicações muito profundas. A primeira implicação: unidade. Como Paulo escreve sobre judeus e gentios ao final do capítulo dois, Deus aboliu o muro de separação, “para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz, e reconciliar ambos com Deus em um só corpo, por meio da cruz, destruindo por ela a inimizade. E, vindo, evangelizou paz a vós que estáveis longe e paz aos que estavam perto. Pois por ele ambos temos acesso ao Pai em um só Espírito.” (2:15b-18).

Perceba que só o evangelho cria essa unidade: é a cruz que, por meio de Cristo, matou a inimizade. Afinal, o que mais poderia unir dois povos com histórias, etnias, religiões e culturas tão diferentes?

Agora, qual é o propósito dessa unidade entre judeus e gentios? Veja o capítulo três, versículo 10: Seu propósito era “que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais”.

Pegue um grupo de judeus e gentios que não têm nada em comum, exceto um ódio mútuo cultivado por séculos. Uma sombra disso em nosso contexto poderia ser a políticos de direita e esquerda. Junte-os na igreja local, convivendo regularmente, e as coisas explodiriam, certo? Não! Por causa do único elo comum — o vínculo em Cristo — eles vivem juntos em um amor e unidade surpreendentes. Uma unidade tão inesperada, tão contrária ao funcionamento do nosso

mundo, que até os “principados e potestades nos lugares celestiais” se surpreendem.

Incrível, não é?

Essa unidade se destaca em duas dimensões. Ela se destaca pela sua abrangência, incluindo povos tão diferentes quanto judeus e gentios. Isso glorifica a Deus, pois alcança pessoas que, sem o poder sobrenatural, jamais se uniriam. Lembre-se de Efésios 2:18: “Pois por meio dele ambos temos acesso ao Pai em um só Espírito”.

Em segundo lugar, essa unidade se destaca por sua profundidade. Ela não apenas aproxima as pessoas para que se tolerem, mas para que estejam tão comprometidas que Paulo as chama de “novo povo” (2:15) e uma nova “família” (2:19). Paulo recorre aos laços mais profundos do mundo natural — etnia e família — para descrever essa nova comunidade na igreja local.

Unidade com abrangência e profundidade sobrenaturais torna visível a glória de um Deus invisível. Esse é o propósito último da unidade na igreja de Éfeso. Esse é o propósito último da unidade em nossa igreja. E esses dois conceitos serão fundamentais para este estudo. Teremos uma aula inteira sobre a profundidade da unidade, ao pensarmos sobre o compromisso da membresia. E uma aula inteira sobre abrangência da unidade quando pensarmos na diversidade como característica da igreja local.

Esse é o nosso chamado enquanto igreja. Mas esse chamado enfrenta uma concorrência, que vamos ver agora.

III. Unidade Falsa

Unidade Organizacional

Um problema que temos ao falar de unidade cristã é que algumas pessoas definem unidade cristã como a ideia de que todas as pessoas que se consideram cristãs devem se organizar — ou pelo menos cooperar — como um único corpo reconhecível. Dizem que a existência de diferentes denominações prova ao mundo que não somos unidos.

Um desafio dessa visão é que ela não permite discordâncias amorosas. Podemos discordar de nossos irmãos presbiterianos sobre o batismo, por exemplo, e ainda assim realizar juntos muitas coisas boas pelo evangelho. Nesse sentido, as denominações mostram nossa unidade no evangelho mais fortemente do que se simplesmente fingíssemos que nossas diferenças não importam.

Outra dificuldade dessa visão é que o objetivo final de tal “unidade” pode ser confuso. Existem muitos que se dizem “cristãos”, mas discordariam de nossa igreja em questões fundamentais como quem é Deus, o que é preciso para ser salvo, ou mesmo se precisamos ser salvos do pecado. Isso significa que a unidade organizacional pelo simples fato de ser unidade pode confundir completamente o mundo sobre o que é o cristianismo e o evangelho. Cooperar com outros por um objetivo comum — como trabalhar com católicos romanos para defender os direitos dos nascituros — é algo bom. Mas, embora isso seja um tipo de unidade, não é a unidade sobrenatural do evangelho de que Paulo fala em Efésios.

Unidade “Evangelho-mais”

O segundo falso tipo de unidade cristã é mais sutil, e corremos mais risco de cair nele. Vamos a um exemplo. Suponha que um professor de escola pública se junte à nossa igreja. Com quem ele naturalmente fará amizade? Quem o entenderá melhor? Outros professores, é claro. Então ele é apresentado a outros professores, talvez formem um pequeno grupo de professores. E logo ele se integra e prospera nesse grupo. Unidade criada. Missão cumprida, certo? Não exatamente.

O que aconteceu possivelmente foi mais um fenômeno demográfico do que espiritual. Professores se aproximam de professores, independentemente de serem cristãos ou não. Não há nada de errado em querer conviver com pessoas de experiências semelhantes. Isso é natural e pode ser até espiritualmente benéfico. Mas se isso for tudo o que chamamos de “comunidade da igreja”, temo que tenhamos construído algo que existiria mesmo que Deus não existisse.

Em contraste com Efésios, essa unidade é o que vamos chamar de unidade “evangelho-mais”. Em uma comunidade “evangelho-mais”, quase todos os relacionamentos têm como base o evangelho mais algum outro fator. Então, Cássio e José são cristãos, mas o motivo verdadeiro da amizade é que ambos são solteiros na faixa dos 40, ou compartilham a paixão pela luta contra o analfabetismo, ou ambos são enfermeiros. Na unidade “evangelho-mais”, usamos a semelhança para construir comunidade.

Diferente disso, a comunidade que revela o evangelho é aquela em que muitos relacionamentos só existem por causa do poder do evangelho — seja pela profundidade do cuidado ou porque as pessoas têm pouco em comum, exceto Cristo. Relacionamentos por afinidade também podem florescer na igreja — mas não são o foco. Eles acontecem

naturalmente. O foco é ajudar as pessoas a saírem da zona de conforto para construir relacionamentos impossíveis sem o sobrenatural. Assim, essa comunidade revela o poder do evangelho.

Pense em um balão esfregado na camisa até carregar de eletricidade estática. Ao aproximar o balão do cabelo fino de alguém, o cabelo “procura” o balão. Você não vê a eletricidade estática, mas o efeito — o movimento do cabelo — é inconfundível. O mesmo vale para a unidade que revela o evangelho. O evangelho não é visível, ele é simplesmente verdade. Mas, quando incentivamos uma unidade claramente sobrenatural, tornamos visível o evangelho. Pense em relacionamentos que você só tem porque Cristo os uniu. Podemos pensar em muitos, na nossa vida e na vida de outros. No mundo, você talvez jamais convivesse com essa pessoa, mas, em Cristo, existe um cuidado familiar, carinho e afeto mútuo. Esse amor torna a “eletricidade” do evangelho visível ao mundo!

Isso significa que devemos evitar amizades em que compartilhamos algo além de Cristo? Não deveríamos ser amigos de outros homens casados na igreja que gostam de rock e torcem para o Vasco? Não: Deus usa nossas semelhanças naturais. E cada igreja tem sua própria cultura, clima, idioma, até maioria cultural. Seria desonesto afirmar o contrário. Gostos semelhantes se atraem, e isso é natural. Mas a questão importante é: deixaremos as diferenças se tornarem barreiras à comunhão — ou serão convites ao engajamento para glorificar o evangelho? Vamos nos limitar à comunhão por semelhança, que é natural? Ou, reconhecendo nossa tendência à semelhança, vamos aspirar por uma comunidade onde pessoas diferentes desfrutem de comunhão notável só pelo vínculo do evangelho?

A unidade que importa — que cumpre o propósito de Deus — é manifestamente sobrenatural. Não é unidade baseada no evangelho

mais qualquer outro elo de semelhança. É a unidade que revela o evangelho.

IV. O que é Unidade?

Tendo visto essas duas versões falsas, o que é a verdadeira unidade cristã? A verdadeira unidade cristã de que Paulo fala em Efésios pode ser definida como uma ação, um propósito, uma fonte e um contexto.

A ação é o amor. Em especial, o amor pelos irmãos em Cristo que ultrapassa barreiras sociais. Pense nas palavras de Jesus: “Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa terão? Até os publicanos fazem isso!”

Depois, o propósito é a glória de Deus na confirmação do seu evangelho. Unidade que existe por qualquer outro propósito pode ser valiosa, mas não é a unidade cristã que estamos explorando aqui.

Em terceiro lugar, a fonte: o amor de Cristo. “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro.” Um amor sobrenatural — que só pode ser explicado pelo poder de Deus em nós. Se a unidade for movida por um amor que o mundo entende e explica facilmente, como isso mostrará a sabedoria de Deus aos “principados e potestades nos lugares celestiais”? Não — a unidade que glorifica a Deus e confirma a sabedoria do evangelho é aquela movida pela compreensão de quanto fomos perdoados em Cristo. Lembra das palavras de Jesus em Lucas 7? “A quem pouco se perdoa, pouco ama.” E quem muito foi perdoado, muito ama. Se em algum momento esta aula se tornar apenas uma lista de tarefas — coisas que você sabe que deve fazer e pode conseguir só pelo esforço — estamos no caminho errado. A unidade verdadeira — a sobrenatural — tem em sua origem o profundo entendimento do nosso perdão. Não basta que a unidade cristã tenha como meta o

evangelho; no seu núcleo, ela deve ser alimentada por essa mesma mensagem. Qualquer coisa além disso é só esforço humano.

E, por fim, um contexto: amor que, embora não se limite à igreja local, se manifesta de modo mais prático nesse ambiente. Esses quatro elementos formam a definição: amor que glorifica a Deus, revela o evangelho para todos os irmãos e irmãs em Cristo, alimentado pelo perdão em Cristo e que se expressa de forma mais clara na reunião da igreja local.

Essa é a unidade cristã — o plano de Deus para revelar a sabedoria do evangelho a todos os povos.

V. O que está em jogo?

Precisamos buscar o tipo certo de unidade na igreja. Se não fizermos isso, comprometemos o propósito de Deus para a igreja. Mas, afinal, o que está em jogo? Se nossa unidade se basear em laços naturais, e não no evangelho sobrenatural, o que estamos perdendo? Vamos começar pela missão da igreja, declarada no final do evangelho de Mateus.

Em Mateus 28, Jesus comissiona sua igreja ao dizer aos discípulos: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos.” (28:18b-20)

Resumidamente, há dois objetivos principais na Grande Comissão. Devemos compartilhar o evangelho com todas as nações (inclusive a nossa) — batizando aqueles que crerem. Ou seja, evangelismo. E

devemos formar seguidores de Jesus: ensinando a cada nova geração de convertidos “tudo o que ordenei a vocês”. Ou seja, discipulado.

Quando construímos uma unidade na igreja local que não é evidentemente sobrenatural, comprometemos ambos os elementos da nossa missão. Comprometemos o evangelismo e comprometemos o discipulado.

I. Comprometemos o Evangelismo

As palavras de Jesus em João 13 descrevem nosso poder no evangelismo: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros.” E não é qualquer amor: o versículo anterior define o padrão: “Assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros.” Amor com a profundidade da cruz; amor que vai do céu à terra. O amor que vai marcar os crentes no olhar do mundo é do mesmo tipo de amor custoso, exaltador de Deus e sobrenatural que Jesus demonstrou.

Agora, existe amor em uma comunidade formada em torno de algo além do evangelho? Claro que sim. Pense no tipo de comunidade que existe nos Alcoólicos Anônimos, no Rotary Club ou no grupo do Facebook da sua banda preferida. Existe amizade — até afeto — que são reais e valiosos. Mas esse é o amor inexplicável sem Deus de João 13? Não: é o amor que o mundo entende. O amor de João 13 e Efésios 3 é sobrenatural. Quando a comunidade da igreja local desafia a explicação natural, confirma o poder sobrenatural do evangelho.

Então, qual é o custo de uma comunidade na igreja local que não é evidentemente sobrenatural? Voltando a João 13:35: suprimimos o que Deus planejou como confirmação do evangelho. Evangelismo sem comunidade sobrenatural é como empurrar água morro acima. É

como fazer “mostrar e contar” sem a parte do “mostrar”. Pela graça de Deus, Ele ainda salva pessoas quando o evangelho é anunciado. Mas sem comunidade sobrenatural, o evangelismo perde a principal evidência que Deus deu para exibir o poder do evangelho ao mundo.

2. Comprometemos o Discipulado

Veja Efésios 4:14. Paulo diz que o objetivo da vida em comunidade na igreja local é “para que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro por todo vento de doutrina, pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro. Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é o Cabeça, Cristo”.

É isso que queremos ver na igreja: um corpo de crentes firmes em obediência a Cristo — o segundo ponto da Grande Comissão. Mesmo enfrentando falsas doutrinas e artimanhas humanas, permanecemos firmes na mensagem confiável do evangelho. O que se vê aqui é maturidade, santidade. Crescemos em Cristo.

E como isso acontece? Paulo mostra, nos versículos anteriores, uma bela sequência: no versículo 7, Cristo dá dons à igreja. No versículo 11, esses dons são líderes como profetas, evangelistas, pastores e mestres, que ensinam a Palavra. O papel deles, no versículo 12, é “preparar os santos para a obra do ministério”, até que, no versículo 13, “cheguemos todos à unidade da fé”. Percebe? Quem Deus chama para a obra do ministério? Só os presbíteros? Só os pastores? Eles têm papel importante, mas o ministério é responsabilidade de todos os crentes! Isso significa que, se você é membro da igreja, a santidade e o crescimento dos outros membros também são, de algum modo, sua responsabilidade. E a unidade também.

Que papel tem a unidade sobrenatural aqui? Os membros são responsáveis por discipular uns aos outros em maturidade, mas essa tarefa é impossível se a igreja estiver marcada por divisão, tensão, amargura, evasão e egoísmo. A unidade é o solo fértil onde o crescimento em maturidade pode ocorrer. E a unidade “evangelho-mais” também não resolve. Paulo diz em 1 Coríntios 12 que há muitos membros, mas um só corpo (v. 20), e Deus nos deu dons diferentes “para que não haja divisão no corpo, mas que os membros tenham igual cuidado uns com os outros”. Se você só convive com “outros ouvidos”, não recebe a influência dos “olhos”, “cotovelos” e “dedos”.

Imagine uma igreja onde a comunidade é quase inexistente, onde as pessoas vão só pelo sermão e não possuem relacionamentos além disso. Comunidade sem profundidade. Ou, em vez de uma igreja, um grupo de velhos amigos cristãos do time de esportes, que se reúnem semanalmente para prestar contas e se animar. Comunidade sem abrangência. O que falta aqui?

Nenhuma delas é evidentemente sobrenatural. E sem comunidade sobrenatural, teremos dificuldade tanto no evangelismo quanto em apresentar uns aos outros maduros em Cristo. Deus é extremamente gracioso e bondoso. Por isso, não posso afirmar que iremos necessariamente fracassar — mas a unidade sobrenatural é como Deus planejou que cumpríssemos a Grande Comissão.

VI. Conclusão

Essa é nossa introdução à unidade que vamos desenvolver ao longo do estudo. Vamos pensar na prática sobre como construir uma igreja cuja unidade protege e exhibe a mensagem transformadora do evangelho. Como diz o Salmo 133:1, “Como é bom e agradável quando os irmãos

convivem em união!” Que essa seja sua experiência na comunhão que você já experimentou nesta igreja — e que seja sua oração para que o Senhor faça a sua unidade crescer e se manter firme.



Membresia

I. Introdução

Vamos de começar com uma pergunta: como o compromisso que fazemos com outras pessoas na igreja é diferente dos outros compromissos que assumimos na vida?

Nossa igreja é composta por pessoas com conhecimento limitado, amor limitado, paciência limitada. Temos diferentes personalidades, diferentes esperanças, diferentes histórias, diferentes formas de comunicar e diferentes prioridades. Você mistura tudo isso e parece que estamos prestes a ter problemas. Mas, por causa do poder do evangelho, na verdade temos uma proclamação coletiva da glória de Deus.

Como isso acontece? Isso acontece quando amamos uns aos outros com um compromisso que é manifestamente sobrenatural. Como é esse compromisso? Vamos analisar a profundidade disso.

Vamos considerar essa profundidade de compromisso. Simplificando, esta aula é sobre o conceito de membresia na igreja. Você pode pensar: "Já sou membro. Você já me convenceu. Devo ir embora agora?" Não! É interessante que, ao desdobrar o que é a membresia — e como ela é diferente de outros compromissos —, sejamos renovados e lembrados da doçura singular do compromisso profundo que temos uns com os outros nesta igreja. E o que aprendermos nos ajudará a sermos

melhores membros. Para isso, vamos dedicar um tempo para distinguir entre o compromisso natural deste mundo — que chamaremos de "COMPROMISSO BASEADO NO CONFORTO" — e o compromisso de membresia na igreja, que chamaremos de "COMPROMISSO BASEADO NO CHAMADO".

II. Compromisso Baseado no Conforto

Compromisso é algo que nosso mundo entende. Torcedores do Vasco são comprometidos com o Vasco. Pessoas são comprometidas com seus empregos, com seus destinos favoritos de férias, com seus países. E pessoas também se comprometem com igrejas. Mas exatamente por que as pessoas se comprometem com suas igrejas pode variar bastante.

É comum as igrejas buscarem que você se comprometa da mesma forma que faria com qualquer outra coisa neste mundo — por meio do compromisso baseado no conforto. Vamos ilustrar com um exemplo fora da igreja: como você pode acabar se comprometendo a comprar produtos da Apple. No início, um Mac é apenas outro computador e um iPad é apenas outra tela. Mas talvez você acabe pegando emprestado o Mac de um amigo para checar um e-mail e percebe que a tela trava menos do que no seu PC. Você ainda não se considera um usuário fiel de Mac, mas está curioso. Quando seu PC finalmente para de funcionar, você faz algumas pesquisas online e decide dar uma chance ao Mac — mesmo que custe um pouco mais. Seus amigos percebem que você está usando um Mac, e os mais animados são pessoas bem legais. Com o tempo, você percebe que realmente gosta do funcionamento e da intuitividade do aparelho. E percebe que se encaixa melhor trabalhando em um café. De repente, você está falando muito sobre o Mac, sua tia te dá um iPad de presente de Natal, que vira uma extensão inseparável de você. Logo, você está

indo a convenções, vestindo seus filhos com acessórios da Apple e se perguntando como você vivia sem tudo sincronizado. Você virou fã dedicado.

Como isso aconteceu? Não foi de uma vez só, e na verdade, você nem tinha intenção de virar um fanático por Apple. Mas quanto mais você se aprofundou, mais atraente tudo ficou, até estar bem envolvido.

Para muitos cristãos, a igreja funciona assim. Uma igreja começa enfatizando que não tem expectativas, e anuncia a igreja como um ótimo lugar para prosperar moralmente, educar filhos, encontrar comunidade, sentir-se seguro, confortável e bem atendido. Então você entra para um pequeno grupo e conhece algumas pessoas de quem gosta. Em algum momento você se torna membro, mas a membresia não é o foco. O foco é que, alguns anos depois, você está realmente comprometido com sua igreja principalmente porque gosta dela e é de uma certa forma fácil.

É isso que chamamos de compromisso baseado no conforto. Funciona para produtos de consumo; funciona para igrejas.

O modelo em questão — seja Apple ou uma igreja — é compromisso como processo. Com o tempo, você percebe que a comunidade da igreja atende suas necessidades e, assim, você fica mais confortável ali. E à medida que se sente confortável, compromete-se mais profundamente. Portanto, facilitamos a entrada na igreja e destacamos os benefícios do envolvimento. Esperamos atrair pessoas como consumidores e, com o tempo, vê-las se tornar provedores. Esse é o compromisso baseado no conforto, um processo marcado por uma abordagem ampla, geral e não específica da palavra de Deus... e, como se pode imaginar, frequentemente leva a um testemunho cristão superficial.

III. Compromisso Baseado no Chamado

Mas não devemos demonizar o compromisso baseado no conforto em geral; é natural procurar aquilo que é confortável. Devemos, porém, distinguir esse compromisso do que aspiramos em nossas igrejas. O compromisso baseado no chamado é distinto porque possui uma profundidade e riqueza que o compromisso baseado no conforto não consegue replicar. Vamos observar algumas diferenças:

1. O Novo Testamento descreve todos os cristãos como profundamente comprometidos com sua igreja local de maneiras significativas, às vezes dolorosas e bastante deliberadas. Tome as palavras de 1 João como exemplo: “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro. Se alguém diz: ‘Eu amo a Deus’, mas odeia seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.” (1 João 4:19-20). Para João, o amor entre os crentes é sinal de fé salvadora. Em contraste com o compromisso baseado no conforto, vemos que a Bíblia nos chama a amar os outros; o conforto exige que amemos a nós mesmos e priorizemos nossas preferências.
2. Uma pergunta diagnóstica interessante: por que você vai e continua indo à igreja? O que te motiva a dedicar parte do seu final de semana nesse lugar? O compromisso baseado no conforto pode apontar razões sociais, pessoais e profissionais. O compromisso baseado no chamado tem a obediência a Deus e o prazer em sua igreja como motivadores principais. A motivação de nossa comunidade deve dizer algo sobre nossa fé em Cristo. Nosso compromisso uns com os outros deve ser

diferente do mundo. Nossas interações devem se parecer mais com Cristo e menos com nossos colegas de trabalho, amigos ou vizinhos. O compromisso baseado no chamado compromete-se primeiro e só depois pergunta sobre benefícios mútuos. Busca unidade em Cristo e se desenvolve com diversidade de origem.

3. Terceira diferença: Relacionamento. O autor desse material conta ter frequentado uma igreja grande, que buscava alcançar o máximo de pessoas possível. O clássico “traga todos de qualquer forma”. Boa intenção, mas o problema era que, sem compromisso, havia poucos relacionamentos profundos, praticamente nenhuma cultura de comunidade ou foco em discipulado individual. Tudo era superficial, porque assim era mais confortável, e acreditava-se que assim os relacionamentos realmente floresceriam... infelizmente não era o caso.

Curiosamente, é com a formalidade da membresia que relacionamentos profundos são formados. Não que não possam existir relacionamentos reais fora da membresia, mas, na prática, a cada novo membro firmado, fica claro que somos chamados a amar, proteger e iniciar relacionamento na igreja local. Eles se comprometeram, de forma evidente e pública conosco, e nós com eles.

Uma igreja construída sobre a membresia é diferente. Exige compromisso desde o início. Você decide prometer amar um grupo de cristãos de modo profundo e sacrificial, mesmo sem conhecê-los tão bem. Seu compromisso não é baseado em sentimentos de apego, conforto ou pertencimento — embora se espere que tudo isso venha depois. Em vez disso, é um compromisso que você assume simplesmente porque faz parte de seguir Jesus. Relacionamentos

autênticos podem ser encontrados em igrejas que levam a sério a membresia.

Então, o compromisso baseado no chamado é um compromisso uns com os outros simplesmente porque faz parte de sermos chamados para a família de Deus. Comprometer-se com outros crentes por meio da igreja local é ser cristão. Olhe novamente para o texto de 1 João: todo aquele que foi amado e salvo por Deus ama outros cristãos.

Isso significa que precisamos parar de enxergar o compromisso com a igreja como um processo e começar a vê-lo como um evento. O evento é nossa salvação, e o compromisso surge inevitavelmente. Não significa que fazemos todo o compromisso com a igreja local de uma vez — há espaço para crescimento. Mas significa que fazemos um compromisso significativo desde o início. Porque isso faz parte de ser cristão.

Nesse sentido, você vai encontrar bastante compromisso baseado no conforto em igrejas com compromisso baseado na vocação. Não há nada de errado com o compromisso baseado no conforto. O problema surge quando ele se torna nossa principal abordagem para a vida na igreja. Se esperamos nos acomodar aos poucos na igreja e ver o compromisso de conforto surgir com o tempo, teremos uma comunidade consumista, com relacionamentos superficiais, pouco diferente do mundo. Em vez disso, devemos reconhecer que Deus nos chamou para um compromisso profundo e significativo com a igreja local quando nos chamou para a salvação. Se esse for nosso olhar para a igreja, encontraremos uma comunidade honesta sobre o que significa ser cristão e que serve como catalisador rico para relacionamentos cristãos.

IV. Compromisso que é Significativo

Quais são alguns componentes básicos desse compromisso de que estamos falando? Como ele se manifesta na prática? Quatro aspectos principais:

1. **Compromisso que é sacrificial:** Romanos 12:13-16 nos orienta a “contribuir para as necessidades dos santos e buscar mostrar hospitalidade... alegrar-se com os que se alegram, chorar com os que choram. Viver em harmonia uns com os outros.” Se minha esposa e eu não conseguimos engravidar, devo me alegrar quando um irmão da igreja consegue. Se acabei de conseguir um novo emprego, devo chorar com a irmã que perdeu o dela. Devo doar dinheiro, tempo e minha casa para cuidar dos outros na igreja — simplesmente porque são o povo de Deus. Amar assim não é para um grupo seletivo de cristãos; isso é o que significa ser cristão.
2. **Compromisso de reunião:** Hebreus 10:25 nos ensina que a vida cristã é “não deixando de congregar-nos, como é costume de alguns, mas encorajando-nos uns aos outros, ainda mais à medida que o Dia se aproxima.” Ser cristão é juntar-se regularmente com outros cristãos. O autor de Hebreus não concebe outra categoria de cristão.
3. **Compromisso de encorajamento mútuo:** no mesmo trecho, o versículo 24 nos orienta a “considerar como estimular uns aos outros ao amor e às boas obras” — algo que acontece claramente nas reuniões do versículo 25. E o encorajamento em Hebreus é muito mais que um aperto de mão ao sair. Como vemos no capítulo 3, encorajamento é o antídoto para a incredulidade. Encorajar significa fortalecer a fé uns dos outros.

O cristão não está comprometido apenas com seu próprio bem-estar espiritual, mas também em ajudar os outros a lutar pela fé.

4. **Compromisso de proteger uns aos outros:** em Mateus 18, Jesus diz que, se um irmão pecar contra mim, devo conversar com ele. Se ele não se arrepender, devo levar um ou dois outros comigo. Se ainda não se arrepender, devo contar à igreja. “Se ele não ouvir nem a igreja, seja tratado como pagão ou cobrador de impostos.” Ou seja, excluído da igreja. A barreira final ao autoengano neste mundo é a igreja local. Ninguém mais pode me dizer tão claramente que a fé que confesso com a boca é contradita pela minha vida. E é interessante que essa autoridade não é dada ao pastor ou aos líderes, mas à igreja como um todo. Claro, proteger uns aos outros da imoralidade ou doutrina falsa é algo feito sob liderança sábia e amorosa. Mas, no fim das contas, o Novo Testamento dá a responsabilidade de proteger uns aos outros à igreja inteira. Cristão, Deus te chamou para fazer essas coisas: amar outros cristãos de forma sacrificial, reunir-se regularmente, encorajar na fé e proteger do pecado e do autoengano. Assumir esses compromissos não é algo para cristãos maduros apenas; a Bíblia supõe que todo cristão faz isso. Essa é a profundidade do compromisso.

Mas, se pararmos aqui, ainda não compreendemos totalmente a profundidade do compromisso que devemos encontrar na igreja local. Porque o compromisso bíblico não é apenas significativo; ele também é formalizado.

V. Compromisso que é Formal

O compromisso cristão na igreja local é relativamente líquido e disforme? Ou a Escritura nos chama a formalizá-lo? Para responder, observe como Paulo descreve a igreja em 1 Coríntios 5. Ele explica que a igreja não tem responsabilidade de julgar pecadores impenitentes no mundo — mas tem essa responsabilidade dentro da igreja. “Pois que me importa julgar os que estão fora? Não julgais vós os que estão dentro? Deus julga os que estão fora.” (5:12-13a)

O detalhe a notar é a linha que separa o “dentro” e o “fora” da igreja. De um lado estão aqueles que se dizem crentes e submetem essa profissão ao julgamento da igreja. Do outro, os que não fizeram tal compromisso. Alguns hoje falam em comunidade definida pelo centro ao invés de uma comunidade definida pelo limite. Ao invés de se preocupar com quem está “dentro” ou “fora”, apenas ensine e encoraje as pessoas — não importa seu estado espiritual — a se aproximarem para receber alimento espiritual. Mas isso parece contradizer como o Novo Testamento descreve a igreja.

Vemos o mesmo quando a Bíblia fala sobre líderes. Devemos nos submeter a nossos líderes (Hebreus 13:17) porque eles prestarão contas por nós. Mas, se o vínculo com a igreja não é de alguma forma formal, como os líderes sabem por quem prestarão contas? E como decidimos a quem nos submetemos?

Sendo disciplina ou liderança, está claro na Bíblia que o compromisso na igreja tem algum nível de formalidade. Os crentes sabem a quem estão se comprometendo; a igreja e seus líderes entendem por quem são responsáveis. Isso é o que chamamos de membresia — usando a imagem de Paulo da igreja como um corpo e nós como seus membros.

Agora, qual a diferença dessa formalidade? Ela importa de duas maneiras:

1. **O compromisso formal serve como afirmação do compromisso informal:** a analogia com o casamento é reveladora. Tim Keller descreve a aplicação dessa verdade ao casamento:

Quando a Bíblia fala de amor, ela mede não por quanto você quer receber, mas por quanto está disposto a dar de si a alguém. Quanto você está disposto a perder por essa pessoa? Quanto de sua liberdade está disposto a abdicar? Quanto de seu tempo, emoções e recursos está disposto a investir por essa pessoa? Para isso, o voto matrimonial não é apenas útil, mas até um teste. Muitas vezes, quando alguém diz “Eu te amo, mas não vamos estragar isso casando”, quer dizer “Não te amo o suficiente para fechar todas as opções. Não te amo o suficiente para me entregar totalmente a você.” Dizer “Não preciso de papel para te amar” é basicamente dizer “Meu amor não chegou ao nível do casamento.”

Claro, há diferenças entre casamento e membresia na igreja. Mas uma semelhança está na interação entre compromisso formal e informal. Se alguém pretende cumprir todos os mandamentos de “uns aos outros” da Bíblia em sua igreja, mas se recusa a se comprometer formalmente por meio da membresia, que tipo de compromisso realmente pretende assumir? Usando a linguagem de Keller, seu amor pela igreja não chegou ao nível da membresia. O compromisso formal esclarece quem realmente decidiu amar sua igreja como a Escritura orienta.

2. O compromisso formal torna o compromisso informal visível. A membresia na igreja local mostra que a pessoa assumiu

compromissos informais muito importantes, o que ajuda a construir relacionamentos mais rápido. Alguém pode ter toda intenção de amar como vemos em Romanos 12, Hebreus 10 e 1 Coríntios 5. Mas, se não for membro da igreja, você não tem como saber disso. Quando a membresia é significativa, ela torna o compromisso informal visível, permitindo que os relacionamentos cresçam mais rápido.

VI. Sugestões Práticas

Vamos gastar o restante da aula pensando em formas de tornar essa visão bíblica de compromisso mais prática.

1. **Junte-se a uma igreja:** alguns de nós — ou nossos amigos — ainda estão avaliando se a membresia é realmente importante. Nessas conversas, acho útil voltar ao que significa ser cristão. Seguir Jesus é amar outros que seguem Jesus. Isso acontece inevitavelmente quando somos perdoados do pecado. E não apenas uma disposição geral de amor, mas um compromisso específico de amar um grupo específico de cristãos — a igreja local.
2. **Invista em relacionamentos:** outros se tornam membros, mas, com exceção de aparecer todo domingo para os cultos, a membresia não muda muito a vida. Como vimos nesta aula, relacionar-se biblicamente com a igreja significa confessar pecado para que outros nos ajudem a lutar pela fé. Significa confessar lutas para que outros nos ajudem de formas práticas. Significa fazer perguntas difíceis e às vezes desconfortáveis em nosso cuidado pelos irmãos. E significa oração como parte integral de cada relacionamento.

Como é quando isso não acontece? Vou mostrar quatro categorias:

- **O membro casual:** que frequenta regularmente, mas não faz muito além disso. Seus amigos mais próximos não estão na igreja. (Comprometido)
 - **O membro fortaleza:** parece envolvido — ao menos no serviço. Mas, por achar que nunca precisa de ajuda, nunca deixa que outros o ajudem. (Vulnerável)
 - **O membro estático:** começa com boas amizades na igreja, mas com o passar dos anos, esses relacionamentos não crescem. E numa igreja dinâmica essa comunidade congelada vira, muitas vezes, ausência de comunidade. (Ativo)
 - **O membro consumidor:** tem relacionamentos — mas fica claro, a partir de uma perspectiva mundana, porque cada relação é importante para ele. Eles não aspiram a amar de formas que são estranhas para o mundo, simplesmente porque foram amados por Cristo. (Investido)
3. **Comprometa-se a amar todo o corpo:** vivemos numa era definida pelo consumo e obcecada por comunidade. Podemos nos encontrar em uma subcultura da igreja – mas nunca se engajar com a igreja mais ampla. Isso não significa que precisamos ter relacionamentos profundos com todos. Devemos perceber que nossos relacionamentos não se limitam a um pequeno grupo, tipo de personalidade, origem étnica ou profissão.

Se todos tomarmos a iniciativa de incluir em nossas amizades pessoas muito diferentes de nós, o que veremos é que ao invés de uma igreja composta de subculturas e cliques impenetráveis, teremos uma igreja onde as redes de relacionamentos se sobrepõem e se alargam para cobrir a igreja inteira.

Uma diferença prática entre comunidade baseada no chamado e baseada no conforto é que a primeira nos desafia a formar relacionamentos que não são confortáveis. Isso é necessário para que a rede relacional seja tão inclusiva quanto precisa ser.

VII. Conclusão

Se observarmos como o Novo Testamento descreve a igreja local, este é um dos pilares que sustentam a comunidade bíblica: profundidade de compromisso. Nossa cultura diz para nos comprometermos apenas enquanto nos sentimos confortáveis. Assim como fez com o casamento — onde o compromisso precedia a intimidade — e passou todos os benefícios percebidos à frente do compromisso. Da mesma forma, o compromisso baseado no conforto na igreja não funciona muito bem. Pode atrair uma multidão rapidamente, mas não produz profundidade. E sem profundidade, não se torna aquele farol atraente, sobrenatural, a centelha de luz num mundo escuro. Embora o modelo "compromisso leve" pareça melhor para alcançar o mundo para Cristo, ao longo do tempo ele não se compara a uma comunidade verdadeiramente sobrenatural. Por isso, precisamos aspirar ao compromisso baseado no chamado — onde escolhemos amar todos os desconhecidos em uma nova igreja simplesmente porque fomos chamados por Deus à salvação e ao amor. Com esse fundamento, os relacionamentos florescerão.

Esse é um dos dois pilares: profundidade de compromisso. O segundo é a amplitude do compromisso, que será nosso próximo tema.



Diversidade

I. Introdução

Havia um membro de uma igreja que começou a frequentá-la já com mais de 60 anos, não era cristão, seu nome era Bill. Na época, lecionava uma disciplina em Harvard chamada "A Loucura das Multidões", sobre psicologia das massas, abordando temas como as caças às bruxas na Nova Inglaterra, lendas urbanas e pânico financeiros. Mas uma carreira estudando multidões não o preparou para a igreja local. Segundo ele mesmo, ficou “impressionado com a autenticidade da comunhão cristã diversa”. Ele disse que os relacionamentos aqui pareciam “altamente incomuns” em sua experiência: esses cristãos interagem não como coalizões subdivididas por interesses semelhantes, mas como uma unidade. Isso iniciou o processo que eventualmente levou esse homem a uma nova vida em Cristo.

De onde veio esse testemunho coletivo? Em última instância, veio da graça salvadora de Deus para nós em Jesus. Quando você se torna cristão, você passa por uma transformação completa de identidade. Agora, você é uma nova criação (2 Co 5:17); parte da família de Deus (Gl 4:5); unido a Jesus (Rm 6:1-8). Ser cristão é mais fundamental para sua identidade do que sua família, etnia, profissão, nacionalidade, sexualidade, personalidade — ou qualquer outro critério pelo qual o mundo define identidade. Assim, a unidade compartilhada com cada cristão é mais profunda e permanente do que qualquer outro laço possível. Isso significa que, onde o evangelho existe, a diversidade

também deveria existir. A diversidade é um fruto natural do evangelho.

Por isso, a diversidade provavelmente é mais importante — e ao mesmo tempo menos importante — do que você imaginava. É mais importante porque, como Bill descobriu, quando pessoas sem vínculos ou conexões naturais amam-se sacrificialmente na igreja, isso dá um grande testemunho da verdade do evangelho para o mundo que observa. Portanto, diversidade não é só algo “legal”, mas é central para nosso testemunho. É o resultado do amor fraternal.

Mas, ao mesmo tempo, a diversidade pode ser menos importante do que você pensa — pois ela não é um fim em si mesma. Você pode ter diversidade e, ainda assim, ser uma igreja doente, sem unidade, amor ao evangelho. O tipo de diversidade que atraiu Bill foi justamente porque evidenciava a unidade do evangelho.

Então, se a diversidade é uma parte importante de nosso testemunho, mas ser diverso por si só não é o propósito da igreja, como devemos, como congregação, pensar sobre diversidade entre nós? Nesta aula, começaremos examinando o propósito da diversidade em Efésios 3 e, em seguida, o que exatamente é essa diversidade, de onde ela vem e, por fim, três formas de cultivar nossa unidade na diversidade.

II. O Propósito da Diversidade

Primeiro: qual é o propósito bíblico da diversidade na igreja local? Para responder a essa pergunta, voltemos ao livro de Efésios, que serve de base para todo este seminário central “Vivendo como Igreja”. Veja comigo Efésios 3:8-10, onde vemos a declaração de propósito de Paulo para a igreja local:

“A mim, o menor de todos os santos, foi concedida esta graça: anunciar aos gentios as insondáveis riquezas de Cristo, 9 e esclarecer a todos qual é a administração deste mistério, que desde os séculos passados esteve oculto em Deus, que criou todas as coisas; 10 para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja agora conhecida dos principados e potestades nas regiões celestiais.” (Efésios 3:8-10)

Qual é o propósito eterno de Deus? Que a igreja revele sua sabedoria a toda criação. Como? Paulo diz que isso tem a ver com um mistério que agora Deus revelou. Qual é esse mistério? Ele já nos disse, no versículo 6 do capítulo 3:

“Esse mistério é que, mediante o evangelho, os gentios são coerdeiros com Israel, membros do mesmo corpo e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus.”

O que Deus fez é maravilhoso! Ele prometeu em Isaías 49:6: “É pouco que você seja meu servo para restaurar as tribos de Jacó e trazer de volta os preservados de Israel; eu farei de você luz para os gentios, para que minha salvação chegue até os confins da terra.” Agora, em Cristo, usando o ministério de Paulo, Deus realizou isso. Agora, em Cristo, os descendentes de Abraão não são apenas os que têm sua carne, mas os que compartilham sua fé.

E por que até mesmo “os principados e potestades nas regiões celestiais” prestam atenção à unidade entre judeus e gentios na igreja? Porque antes de Cristo eles eram totalmente separados — uma separação que Paulo chama em 2:14 de “muro de inimizade”. Esses dois grupos tinham etnias, culturas e crenças teológicas diferentes, e toda essa separação era abertamente hostil.

“Mas”, um leitor do primeiro século poderia objetar, “esse tipo de unidade é impossível! Seria preciso um milagre!” E esse é exatamente o ponto. Veja a doxologia de Paulo em Efésios 3:20-21:

“Ora, àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, de acordo com o seu poder que atua em nós, a ele seja a glória na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém.”

Paulo sabe que, ao descrever judeus e gentios amando-se na igreja de Éfeso, apesar de séculos de hostilidade, está falando de uma unidade infinitamente além da nossa capacidade humana. Se é o poder de Deus que “atua em nós”, Deus será glorificado à medida que sua sabedoria se manifestar por meio da igreja.

Em outras palavras, a diversidade não é o ponto principal — a unidade na diversidade é. Essa unidade é o que demonstra o poder da cruz! No primeiro século, e de forma única na história da salvação, isso significava judeus e gentios adorando juntos. Mas o princípio básico de Efésios 3 permanece: Deus é glorificado quando pessoas antes separadas são unidas em Cristo e se amam apesar de todas as diferenças.

Portanto, se o propósito da diversidade é mostrar o poder do evangelho, precisamos olhar com mais atenção para o que queremos dizer com diversidade. Que tipo de diversidade evidencia o poder da cruz? Isso nos leva ao nosso próximo ponto,

III. O Caráter da Diversidade

Quando Paulo fala de judeus e gentios, ele enfatiza que, sem o poder do evangelho, esses dois grupos permaneceriam separados. Assim, a “diversidade” que estamos considerando inclui muitas áreas em que o mundo levanta barreiras, mas são áreas onde a igreja deve ser marcada pela unidade e comunhão. Vamos identificar seis delas em especial:

1. **Limites de etnia:** para muitos, ao ouvirem a palavra “diversidade”, pensam logo em diversidade étnica. E, vivendo em uma sociedade onde o racismo não é apenas uma memória, mas uma realidade presente, precisamos nos preocupar com o amor cristão que ultrapassa barreiras étnicas. As Escrituras celebram a diversidade étnica; certamente, isso faz parte do que Paulo aborda em Efésios 3 com judeus e gentios. O evangelho é verdadeiro independentemente da cor da sua pele — e o evangelho não apaga a cor da sua pele. Judeus e gentios, negros e brancos, latinos e asiáticos unidos em Cristo são “em Cristo” antes de tudo, mas ainda assim cada um possui sua etnia. O mundo pode errar aqui em duas direções: primeiro, o racismo mundano que nega a imagem de Deus no outro; por outro lado, o ídolo do pluralismo que define uma “sociedade diversa e tolerante”, mas sem Cristo no centro — diversidade apenas por diversidade. Como igreja, valorizamos a diversidade étnica porque ela testifica que Cristo é nosso tudo e o centro da nossa identidade. Mas não é só isso.
2. **Limites de idade:** onde mais se vê jovens almoçando com senhoras de 80 anos sem serem parentes? Não é algo comum. Mas foi exatamente isso que o autor desse material presenciou no seu primeiro mês na igreja que faz parte em 2009. Morava numa casa de solteiros chamada Bull Moose e um dos colegas de quarto convidou todas as senhoras idosas da igreja para um almoço de Dia dos Namorados. Recrutou vários rapazes de vinte e poucos anos para preparar quiche e salada. Universitários se arrumaram, servimos chá para nossas irmãs em Cristo, compartilhamos testemunhos da bondade de Deus e cantamos “Amazing Grace”. Foi um dos momentos mais marcantes de comunhão que já vivi — justamente porque nossas diferenças destacavam nossa unidade em Cristo.

3. **Limites econômicos:** o mundo está acostumado a ver ricos fazendo caridade para pobres. Mas, ao voltarem para casa, os ricos se encontram com outros ricos — ou pelo menos com quem tem formação semelhante. Não deveria ser assim na igreja. Por isso Tiago repreende a igreja em Tiago 2 por favorecer os ricos. Deus abomina o favoritismo. Alguns na igreja podem ter bens caros ou frequentar bons restaurantes. Quem não pode pagar por esses luxos deve proteger o coração da inveja. Mas quem pode não deve supor que todos estão na mesma situação financeira.
4. **Limites políticos:** a igreja local deve se posicionar fortemente em questões morais. Mas raramente essa autoridade moral se traduz diretamente em políticas públicas específicas. Por isso, a igreja deve ser um local onde cristãos com diferentes visões de governo encontram comunhão na realidade suprema do reino de Deus. Para nós, em Capitol Hill, isso é ainda mais importante. Se você trabalha com política, pode debater a semana inteira, mas como igreja estamos unidos em submissão ao Rei Jesus.
5. **Limites de personalidade:** 1 Coríntios 12 diz que todos têm um dom e todos são necessários no corpo. Se alguém é socialmente tímido, será que encontrará na igreja um refúgio? Ou será tratado com a mesma impaciência do mundo frio lá fora? Os extrovertidos podem fazer amizades mais rápido, mas isso não os torna mais essenciais do que o introvertido que ouve, ama e serve de todo o coração.
6. **Limites de contexto cultural:** Para quem cresceu na igreja, o contexto cultural traz expectativas sobre como a igreja deve ser. Portanto, algum grau de sacrifício é necessário para termos

uma igreja composta de cristãos de diferentes origens: suburbana, rural, urbana; tradições litúrgicas, pentecostais, afro-americanas; e de muitos países. E está tudo bem. Devemos admitir que nossa igreja tem uma determinada cultura: usamos o português, temos acompanhamento musical simples, nossos cânticos vêm da tradição euro-americana. Mas o sacrifício é necessário de todos, tanto da minoria quanto da maioria cultural. Para quem está na maioria, esse sacrifício pode começar perguntando aos irmãos de outros contextos o que pode ser desconfortável para eles na igreja e como servi-los melhor.

Esse é um bom momento para louvar ao Senhor pela diversidade que já existe entre nós em todas essas áreas. Temos espaço para crescer? Sim. Mas posso pensar em muitos exemplos de pessoas que cruzam essas barreiras de forma altruísta e alegre para buscar o bem espiritual do próximo. Esse tipo de amor confunde o mundo à nossa volta de forma positiva. Também não é fácil. Não desanimemos de fazer o bem. Ânimo: 1 João 3:14 nos lembra: “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos.”

IV. O Fundamento da Diversidade

Agora, talvez você se pergunte: tudo isso é ótimo — mas como podemos crescer em diversidade em todas essas áreas? Minha resposta pode parecer ingênua, até ofensivamente ingênua. O que devemos fazer para que unidade e diversidade coexistam em nossas igrejas? No sentido mais importante, não fazemos nada.

Considere as evidências de Efésios 2-3 que vimos há pouco. Paulo diz em 2:14-16:

“Pois ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um e destruiu a barreira, o muro de inimizade, 15 abolindo em seu corpo a lei dos mandamentos expressos em ordenanças, para que em si mesmo criasse dos dois um novo homem, fazendo a paz, 16 e reconciliasse ambos com Deus em um só corpo, por meio da cruz, pela qual ele destruiu a inimizade.”

Quem fez isso? Quem criou um novo homem e fez a paz? Cristo! Nessas passagens, Paulo apenas descreve o que aconteceu em nossa salvação. Não fazemos nada para criar essa unidade — o único verbo imperativo é lembrar do que Deus fez (2:11,12).

Mas o fato de Deus estabelecer nossa unidade significa que devemos nos acomodar e esperar que pessoas de diferentes personalidades e origens se amem automaticamente? De forma alguma. Podemos, de maneira egoísta e pecaminosa, resistir à unidade. Somos pessoas caídas; enfrentamos tentações constantes para ir contra a unidade estabelecida por Deus. E seria ingênuo ignorar que realidades históricas também nos influenciam. Pressupostos sobre etnia, classe e cultura muitas vezes são herdados e precisam ser corrigidos pela verdade bíblica. Não partimos de um ponto neutro, mas como pessoas caídas e complexas. Começamos admitindo que nossa unidade vem apenas de Cristo. Mas, em vez de resistir à unidade, somos chamados a abraçá-la e cultivá-la. Como um agricultor regando e adubando uma planta, reconhecemos que não damos vida à planta da unidade, mas nossas ações são fundamentais para que ela cresça e permaneça saudável.

Assim, logo após Paulo afirmar que só Deus une judeus e gentios na igreja de Éfeso, ele diz em Efésios 4:3: “Façam todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.” Como em tantas cartas de Paulo, a primeira metade de Efésios diz: “É assim que vocês são em Cristo” — não só pecadores vivificados, mas estrangeiros tornados um. A segunda metade, então, diz: “Portanto, vivam como

quem vocês são em Cristo.” O evangelho nos uniu — agora, façam todo o esforço para manter a unidade estabelecida pelo vínculo da paz conquistada por Cristo.

V. Como cultivar a unidade na diversidade?

Como fazemos isso? Muito poderia ser dito. Primeiro, precisamos reconhecer que “diversidade total” ou “definitiva” não será encontrada em nenhuma igreja na terra, especialmente porque ainda falamos línguas diferentes. No céu isso não importará mais, mas até lá, Deus não se entristece pelo fato de seu povo falar línguas diferentes — e isso significa que nossas igrejas serão específicas em relação à língua, e, portanto, também à cultura, já que a língua é parte da cultura. Toda igreja é local, e a diversidade de cada uma será limitada por sua localização e idioma. E está tudo certo.

Mas, depois de reconhecermos isso, como cultivar unidade na diversidade em nosso contexto? Claro que começamos com oração — por isso oramos por nossa unidade na diversidade quase todo domingo à noite. Além disso, foquemos em três sugestões. Primeiro:

A. Reconheça a invisibilidade da sua cultura

Já te disseram que você tinha um “sotaque”? No começo, minha reação era: “Eu não tenho sotaque. Quem fala estranho são os outros.” Com a cultura é igual. Quem faz parte da cultura majoritária da igreja geralmente não percebe isso. Quem está na minoria percebe. Por exemplo, o autor conta que ao liderar a oração de confissão num domingo, a maioria dos pecados que confessara eram lutas comuns entre jovens, especialmente homens. E os pastores o desafiaram depois! Ele partiu de sua experiência, supondo que todos eram como

ele. Deveria ter refletido mais amplamente e orado sobre as lutas dos seus irmãos e irmãs de 75 anos também.

Em Atos 6, quando surge conflito entre dois grupos na igreja, foi porque as viúvas de fala grega estavam sendo “negligenciadas” na distribuição diária de alimentos. O fato de a reclamação ser contra os judeus de fala aramaica, e dos apóstolos levarem o problema a sério, sugere que talvez a maioria não percebesse as necessidades dos outros. Quando Paulo diz em Romanos 12:10-11 para “amarem uns aos outros com amor fraternal” e “preferirem dar honra uns aos outros”, isso certamente envolve tornar mais visíveis as pressuposições da nossa própria cultura para podermos cuidar melhor do próximo. Uma das melhores formas de fazer isso é, nos relacionamentos, fazer perguntas sinceras e abertas para aprender sobre a vida dos outros e como a experiência cristã deles pode ser diferente da nossa. Não se trata de interrogar ou deixar alguém constrangido, mas de, com humildade, buscar conhecer e aprender sobre a história, alegrias e lutas do outro. Isso nos leva à segunda sugestão:

B. Abrace quem é diferente de você

Veja 1 Coríntios 12:13-14: “Pois em um só Espírito todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito. O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos.”

Imagine se a igreja de Corinto, ao ouvir esse versículo, decidisse criar grupos separados para judeus, gregos, escravos e livres, pois Paulo estava falando de unidade. Diríamos: “Não! Não é isso que Paulo quer!” Mas, se só buscamos comunhão com quem é igual a nós, é exatamente isso que estamos fazendo.

Talvez você pense: “Então não pode ter grupo de jovens, de mulheres, de homens?” Não necessariamente. Ter amizades com pessoas da mesma idade, gênero, etnia ou profissão pode ser ótimo. Deus usa esses relacionamentos para trabalhar no nosso coração, pois podemos falar a partir da mesma experiência. Relacionamentos por afinidade não são ruins. Mas podem ser perigosos se caracterizarem tanto nossa comunidade que obscurecem a diversidade natural que o evangelho produz.

A imagem do “prato balanceado” do Departamento de Agricultura é útil aqui. (Quando eu era criança, era a pirâmide alimentar, mas agora é um prato.) Não é saudável comer só hambúrguer e batata frita — o prato tem espaço para frutas, verduras, cereais, proteínas. Assim, devemos buscar um “prato balanceado” de relacionamentos na igreja. Há relacionamentos em que alguém investe em você, outros em que você discipula alguém, amizades mútuas e, o principal, relacionamentos em que você só é amigo porque ambos são cristãos, não por motivos naturais. Todos são importantes. Alguns se sobrepõem, mas se não há amigos só por causa de Cristo, há motivo para preocupação.

Um bom começo é se perguntar: Com que frequência converso de verdade com pessoas de outra idade? De outra profissão? Quem na igreja, de outra etnia, conheço bem o suficiente para orar especificamente pela família e pelo emprego deles? Se você não é negro, já perguntou a algum irmão ou irmã negra o que pensa sobre os protestos contra a violência policial? O que acham do movimento “Vidas Negras Importam” como cristão? Há algo que, como não-negro, eu deva saber ou entender melhor? E podemos multiplicar essas perguntas para outras etnias e áreas.

E se você percebe que conhece poucas pessoas diferentes? Ou quer crescer nisso? Chegamos à terceira sugestão:

C. Faça sacrifícios pela unidade

Paulo diz em Romanos 12:1 para “oferecerem seus corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus — este é o culto racional de vocês.” Como isso se aplica na igreja? No mesmo capítulo: 12:9, “O amor deve ser sincero.” 12:13, “Pratiquem a hospitalidade.” 12:16, “Não sejam orgulhosos, mas estejam dispostos a associar-se a pessoas de posição inferior.”

É possível gostar da ideia de uma igreja diversa, mas nunca se esforçar para conhecer alguém diferente. Deus não quer que sejamos consumidores na igreja, mas sim produtores. Se valorizamos a diversidade, precisamos agir e fazer sacrifícios pessoais para que ela cresça.

VI. Que tipo de sacrifícios?

- Sacrificar nosso conforto para se aproximar de quem não nos atrai naturalmente. Mc 9:35: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último e servo de todos.”
- Sacrificar nossas preferências — seja qual comida servida no evento, quais músicas gostaríamos de cantar. Rm 12:10: “Prefiram dar honra aos outros mais do que a si próprios.”
- Sacrificar nossos recursos e tempo para servir membros da igreja em necessidade, recebê-los em casa, dar carona, cuidar dos filhos deles. 1 Jo 3:18: “Não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade.”
- Sacrificar nossos hábitos para conhecer quem tem rotina diferente ou mora longe. Se você sempre planeja tudo com dois meses de antecedência, esteja disposto a almoçar

espontaneamente com alguém diferente após o culto — e vice-versa.

Novamente, o objetivo desses sacrifícios não é diversidade por diversidade. Não é marcar a caixinha “tenho amigos que são diferentes”. A morte de Cristo já conquistou e produziu nossa unidade fundamental. Agora, ao cultivar nossa unidade na diversidade, damos testemunho da sabedoria e graça incomparáveis de Deus. Que privilégio é conspirarmos juntos para cultivar nossa unidade como igreja, edificando uns aos outros e tornando o nome dele famoso!

Para encerrar, deixo uma visão maravilhosa de como será toda a nossa diversidade — e a da igreja universal, ao longo do tempo — diante do trono de Cristo. Apocalipse 7:9-12:

“Depois disso olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e do Cordeiro, vestidos de vestes brancas e com palmas nas mãos. E clamavam em alta voz: ‘A salvação pertence ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro.’”

IV

Pregação e oração

I. Introdução

A vida da nossa igreja deve ser evidentemente sobrenatural. Ou seja, quando as pessoas observarem nossa igreja, elas devem perceber, na profundidade e amplitude dos nossos relacionamentos, algo que vai além do que seria possível explicar por meios naturais.

Deus revelou seus meios normais para realizar o sobrenatural. Hoje, queremos olhar especialmente para os meios sobrenaturais que Deus usa para edificar sua igreja: a oração e a pregação.

A pregação é um dos meios normais da graça sobrenatural. Veja o que diz Romanos 10:17: “Consequentemente, a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo.” O amor sobrenatural nasce da fé sobrenatural, certo? A pregação é o meio ordinário pelo qual Deus concede o dom sobrenatural da fé ao seu povo.

Como mencionei, o outro meio de graça que queremos examinar é a oração. Jesus nos disse em João 14:13 “E eu farei o que vocês pedirem em meu nome, para que o Pai seja glorificado no Filho. 14 O que vocês pedirem em meu nome, eu farei.” Portanto, outra forma de vermos Deus agindo de modo sobrenatural em nossas igrejas é nos aproximando dele em oração, sabendo que, em Cristo, Deus ouvirá nosso louvor, nossa confissão, nossa gratidão e nossos pedidos.

Vamos olhar mais de perto para cada um desses meios. Como podemos participar de uma comunidade com unidade sobrenatural nesta igreja? Principalmente ao ouvirmos a Palavra de Deus e ao orarmos. Vamos começar com a Palavra.

II. Pregação

A. A Importância da Pregação

O fato de a pregação ser o meio de Deus para realizar o sobrenatural não deveria nos surpreender. Afinal, Deus sempre formou seu povo por meio de sua palavra. No princípio, Deus criou todas as coisas pelo poder da sua palavra. Ele criou o povo de Israel pela palavra da lei no Monte Sinai. Deus traz vida por meio da sua palavra, como vemos na visão de Ezequiel sobre o vale de ossos secos. Lá lemos:

“Profetizei conforme a ordem que recebera. Enquanto eu profetizava, houve um barulho, um som de chocalho, e os ossos se juntaram, osso com osso... Profetizei conforme a ordem que recebera, e o fôlego entrou neles; eles receberam vida e se puseram em pé; era um exército enorme.” (Ez 37:7, 10). Imagine: um homem falando e corpos mortos ganhando vida.

A palavra de Deus, proclamada por Ezequiel, é o que traz vida ao seu povo. É exatamente isso que vemos no Novo Testamento. Jesus — a Palavra de Deus feita carne — ensinou ao povo de Deus. E é a pregação de Pedro em Atos 2 que dá início à igreja, e o ensino fiel dos apóstolos que a sustenta.

A palavra de Deus é central para a identidade do seu povo. O cristianismo não trata primeiramente de experiências espirituais, nem apenas de uma comunidade acolhedora ou de atos de serviço — embora envolva tudo isso. Mas, antes de tudo, é uma mensagem

fundamentada em fatos históricos: “que Cristo morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras, que foi sepultado, que ressuscitou ao terceiro dia segundo as Escrituras, e que apareceu a Pedro e depois aos Doze.” (1Co 15:4-5). Essa é a boa notícia, o Evangelho. E a pregação dessa mensagem é a fonte da nossa vida como igreja e da vida eterna para cada um de nós.

B. Especialmente a Pregação Expositiva

É possível haver pregação e não ver nada sobrenatural acontecer. Nem toda pregação é fiel. E nem todos os ouvintes são fiéis. Basta lembrar quantas pessoas ouviram o próprio Jesus e saíram dali sem mudança. Por isso, primeiro quero falar sobre que tipo de pregação deve ser vista como normal — e então, o que acontece quando essa pregação encontra a comunidade do povo de Deus.

Que tipo de pregação cria o povo de Deus de maneira sobrenatural? Em uma palavra: a pregação expositiva. Aquela que “expõe” um texto das Escrituras para nós. Quando dizemos que um sermão é expositivo, queremos dizer que ele foi planejado para explicar um texto específico da Escritura, de modo que o ponto principal do sermão seja o ponto principal do texto.

A alternativa é o que chamamos de pregação “temática” — na qual o pregador determina o ponto central que quer comunicar e pode ou não usar um texto bíblico para fundamentar sua mensagem.

A pregação temática não é ruim — temos sermões temáticos bons, mas uma sequência predominante de pregações expositivas fará a congregação crescer melhor e de forma mais duradoura. Por quê? Porque, ao pregar expositivamente, passando por textos bíblicos

semana após semana, a congregação compreende melhor a Escritura em seu contexto.

Deixe-me explicar três vantagens específicas da pregação expositiva: Quando o pastor prega uma série de textos, baseando cada sermão no ponto principal de um texto bíblico (e não em um tema), a Palavra de Deus determina a agenda do sermão. De forma prática, a pregação expositiva obriga o pregador a abordar versículos que podem deixá-lo desconfortável ou que não se encaixam facilmente em sua teologia.

A pregação expositiva é uma maneira melhor de ensinar a Bíblia. Quando o pastor prega um texto no seu contexto, tomando seu ponto central como o ponto da mensagem — ele e a congregação frequentemente ouvem de Deus coisas que não sabiam antes de estudar o texto.

E, por fim, a pregação expositiva ensina a congregação a ler e estudar a Bíblia por si mesma. Quando, semana após semana, o sermão ensina a igreja a ser fiel em explicar e aplicar a Palavra de Deus, a Bíblia passa a permear cada aspecto da vida em comunidade.

C. Pregação = Palavra de Deus + Povo de Deus

Mas se pararmos por aqui, não teremos explorado tudo que a pregação faz numa igreja. Porque pregar não é apenas expor a Palavra de Deus; é a Palavra de Deus para o povo de Deus. E o que acontece quando a Palavra de Deus encontra o povo de Deus? Três coisas para considerar.

1. Aplicação

Mais obviamente, aplicamos a Palavra de Deus. Pense na grande responsabilidade que temos — nós que temos o privilégio de ouvir

pregação centrada no evangelho toda semana. Oro para que, no Último Dia, vejamos o fruto dessa pregação em nossas vidas.

Há algumas coisas que podemos fazer para aplicar melhor os sermões: ler a passagem durante nossos momentos de devocional na semana, orar pelo pregador e pela nossa aplicação, e tomar notas.

Mas, além disso, devemos enxergar a aplicação do sermão como um esforço coletivo, e não apenas individual.

Então, uma boa pergunta a se fazer: você tem ajudado, de forma fiel e humilde, a aplicar a verdade recebida à vida dos seus irmãos e irmãs em Cristo? Eles conhecem sua vida suficientemente — e você a deles — para que possam ajudar uns aos outros a aplicar o sermão de maneiras que talvez não imaginariam sozinhos? Algumas ideias de como fazer isso: (1) conversar sobre o sermão após o culto ou durante o almoço; (2) aprofundar os pontos de aplicação em pequenos grupos; (3) em relacionamentos de discipulado; (4) em devocionais em família; (5) ao invés de tentar lembrar páginas de anotações de cada sermão, escolher uma ou duas coisas a cada semana para aplicar de forma intencional — e conversar com outros sobre elas. Deus nos oferece um banquete a cada semana. Vamos aproveitar!

2. Contextualização

Mas isso não é tudo o que acontece quando a pregação ocorre no contexto da comunidade. A Palavra é aplicada às necessidades específicas da nossa congregação, às nossas limitações, ao modo como Deus tem agido entre nós, levando em conta nosso perfil e contexto.

3. Autoridade

A pregação na igreja deve explicar, interpretar e aplicar as Escrituras. Em certo sentido, sua autoridade está na própria Escritura. Mas sabemos que, como seres humanos pecadores, podemos errar ao explicar, interpretar e aplicar a Palavra inerrante. A pregação vai além disso. Veja, a pregação na igreja é respaldada pelo testemunho unido de uma comunidade inteira de cristãos — cada um com suas falhas, mas todos habitados pelo Espírito que dá vida. Quando a igreja funciona como deveria, as palavras pregadas no domingo são confirmadas, de forma tácita, pelos presbíteros — e, em última instância, pela congregação como um todo. Se um pregador começar a ensinar algo contrário às Escrituras, então os membros têm o dever de agir.

O autor conta que o pastor de sua igreja já disse muitas vezes: “Se eu começar a pregar outro evangelho, me demitam.”

A congregação é a autoridade final em questões doutrinárias, como vemos claramente em Gálatas 1, quando Paulo exorta a igreja a exigir verdadeira pregação, e também em 2 Timóteo 4:3, quando ele adverte que alguns podem passar a desejar falsos ensinamentos — assim, temos ainda mais confiança na verdade daquilo que ouvimos em uma igreja saudável, pois é respaldado pelo testemunho de uma comunidade cristã. Quanto mais se conhece a comunidade da igreja, mais se pode confiar em sua pregação. E uma boa pregação alimenta uma boa comunidade.

Portanto, podemos fazer parte da comunidade sobrenatural da igreja local por meio da pregação — ao ouvirmos boa pregação, aplicando-a em nós mesmos e nos outros, e apoiando a pregação fiel. Mas isso também acontece por meio da oração, que é o próximo assunto.

IV. Oração

Quero que usemos o restante do nosso tempo para refletir especificamente sobre a oração na vida da igreja local.

Acredito que todos entendemos que a oração é importante. Mas, ao pensarmos em oração, geralmente a primeira coisa que vem à mente — pelo menos para mim — é a oração individual. Mas a Bíblia também nos chama claramente a orarmos juntos. Veja a Oração do Senhor, que Jesus nos deu em Mateus 6: “Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome, venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.”

Quando Jesus nos deu um modelo de oração, ele o fez de um modo que recomenda ainda mais o uso coletivo, como corpo, do que privado. Uma das principais formas de orarmos como igreja é quando nos reunimos. Então, vamos começar por que a oração congregacional é tão importante?

A. Por que a oração coletiva é importante?

Deus usa nossa oração conjunta para avançar seu reino. Oramos juntos porque, simplesmente, precisamos. Oramos por necessidade — porque precisamos que Deus aja. Assim como vemos no livro de Atos. Lá, a igreja primitiva enfrentou vários obstáculos, inclusive perseguição, e ainda assim continuou crescendo. Em várias ocasiões, vemos que, diante da perseguição, a igreja se reunia para orar. Em Atos 4, por exemplo, Pedro e João são libertos da prisão, e a igreja se reúne para ouvir seu relato. Seria natural que, com seus líderes presos, as pessoas preferissem orar separadamente em vez de arriscar se reunir. Mas a oração coletiva era tão importante que eles se reuniram para orar, louvando a Deus por sua soberania e pedindo ousadia diante das

ameaças. E então Lucas nos conta: “Depois de orarem, tremeu o lugar em que estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e anunciavam corajosamente a palavra de Deus.” (Atos 4:31)

Deus é glorificado pela unidade da nossa oração. A unidade do povo de Deus glorifica o Senhor. Por isso, em Efésios 4, Paulo exorta toda a igreja a manter a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Orar juntos é uma forma de obedecermos a esse mandamento, ao nos unirmos visivelmente como povo de Deus em oração.

A unidade demonstrada ao buscarmos a Deus juntos em oração é especialmente marcante. Destaco dois pontos: (a) a oração conjunta é um meio de graça em que crescemos espiritualmente ao ouvirmos o compromisso dos outros com a oração; e (b) a oração coletiva pode servir de potente testemunho para não cristãos, que percebem o amor e o compromisso que os cristãos têm uns pelos outros em suas orações.

A oração coletiva nos une. A oração em conjunto não apenas resulta da nossa unidade, mas também contribui para criá-la. Quando oramos juntos, deixamos de lado nossos próprios desejos e nos concentramos em Deus e nos outros. Aos domingos à noite, por exemplo, o autor conta que oram uns pelos outros de várias formas: agradecem a Deus pela graça na vida das pessoas, oram pela saúde física, pelo bem-estar espiritual, pelos ministérios, etc. Orar por outros e ouvir outros orarem por nós naturalmente nos aproxima, pois aprendemos mais uns sobre os outros e sentimos o efeito dessas orações na obra do Espírito Santo. Muitos descrevem o culto à noite como nosso tempo em família, e um dos principais motivos é justamente esse momento de oração unida.

Uma ideia para apoiar essa unidade: pense se há pedidos de oração ou testemunhos da graça de Deus que você pode compartilhar com a congregação, para nos unirmos ainda mais e nos ajudar a admirar o poder e a misericórdia do nosso Deus. Considere a oração coletiva como um serviço à congregação. Para alguns, isso pode parecer estranho. Somos pessoas reservadas, que pensam que pedir oração é um peso para os outros. Mas a Bíblia não vê assim. Há um excelente exemplo em 2 Coríntios 1, quando Paulo compartilha sobre uma situação difícil:

“Não queremos que vocês ignorem as tribulações que sofremos na província da Ásia. Fomos pressionados além do que podíamos suportar, a ponto de perdermos a esperança da própria vida. De fato, já tínhamos em nosso coração a sentença de morte. Mas isso aconteceu para que não confiássemos em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos. Ele nos livrou e continuará nos livrando de tal perigo de morte. Nele temos depositado a nossa esperança de que continuará a livrar-nos, enquanto vocês nos ajudam com as suas orações. Assim, muitos darão graças por nossa causa pelo favor a nós concedido em resposta às orações de muitos.” (2Co 1:8-11)

Esse último versículo é central: “Assim, muitos darão graças por nossa causa pelo favor a nós concedido em resposta às orações de muitos.” Orar por Paulo não foi um peso, e sim uma bênção, pois puderam compartilhar da alegria da constante libertação dada por Deus. E se Paulo tivesse decidido não envolver a igreja em seus problemas? Devemos agradecer a Deus por ele não ter feito isso.

Então, pense em como compartilhar suas necessidades com outros, para que sejamos mais unidos como crentes e encorajados pelo incrível agir de Deus. Você está lutando na fé? No trabalho? No casamento? Com evangelismo? Lembro de um irmão que compartilhou, num domingo à noite, que estava com dificuldades para

crer em Deus. Sua sinceridade foi um exemplo, e ao orarmos juntos por ele, pudemos louvar a Deus quando nossas orações foram respondidas. Permita que outros apresentem você ao Senhor em oração — é um privilégio para eles.

A oração coletiva nos ensina a orar. Já notou que nossos cultos seguem o mesmo roteiro que muitos cristãos usam em seus momentos devocionais? Seguem o caminho do evangelho: contemplamos a santidade de Deus, o nosso pecado, a obra de Cristo na cruz e nossa resposta. E nossa oração coletiva segue o modelo ACGS — adoração, confissão, gratidão, súplica — embora nem sempre nessa ordem. Por quê? Porque oramos juntos, em parte, para aprendermos como orar. Deixe-me explicar.

É um bom exercício focar apenas em louvar a Deus. Assim, nossas orações de adoração ensinam o que significa contemplar a beleza do Senhor e nos alegrar nele. De forma semelhante, a confissão é desconfortável, e tendemos a passar logo para pedir mudanças. Mas, ao fazer isso, perdemos a oportunidade de sondar nossos corações e reconhecer o que está realmente lá. Ter um tempo prolongado só para confissão torna a certeza do perdão — lida na Bíblia e cantada em resposta — muito mais alegre. E as orações de súplica e de gratidão também nos ensinam. Por exemplo, na oração de súplica, o pastor da igreja do autor desse estudo, ora por muito mais do que apenas pelas suas necessidades pessoais. Ele ora pelo governo, pela igreja perseguida, por missões, evangelismo, pela igreja que ele pastoreia — e finaliza orando pelos pontos do sermão. “Se você acompanhar atentamente enquanto somos conduzidos em oração, espero que isso melhore sua própria vida de oração”, afirma o autor.

B. Orando pela sua igreja

Algumas sugestões de como você pode orar diariamente por sua igreja. (À medida que isso se tornar parte da rotina da igreja, você verá coisas maravilhosas acontecerem em seu meio.)

Ore pelo pregador. Lembre-se do pedido de Paulo aos efésios: “Orem também por mim, para que, quando eu falar, seja-me dada a mensagem, a fim de que, destemidamente, torne conhecido o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador preso em correntes. Orem para que eu permaneça destemido ao proclamá-lo, como devo fazê-lo.” (Ef 6:19-20). Se o grande apóstolo Paulo precisava de oração para pregar, certamente nossos pregadores também precisam.

Ore pela diretoria da igreja. Sei que você já ouviu isso antes. E sei que envolve orar por pessoas que você talvez não conheça. Mas a boa notícia é que, ao orar pelas pessoas da diretoria, você vai conhecê-las mais rápido. Assim como Paulo orava pelos cristãos romanos que nunca conheceu pessoalmente, orar diariamente por pessoas sem ligação direta — só porque são membros da igreja — é algo que honra muito a Deus.

Ore pela igreja como um todo. A cultura da igreja são os hábitos, expectativas e comportamentos que passam a nos caracterizar como comunidade. Talvez você já tenha notado que, aos domingos à noite, oramos por várias coisas — como para que haja verdadeira unidade na diversidade, para que nossos relacionamentos sejam transparentes, para que vejamos hospitalidade como parte importante de seguir a Cristo. O autor conta que fez uma lista há anos para registrar as características distintas que Deus construiu onde congrega e que a lista se encontra na capa interna do boletim da igreja — e que também colocou uma cópia no verso do seu folheto. Também afirma que é uma ótima lista para orar sozinho, além dos dois ou três itens que eles oram juntos todo domingo à noite.

V. Conclusão

Então... como esperamos ver o sobrenatural agindo em nossa igreja? Celebramos a pregação regular da Palavra de Deus e oramos. Esses são os meios normais pelos quais Deus faz o sobrenatural. Seus meios ordinários de graça.



Governança

I. Introdução

Quero começar fazendo uma pergunta a todos: quem toma as decisões na sua igreja?

É sobre isso que queremos refletir hoje: Governança da Igreja. Não sei se muitos de vocês acordaram no meio da noite esta semana preocupados com esse tema. Sinceramente, governança não é algo em que a maioria dos cristãos pensa com frequência. É como um pistão no motor do carro: sabemos que é importante, mas não damos muita atenção. No entanto, se não estivesse lá, ou estivesse quebrado, com certeza perceberíamos.

Por isso, a importância de falar sobre governança, pois é parte fundamental para manter a igreja fiel à missão dada por Deus ao longo de muitas décadas. E quanto mais entendermos como ela funciona, melhor poderemos ajustar nossa vida como membros para promover a unidade na congregação.

Para começar, vamos definir governança da igreja. É o sistema pelo qual as decisões são tomadas na igreja. Onde reside a autoridade. Então, pense, por exemplo, na questão do que incluir em nossa declaração de fé. Como decidimos isso depende do nosso sistema de governança. A governança pode ser uma grande ferramenta para a unidade – ou um grande obstáculo, caso mal conduzida. Se pensarmos em quem detém a autoridade decisória numa família, vemos o quanto

esse conceito é crucial: quando as crianças querem sorvete no jantar e ficar acordadas até 1h da manhã, precisam ser lembradas de que quem manda são os pais. Da mesma forma, precisamos saber quem detém autoridade na igreja.

A governança é importante, em parte, porque Deus escreveu sobre ela em Sua Palavra. Então, Ele é glorificado quando seguimos Suas orientações. E, ao fazermos isso, a autoridade adequada protege e favorece a unidade da igreja.

Dito isso, vou apresentar um breve roteiro para nosso tempo juntos hoje. Vamos olhar para os dois principais ofícios de liderança dados nas Escrituras: presbíteros e diáconos. Depois, vamos refletir sobre o papel da congregação como autoridade final nas decisões. Ao considerar esses temas, queremos focar especialmente na unidade: como organizar a igreja segundo as Escrituras promove unidade e como cada um pode viver dentro dessa estrutura para maximizar o amor e o testemunho da igreja.

II. Ofícios Bíblicos da Igreja

Vamos começar pelos ofícios que a Bíblia descreve: presbíteros e diáconos. Nosso foco hoje é o benefício dessas estruturas de autoridade para a unidade na igreja.

A. Presbíteros

Começemos com o ofício de presbítero. O termo presbítero (ou, no grego, presbuteros) é usado de forma intercambiável com supervisor ou bispo (episkopos) e pastor (poimenas). (Veja Atos 20:17-37.)

Os presbíteros são responsáveis pela supervisão espiritual da igreja. Em Atos 20:28, Paulo diz aos presbíteros de Éfeso: “Cuidem de vocês

mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que Ele comprou com o Seu próprio sangue.”

Vemos em Atos 6 que os presbíteros devem se dedicar especialmente à oração e ao ministério da Palavra. Eles também são o principal corpo governante da igreja. 1 Timóteo 5:17: “Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra”; veja também 1 Pedro 5:2-5.

Diante disso, sugiro quatro formas de uma liderança bíblica de presbíteros promover e proteger a unidade na igreja:

Primeiro, esse modelo coloca a autoridade nas mãos dos mais qualificados para exercê-la. Confia as principais funções de pregação, ensino e decisões significativas àqueles que atendem às qualificações de 1 Timóteo 3 e Tito 1:6-9 (1 Timóteo 5:17; Hebreus 13:17). Assim como você provavelmente não confiaria seu tratamento médico a alguém sem formação, a igreja tem a segurança de que quem assume as maiores responsabilidades atende aos critérios bíblicos de caráter e capacidade para servir. Isso promove unidade, pois reconhecemos um padrão comum que os presbíteros devem seguir.

Segundo, a liderança dos presbíteros atribui responsabilidade especial pela saúde espiritual dos membros àqueles que têm prestação de contas direta a Deus. Em Hebreus 13:17, lemos que os presbíteros “velam por vocês como quem deve prestar contas”. Isso significa que, se tivermos presbíteros piedosos, eles nos liderarão como quem teme a Deus em primeiro lugar, não a nós. Deus os responsabiliza por obedecer a Efésios 4:12-13, que diz que o papel do pastor é preparar a igreja para o serviço e para a unidade na fé.

Terceiro, a autoridade dos presbíteros promove unidade por meio da exigência de Deus de que os membros “obedeçam” aos seus líderes e “se submetam à sua autoridade” (Hebreus 13:17). Quando todos nos submetemos juntos à autoridade, isso gera unidade. Por quê? Porque a postura de submissão nos torna mais humildes e menos teimosos; mais abertos ao outro e menos desafiadores. Como em casa ou em nossa relação com Deus, o reconhecimento humilde da autoridade legítima traz benefícios. Hebreus 13:17 diz: “Obedeçam-lhes para que o trabalho deles seja uma alegria, e não um peso, pois isso não seria proveitoso para vocês.”

Agora, muita gente — especialmente desta geração — sente desconforto com o conceito de autoridade, ainda mais dentro da igreja. Autoridade pode ser abusada, pode ser mal direcionada. Mas Deus criou a autoridade para o nosso bem. É para o bem da igreja como um todo e também para o crescimento espiritual individual, pois aprender a confiar na autoridade faz bem para nossa fé. Quando a autoridade dos presbíteros é exercida com o consentimento e para o bem da congregação, toda a igreja se beneficia enquanto Deus a edifica.

Como membros, somos chamados a nos submeter; mas, por outro lado, os presbíteros são chamados a exercer sua autoridade de modo correto. Em 1 Pedro 5, Pedro exorta: “Pastoreiem o rebanho de Deus... não como dominadores dos que lhes foram confiados, mas sendo exemplos para o rebanho” (v. 2-3). Os presbíteros devem usar sua autoridade cientes de que a igreja pertence a Cristo, não a eles. Devem servir com o coração humilde, como Cristo serviu.

Por fim, o modelo bíblico de liderança promove a unidade ao estabelecer uma pluralidade de presbíteros, em vez de concentrar tudo em uma única pessoa. Em Atos 14:23, lemos: “Paulo e Barnabé

designaram presbíteros para eles em cada igreja e, com orações e jejuns, confiaram-nos ao Senhor, em quem haviam crido.” (Veja também Atos 16:4; 20:17; 21:18; Tito 1:5; Tiago 5:14; Filipenses 1:1.) Muitos outros textos reforçam o conceito de liderança plural. Como isso promove unidade? Decisões tomadas coletivamente têm mais chance de obter apoio da igreja inteira. Lembre-se de Provérbios 15:22: “Os planos fracassam por falta de conselhos, mas são bem-sucedidos quando há muitos conselheiros.” Pluralidade exige humildade entre os presbíteros, e esse exemplo deve se refletir em toda a igreja. Além disso, aumenta a confiança dos membros nas decisões e evita que um só pastor carregue toda a crítica.

Uma liderança plural permite que o cuidado chegue a mais pessoas. É mais fácil para vários presbíteros conhecerem e cuidarem de toda a congregação do que apenas um pastor sozinho. Assim, é menos provável que membros se sintam negligenciados ou sem acesso à liderança.

III. Aplicação:

Como esse entendimento sobre o presbitério muda a forma como vivemos como membros da igreja para construir unidade?

Primeiro, e de forma óbvia, devemos obedecer aos presbíteros e nos submeter à sua liderança. Mas essa autoridade está atrelada ao ensino fiel das Escrituras — Hebreus 13:7 diz: “Lembrem-se dos seus líderes, que lhes falaram a palavra de Deus.”

Isso significa que um presbítero pode dizer que você deve comprar um carro azul ao invés de um vermelho? Não. Os presbíteros têm autoridade para liderar a congregação explicando a Palavra de Deus e aplicando-a em situações específicas. Eles oferecem sabedoria baseada

em princípios bíblicos. Devemos obedecê-los. Em breve, teremos uma aula dedicada a como agir quando discordamos deles. Mas, normalmente, devemos obedecer.

Segundo, devemos buscar tornar o trabalho dos presbíteros uma alegria, e não um fardo. Sabemos por Hebreus 13:17 que isso faz bem para todos. Por isso, busque encorajar e orar pelos presbíteros. Isso também envolve como falamos sobre eles para outros, especialmente para novos cristãos, e como nos relacionamos com eles nas reuniões. Não significa que nunca possamos fazer perguntas ou pedir esclarecimentos, mas que isso deve ser feito de modo respeitoso, presumindo o melhor e ajudando os outros a se alinharem à liderança. Terceiro, considere as qualificações daqueles indicados como possíveis novos presbíteros. Embora a recomendação dos presbíteros deva ter grande peso, também é importante buscar conhecer quem está sendo indicado. Se você não conhece um candidato, aproveite o período entre a indicação e a votação para conversar, tirar dúvidas. Nossa constituição diz que só podemos votar contra a indicação se antes conversarmos com um presbítero sobre nossa preocupação. Isso porque, se há uma preocupação relevante, pode ser motivo para retirar a indicação.

Em tudo isso, lembre-se de que nossos presbíteros servem como subpastores do Supremo Pastor. Eles não serão perfeitos como Jesus. Quando lideram como Ele, devemos encorajá-los e segui-los, assim como seguem a Cristo.

B. Diáconos

O segundo tipo de ofício claramente definido nas Escrituras é o de diácono. No Novo Testamento, a palavra diakonos pode ser traduzida como diácono ou servo, referindo-se ao serviço em geral. Diáconos

cuidam dos detalhes práticos da vida da igreja, como administração, manutenção e assistência aos membros com necessidades físicas. Veja Atos 6:1-6.

As qualificações dos diáconos estão em 1 Timóteo 3:8-12, semelhantes às dos presbíteros. Mas há duas diferenças claras: ao contrário dos presbíteros, os diáconos podem ser homens ou mulheres. E não precisam, necessariamente, saber ensinar (1 Timóteo 3).

Como o entendimento bíblico correto da relação entre diáconos e presbíteros promove unidade na igreja? Em Atos 6 vemos a raiz da distinção de papéis: no versículo 1, os judeus gregos reclamavam que suas viúvas estavam sendo negligenciadas na distribuição diária de alimentos.

Por recomendação dos apóstolos, a igreja escolheu diáconos para tornar a distribuição dos alimentos entre as viúvas mais justa (v. 2-5). Assim, vemos três formas dos diáconos contribuírem para a unidade: Os diáconos cuidam de todos os membros da igreja. O trabalho deles em Atos 6 foi importante porque a negligência das viúvas gregas estava gerando divisão espiritual. Um grupo começou a reclamar do outro — e, de modo perigoso, por questões culturais. A atuação dos diáconos resolveu o problema e preservou a unidade.

Os diáconos permitiram que os apóstolos se dedicassem à Palavra e à oração. Em Atos 6:2-4 lemos: “Não é certo negligenciarmos o ministério da Palavra de Deus para servir às mesas. Escolham entre vocês sete homens de bom testemunho, cheios do Espírito e de sabedoria. Passaremos a eles essa responsabilidade, e nos dedicaremos à oração e ao ministério da Palavra.” Hoje, os diáconos têm o mesmo papel de apoiar o ministério dos presbíteros. Nossos presbíteros podem passar 1-2 horas em oração nas reuniões porque os diáconos

coordenam muitos dos ministérios da igreja. Isso é um retrato vivo de unidade: diáconos servindo humildemente, presbíteros ensinando e liderando, cada um cumprindo o papel dado por Deus.

Por fim, os diáconos cultivam unidade distribuindo o trabalho entre a congregação. Eles coordenam voluntários para ministérios como dar carona aos idosos ou preparar lanches aos domingos. Isso evita sobrecarga em poucos membros e possibilita a todos a alegria de servir.

Quais as implicações do trabalho dos diáconos para nós? Algumas ideias:

Esse entendimento deve informar nossa escolha de diáconos. Se diáconos promovem unidade, quem ocupa esse cargo deve ser agregador, não divisor. Não deve proteger interesses próprios nem fazer do cargo um palanque para suas ideias. Não são como uma segunda câmara legislativa, competindo com os presbíteros. Servem ao todo, com senso de corpo.

Devemos apoiar os diáconos servindo como voluntários em seus ministérios. Assim, promovemos a unidade, encorajamos os diáconos, servimos o corpo e ajudamos a distribuir o trabalho de forma equilibrada.

IV. Congregacionalismo

Até agora, consideramos os ofícios estabelecidos nas Escrituras. Mas e a forma de governo? Quem tem a palavra final nas questões da igreja? Ao ler a Bíblia, vemos que a congregação tem autoridade final em três questões significativas: disciplina, membresia e doutrina. Assim, as Escrituras apoiam o governo congregacional (ou seja, a congregação é a corte de apelação final).

Primeiro, sabemos por Mateus 18:15-17 que a congregação tem a palavra final em casos de disciplina. Se um membro peca contra outro e não se arrepende, Jesus diz: “Diga à igreja.” Da mesma forma, em 1 Coríntios 5, só a congregação pode disciplinar um membro: Paulo diz em 1 Coríntios 5:4: “Quando vocês estiverem reunidos em nome do Senhor Jesus... entreguem esse homem a Satanás para destruição da carne.” Em 2 Coríntios 2:6-8, Paulo exorta toda a igreja a readmitir alguém que havia sido excluído e se arrependeu – mostrando que a congregação também tem a palavra final em questões de membresia. Por fim, o mesmo vale para a doutrina. Em Gálatas 1:8, Paulo diz aos cristãos, não só aos pastores: “Mesmo que nós ou um anjo do céu pregue um evangelho diferente do que lhes pregamos, que seja amaldiçoado!” Em vários momentos do Novo Testamento, é a igreja que é culpada por falso ensino, não apenas os líderes (veja 2 Timóteo 4:3-4). Ou seja, a igreja é responsável, em última instância, pela doutrina.

Isso contribui para a unidade? Sim. Por um lado, essa autoridade nos dá grande responsabilidade como membros. Há o senso de que daremos contas a Jesus por como exercermos nosso papel. Se a saúde da igreja dependesse apenas dos líderes, poderíamos relaxar. Mas, se depende de nós, precisamos nos importar, amar uns aos outros e buscar a unidade.

Essa autoridade também protege a pureza do Evangelho – que é justamente o que nos une como cristãos. A congregação serve como cerca protetora contra o falso ensino ou disciplina de um membro em pecado não arrependido. Pense no “spotter” que observa alguém levantando peso: se o atleta está em perigo, o spotter intervém e assume o controle. Assim, a congregação é chamada a proteger o evangelho. E faz sentido – a história mostra que é mais comum alguns

líderes se desviarem do que uma congregação inteira de crentes regenerados, que conhecem o evangelho e têm o Espírito Santo.

Isso nos leva ao último tema desse momento de estudo: o equilíbrio entre liderança dos presbíteros e o congregacionalismo. Vimos que a Bíblia ensina liderança de presbíteros (e Hebreus 13 diz que os membros devem obedecer e se submeter aos líderes; veja também 1 Timóteo 5:17), mas também vimos que a congregação tem a palavra final em certos temas. Isso nos leva a duas perguntas:

E as outras questões, além de disciplina, doutrina, membresia e disputas pessoais? Por exemplo: reformas no prédio, apoio financeiro a missionários? A congregação deve decidir? O Novo Testamento não trata dessas questões. Assim, até que ponto a congregação se envolve em temas como equipe, orçamento, missões, etc. é questão de prudência de cada igreja. Nossa constituição, por exemplo, exige votação para aprovar o orçamento anual, eleger presbíteros e diáconos, e chamar pastores titulares e auxiliares, entre outros.

Como podemos obedecer ao mandamento bíblico de obedecer e nos submeter aos líderes e, ao mesmo tempo, exercer nossa responsabilidade de guardar a pureza do Evangelho?

Uma forma útil de pensar nisso é considerar a seriedade e clareza da questão.

Por exemplo, se a dúvida é se a Bíblia é toda inspirada ou apenas partes dela. Essa é uma questão séria e clara — a Bíblia toda é inspirada. Nesse caso, se os presbíteros ensinarem errado, a congregação deve intervir para preservar o Evangelho.

Agora, se a questão é aprovar a recomendação de um novo membro, também é sério, mas normalmente não tão claro para todos, pois nem todos conhecem o testemunho da pessoa. Aqui, o mais importante é confiar nos presbíteros, pois são eles que entrevistam e avaliam. Como a decisão requer aprovação congregacional, devemos buscar informação — e, se houver motivo sério para discordar, comunicar aos presbíteros —, mas, geralmente, a tendência deve ser confiar.

Então, como podemos, como membros, contribuir para a unidade participando do processo decisório? Sugiro duas formas:

Devemos levar a sério a responsabilidade de proteger o ensino bíblico e evitar erro na igreja. Gosto do exemplo dos bereanos em Atos 17:11 — “Recebiam a palavra com grande interesse, examinando as Escrituras todos os dias para ver se tudo era assim mesmo.” Se você crê que há erro doutrinário sendo ensinado, procure saber mais, converse pessoalmente com um presbítero sobre o que eles creem — se eles se desviarem da declaração de fé, a congregação precisa agir.

Devemos levar a sério os privilégios e responsabilidades da membresia, inclusive o direito ao voto. Participe das reuniões de membros, que acontecem a cada dois meses, e das votações. Assim, promovemos unidade no corpo. Ao votar junto em temas importantes, como aprovação de orçamento ou eleição de presbíteros, mostramos acordo (quando houver) com a liderança e com a igreja.

V. Conclusão

Ao refletirmos sobre nossa autoridade como igreja, não esqueçamos que só temos autoridade porque Cristo abriu mão da Sua por nós. Ele foi entregue à morte por nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação. É o exemplo de humildade d’Ele que seguimos ao governar esta igreja — que é d’Ele — para a glória de Deus.

VI

Comunhão na Igreja

I. Introdução

Pense em todos os lugares onde as pessoas experimentam algum tipo de comunhão e comunidade. A confraternização antes de um jogo de futebol... a barbearia... o bebedouro do escritório... a reunião de família... a igreja local. Atos 2:42 diz que os primeiros cristãos “se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações”. Isso nos leva a uma pergunta que quero que discutamos ao começar: O que faz a comunhão cristã ser diferente das amizades e relacionamentos mundanos?

Todas essas respostas nos apontam para o coração do que faz a comunhão cristã diferente: ela é baseada no amor semelhante ao de Cristo.

Nas primeiras semanas desta aula, vimos como a unidade é formada na igreja, através da base da nova identidade que todos compartilhamos em Cristo, passando por vários aspectos da nossa vida juntos, desde a membresia na igreja, a pregação, a oração e a forma como conduzimos a igreja. Hoje, vamos discutir a comunhão dentro da igreja – especificamente, como os membros da igreja amam uns aos outros com base no laço de unidade que Deus formou em nós. Como são os relacionamentos em uma comunidade espiritual e sobrenatural? Na próxima semana, veremos o lado negativo – como lidar com o descontentamento na igreja quando a comunhão não está indo bem. Mas antes de chegarmos lá, queremos afirmar positivamente como a

nossa comunhão deve ser para termos unidade e um testemunho convincente para o mundo que nos observa.

II. O Que Caracteriza Relacionamentos Saudáveis na Igreja?

Então, vamos considerar primeiro a questão de como nós, como cristãos, devemos nos relacionar uns com os outros. Especificamente: “o que caracteriza relacionamentos saudáveis na igreja?” A resposta é simples e profunda: é o amor. Em uma palavra, o amor cristão é o que torna nossa comunhão distinta de qualquer outra comunidade terrena. Jesus disse em João 13: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros.” (João 13:34-35)

Por que o amor é importante? Porque Deus é glorificado quando pessoas que têm pouco em comum além de Cristo vivem juntas em amor genuíno. É disso que Paulo se entusiasma no capítulo 3 de Efésios – que povos antes em conflito, judeus e gentios, agora são uma família unificada na igreja. Essa reconciliação sobrenatural faz até mesmo os anjos no céu se curvarem em admiração.

Pense nisso: por que Deus exhibe sua glória ao mundo através do nosso amor na igreja? Porque nosso amor reflete, mesmo que de forma pálida, a unidade do amor no Deus Triúno. É exatamente isso que Jesus ora ao Pai em João 17:22-23:

“Eu lhes dei a glória que me deste, para que eles sejam um, assim como nós somos um: eu neles e tu em mim. Que eles sejam levados à plena unidade, para que o mundo saiba que tu me enviaste e os amaste como igualmente me amaste.”

Nosso amor uns pelos outros, enraizado em nossa comunhão em Cristo, é um retrato da unidade amorosa da Trindade.

III. Breve Visão do Amor Cristão

Se o aspecto-chave da comunhão cristã é o amor, vamos passar um momento pensando sobre o que envolve o amor. Amor é uma palavra e conceito tão comuns que precisamos ter certeza de não perder o sentido. A definição simples de Jonathan Edwards é útil aqui: amor é “a disposição ou afeição pela qual alguém é querido por outro”. Como cristãos, somos queridos uns pelos outros porque somos queridos por Deus. Ser filho de Deus envolve amar o que Deus ama. E Deus ama a igreja, tanto que a comprou com seu próprio sangue. O amor de Deus mostra, então, que o amor não é apenas uma emoção ou sentimento – é uma disposição para com o outro que se expressa em ação concreta para buscar o bem último daquela pessoa.

Se é isso que é o amor, quero que notemos algumas coisas. Primeiro, o amor cristão é difícil. O amor começa em nossos corações, e nosso coração é o lugar mais difícil de todos porque somos pecadores. Por que há tantas exortações no Novo Testamento para os cristãos se amarem? Porque precisamos ser lembrados repetidamente disso! Em nossa carne, preferimos o conforto a uma conversa difícil. Preferimos relaxar a servir. Preferimos ter nossas necessidades supridas a abrir mão de nossas preferências. E as pessoas que somos chamados a amar também são pecadoras. Elas nos decepcionam, dizem coisas embaraçosas e insensíveis, resistem aos nossos conselhos... o que, incidentalmente, deveria nos ajudar a apreciar ainda mais o quanto Cristo é paciente e misericordioso conosco, pois fazemos o mesmo.

Mas o segundo ponto é que, embora o amor cristão possa ser difícil, podemos demonstrar esse amor por causa da graça de Deus. Nós

amamos porque Deus nos amou primeiro (1 João 4:19). O que isso significa? É uma troca? Tipo “vou convidá-lo para jantar porque ele me convidou semana passada?” Não – significa que nossa capacidade de amar vem do amor de Deus por nós. Deus é tanto a fonte quanto o modelo do nosso amor. Mais uma vez, Edwards diz: “É do sopro do Espírito [Santo] que o amor do cristão surge, tanto para com Deus quanto para com as pessoas. O Espírito de Deus é um espírito de amor. E, portanto, quando o Espírito de Deus entra na alma, o amor entra. Deus é amor, e quem tem Deus habitando em si pelo seu Espírito terá o amor habitando em si.”

A forma mais espetacular de Deus mostrar seu amor foi ao dar seu Filho unigênito para que não pericássemos, mas tivéssemos a vida eterna. Então, em 1 João 3:16, lemos:

“Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a sua vida por nós. E devemos dar a nossa vida pelos irmãos.”

Ou seja, não podemos nos aproximar da maturidade em amar os outros sem buscar maturidade em compreender as dimensões do amor de Deus. Quanto mais apreciamos a magnitude do amor que Cristo demonstrou ao morrer por cada um dos nossos pecados, mais nossas vidas serão marcadas pelo amor. Quer se tornar mais amoroso? Jesus disse: “aquele a quem pouco foi perdoado, pouco ama” (Lc 7:47); quando sabemos o quanto fomos perdoados, nosso amor transborda.

E o terceiro aspecto do amor cristão: ele traz grande alegria. Não é apenas difícil para pecadores amar – é algo supremamente valioso. Amar os outros não faz bem só a eles, traz para nós a satisfação firme para a qual fomos criados. O Salmo 133:1 diz: “Como é bom e agradável quando os irmãos convivem em união!” O que João diz em 2 João 12 ao escrever para uma igreja que conhece bem? “Tenho muito que lhes escrever, mas não quero fazê-lo com papel e tinta. Em vez

disso, espero visitá-los e falar com vocês face a face, para que a nossa alegria seja completa.”

IV. Como é a Comunhão Amorosa?

Bem, tendo esses princípios importantes em mente, quero passar o restante da aula considerando como, na prática, podemos cumprir esse mandamento de amar uns aos outros dentro da igreja. Quando nossa comunhão é marcada pelo amor semelhante ao de Cristo, que tipo de comunhão teremos? Vamos identificar seis aspectos da comunhão amorosa.

6 Aspectos da Comunhão Amorosa

Comunhão na Diversidade: Amor Busca Compreensão

Como já discutimos neste seminário, a comunhão da igreja é única porque envolve uma diversidade de pessoas todas unidas em torno de Cristo. O que isso significa para nossos relacionamentos na igreja? Significa que o amor busca compreensão. O amor se aproxima daqueles diferentes de você – aqueles que são “queridos” por causa do evangelho – e busca entender suas esperanças e sonhos, lutas e pecados, origens e batalhas. Busca reconciliação onde houve afastamento e amizade calorosa onde o mundo traçou linhas de separação.

É por isso que Tiago 2 é tão enfático que não devemos mostrar favoritismo pessoal. É por isso que Paulo diz em Romanos 12:16 para não sermos orgulhosos, mas estar “dispostos a associar-se com pessoas de posição inferior”.

Então, você consegue imaginar uma igreja assim? Uma comunidade onde as pessoas se esforçam para criar amizades reais e substanciais com aqueles de diferentes origens culturais, faixas etárias, estágios de

vida, personalidades – tudo com Cristo no centro? Falamos bastante sobre isso há algumas semanas – não vou repetir o que já foi dito, mas quero dar dois avisos. Primeiro – cuidado com o tokenismo. Ou seja, não busque alguém diferente só para marcar a caixa da diversidade pessoal. Busque porque Cristo morreu por ela e porque você quer vê-la crescer.

Segundo, seja sensível à forma de se aproximar de pessoas diferentes, reconhecendo que seu jeito de buscar amizade vem da sua própria personalidade e cultura. Um bom feedback que recebi após a última aula foi lembrar que se você tende a fazer muitas perguntas para conhecer alguém, isso pode intimidar algumas pessoas; se você sempre começa perguntando de onde a pessoa veio e onde estudou, isso supõe que ela não é daqui e que frequentou a escola – mas isso não é verdade para todos! Tenha isso em mente.

O autor louva a Deus por existirem muitos exemplos de amor cruzando barreiras em sua igreja. Ele lembra de um irmão convidando famílias para jantar quando ainda era universitário solteiro; de um grupo que se reuniu para falar sobre um livro chamado “Linhas de Sangue” e reconciliação racial; de uma irmã que é presença constante em chás de panela de mulheres mais novas e a lista segue.

Comunhão no Serviço: Amor Exige Sacrifício

Segundo, nossa comunhão deve ser caracterizada pelo amor sacrificial – é uma comunidade de pessoas que se reúnem não para serem servidas, mas para servir. Ouça 1 João 4:10-11:

“Nisso consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus assim nos amou, também devemos amar uns aos outros.”

Uma forma de fazermos isso é carregando os fardos uns dos outros, como Paulo ensina em Gálatas 6:2. O autor do estudo conta que o próprio Convênio de Membresia de sua igreja diz que concorda em “suportar os fardos e tristezas uns dos outros”. Isso significa estar ao lado de alguém em momentos difíceis – espirituais, físicos, qualquer um – e literalmente ajudar a carregar o peso. Pode envolver suportar pacientemente as lutas espirituais de alguém por um longo período de tempo em um relacionamento de discipulado. Pode significar ajudar materialmente alguém em necessidade – compras, empréstimo, carona, cuidar dos filhos. Pode ser abrir mão das suas noites de sexta para visitar quem está doente. O serviço na igreja pode certamente envolver voluntariado – creche, som, recepção, creche... mas se você é do tipo que gosta de se voluntariar para “fazer as coisas” na igreja, quero encorajá-lo a não ignorar o tipo de serviço que acontece principalmente nos relacionamentos pessoais, que muitas vezes leva mais tempo e pode ser complicado.

Novamente, isso é, pela graça de Deus, algo comum em nossa igreja – desde o bem organizado sistema de oferecer refeições para famílias que acabaram de ter um filho ou estão em crise, até o grupo de membros que deu seu sábado de manhã para limpar o terreno de uma senhora e ajudá-la a testemunhar para seus vizinhos, até incontáveis outros exemplos de amor como oferecer abrigo, emprego ou simplesmente um ombro para chorar no hospital.

Comunhão na Verdade: Amor Conduz à Santidade

Terceiro, uma igreja cristã é uma comunhão na verdade. Diferente de outras comunidades, devemos ser marcados por uma transparência pessoal incomum e honestidade ousada ao falarmos a verdade das escrituras uns aos outros. E fazemos isso pelo desejo de ver outros crescerem em santidade. Jesus pediu ao Pai em João 17:17: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.” Paulo disse aos Colossenses:

“Habite ricamente em vocês a palavra de Cristo, ensinando e aconselhando-se uns aos outros com toda a sabedoria.” (Col. 3:16).

Pensemos em dois aspectos dessa comunhão na verdade. O primeiro é a transparência: contar a difícil verdade sobre si mesmo. Tiago 5:16: “Confessem seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados.” Isso não significa abrir suas lutas mais profundas para todos os membros – mas se não estamos nos abrindo para 1 ou 2 pessoas, devemos nos perguntar por quê. Temos medo de ser expostos? De sermos repreendidos? De admitir que não estamos bem? Considere que, se escondermos nossos pecados e falhas de quem nos ama, estamos tirando deles a oportunidade de fazer o bem espiritual. Considere que, ao modelar a transparência, você ensina aos outros como se humilhar, o que é bom espiritualmente para eles.

O segundo aspecto é a proclamação: falar a verdade sobre Deus e sua Palavra em todo tempo, mesmo quando é difícil para alguém ouvir. Paulo diz em Efésios 4:15: “Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo.” Isso inclui interações normais na igreja, inclui relacionamentos discipuladores onde encontramos alguém do mesmo sexo para ler um livro ou estudar a Bíblia juntos, com o propósito de ajudá-lo a crescer espiritualmente.

Isso também envolve exercer vigilância espiritual uns sobre os outros. Por isso, lemos em Hebreus 3:13: “Exortem-se mutuamente todos os dias, durante o tempo que se chama Hoje, de modo que nenhum de vocês seja endurecido pelo engano do pecado.” Cultive a capacidade de repreender em amor. A maioria de nós naturalmente foge disso porque quer evitar confronto. (Talvez haja quem ache que tem o dom espiritual da repreensão e goste disso – não estou falando com você!) Mas é o que há de mais amoroso a fazer. O pecado quer enganar e

nossas mentes tendem a se desviar. Devemos especialmente cuidar daqueles que parecem se afastar da verdade. Levítico 19:17 instrui: “Repreenda o seu próximo francamente, para que você não seja cúmplice do pecado dele.” Lemos em Tiago: “Se algum de vocês se desviar da verdade e alguém o trazer de volta, lembre-se disso: quem converte o pecador do erro do seu caminho salvará da morte uma alma e cobrirá uma multidão de pecados.” (Tiago 5:19).

Você conhece amigos que, em algum momento, estavam ativos na igreja e agora se afastaram ou até pararam de frequentar? Recomendo que ligue para eles ou marque um almoço para ver como estão e o que está acontecendo.

É claro que não devemos falar a verdade uns aos outros apenas quando se trata de pecado. O livro de Provérbios inteiro mostra o valor de amigos sábios que podem abordar hábitos e padrões gerais em nossas vidas. Um amor genuíno irá sondar essas áreas: aceitar aquele emprego traria estresse à sua família? Aquela viagem traria tentação? Seus hábitos de tempo e dinheiro estão alinhados com o que Deus valoriza?

Comunhão no Perdão: Amor Estende Misericórdia

Quarto, nossa comunhão não é apenas diferente por nossa disposição em falar a verdade, mas também por nossa disposição em perdoar e reconciliar quando a comunhão foi quebrada. Paulo diz em Colossenses 3:13: “Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou.”

O perdão de Cristo é a base para o nosso. Quando alguém peca contra nós, qual é nosso instinto? Ou: se afastar amargurado, não quero mais nada com essa pessoa; ou, revidar – vingança! Mas nada disso deve

acontecer na igreja. Deus não se afastou dessa pessoa, mas a adotou em sua família. E Cristo já absorveu a justa ira de Deus pelo pecado dessa pessoa – não precisa mais de “vingança”. Os aspectos relacional e judicial do perdão de Deus tornam o nosso perdão possível. Sendo alguém que foi muito perdoado por Deus, como deixar que um pecado que Deus já tratou nos separe de nossos irmãos e irmãs em Cristo? Lembre-se da parábola do servo impiedoso, cuja dívida de um bilhão foi perdoada, mas ficou indignado quando outro lhe devia cinco reais. Perdoar com misericórdia significa recusar-se a deixar o pecado impedir o relacionamento amoroso e não guardar o pecado contra alguém.

Como cultivar essa postura de misericórdia, sabendo que pessoas na igreja vão pecar contra nós? Primeiro, devemos considerar que os outros têm boas intenções em suas palavras e ações em vez de saltar para conclusões, suspeitando de más intenções. Uma boa regra é nunca presumir motivos. Você conhece – ou pelo menos percebe – os fatos. Mas não podemos perceber sempre os motivos. A humildade concede o benefício da dúvida.

Depois, pense que, como cristãos, pertencemos a Cristo e estaremos juntos na eternidade. Um dia, viveremos em comunhão perfeita – sem mais pecado entre nós. Ao olharmos uns para os outros na igreja hoje, devemos nos lembrar de que estaremos eternamente unidos em Cristo. Você está amando alguém que caminha para a perfeita semelhança de Cristo, quando não haverá nada desagradável ou difícil sobre ela. Isso deve nos dar paciência e perspectiva – essa pessoa não será sempre difícil de amar.

Comunhão no Sofrimento: Amor Traz Consolo

Quinto, a comunhão cristã é única porque o sofrimento não divide nossa comunidade – ele nos une. Paulo diz em 2 Coríntios 1:4-5:

“[Cristo] nos consola em todas as nossas tribulações, para que, com a consolação que recebemos de Deus, possamos consolar os que estão passando por tribulações. Pois assim como os sofrimentos de Cristo transbordam sobre nós, também por meio de Cristo transborda a nossa consolação.”

Isso significa que nossos relacionamentos devem ser marcados por calor e gentileza, reflexo da compaixão do nosso Salvador. Jesus amou assim, gosto do relato em Marcos 1:40-41:

Um homem com lepra chegou perto dele e, de joelhos, suplicou: “Se quiseres, podes me purificar.” Cheio de compaixão, Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: “Quero. Seja purificado!” Imediatamente, a lepra o deixou e ele foi purificado.

Jesus não precisava tocar o leproso para curá-lo, mas tocou para expressar compaixão e mostrar que não pode ser contaminado, mas purifica o impuro e rejeitado.

Como igreja, somos o corpo de Cristo. Experimentamos o que Jesus experimenta. Isso significa que sofreremos e seremos consolados por seu Espírito. Cristãos não foram feitos para sofrer sozinhos. Se você está sofrendo, uma das formas pelas quais Deus pretende trazer conforto é através da igreja. Se você conhece alguém que está sofrendo, provavelmente não é hora de repreender – mas de um toque compassivo como Cristo. Agora é hora da palavra gentil, do abraço, da oração, de simplesmente sentar junto e ouvir.

Oferecer consolo a quem sofre não é algo que se faz marcando uma caixa em um formulário. Você precisa construir relacionamentos antes – e, quando as provações chegarem, estar disponível. Quando nos reunimos aos domingos, olho ao redor e vejo muitos que sofrem – com dor e doença, infertilidade, tristeza e luto, desespero, crise

financeira... mas também vejo muitos que têm o hábito de consolar – por meio de oração, presença, ajuda prática, ou cantando um pouco mais alto para que canções de encorajamento envolvam quem está fraco demais para cantar.

Comunhão como Um Só Corpo: Amor Considera o Todo

Por fim, há um sexto aspecto. Falamos sobre amar outros membros individuais da igreja. Mas as Escrituras nos chamam a amar e nos comprometer com toda a congregação, não apenas com um grupo. 1 Coríntios 10 destaca que tomar a Ceia do Senhor juntos nos une como um só corpo. Mas como amar toda a congregação quando não é possível conhecer bem todos os membros (pense em uma igreja com muitos membros, por exemplo).

Quatro sugestões rápidas:

Ore pelo diretório da igreja – uma ou duas páginas por dia. Essa é uma ótima maneira de amar e servir toda a congregação. Se não souber necessidades específicas, ore de forma geral – use orações de Paulo no Novo Testamento.

Podemos amar toda a congregação edificando algumas pessoas por meio do discipulado, ensino, etc., para que possam, por sua vez, servir outros. Faça com que o seu discipulado tenha como parte-chave ensinar outros a discipular. Outro aspecto disso é que, ao servir na creche, você ama toda a congregação, permitindo que muitos pais sejam discipulados pelo ensino da Palavra.

Uma das formas mais práticas de amar é contribuir fielmente e generosamente para o bem de toda a congregação.

Comprometa-se a participar das reuniões de membros. Não se engane pelos relatórios e gráficos de orçamento – essas reuniões não tratam apenas de negócios. É onde mostramos amor a novos membros, afirmando sua fé, e aos que partem, aceitando suas saídas. É onde supervisionamos a missão e saúde da igreja – ou seja, é onde mostramos amor por toda a igreja e cuidamos do corpo.

V. Conclusão

Ao preparar esta aula, reparei que as anotações sobre esse material traziam nomes de muitas pessoas que foram grandes exemplos de amor nesta igreja. Mas as notas eram de alguns anos atrás, e muitos daqueles já se foram. Deus os levou para outros lugares ou os chamou para casa. Isso me humilhou. Me lembrou que, enquanto Deus nos mantiver aqui, continuaremos amando uns aos outros até o último dia. Devemos nos derramar em amor por mais pessoas a cada ano, mesmo enquanto todo ano alguns irmãos e irmãs se despedem. Esse é nosso chamado alegre. E mesmo no dia final, o que permanecerá quando este mundo, com todo seu brilho e glamour, passar? O amor. Paulo diz: profecias cessarão, línguas se calarão, o conhecimento passará, mas o amor nunca falha (1 Coríntios 13:8). Jonathan Edwards disse: “O céu é um mundo de amor.” Lá, nosso amor uns pelos outros será perfeito e completo, pois fluirá eternamente Daquele que é o Amor.

VII

Descontentamento dentro da Igreja

I. Introdução

O descontentamento é algo com que todos lutamos em algum momento, e o descontentamento com a igreja pode ser especialmente difícil. Levante a mão se você já fez parte de uma igreja perfeita. Se você levantou, posso garantir que está enganado, pois essa igreja tinha você. São justamente aqueles que mais amamos que podem nos ferir mais profundamente. É justamente o grupo em que depositamos as maiores expectativas – o corpo de Cristo! – que pode nos decepcionar com mais intensidade.

Será que você consegue lembrar da última vez em que ficou profundamente decepcionado com outro membro da igreja – seja nesta ou em outra igreja? Provavelmente sim. Ou pense na última vez em que sentiu que uma igreja te decepcionou. Talvez já fizesse meses que você havia se juntado a uma igreja e ainda assim se sentisse um estranho. Ou talvez a congregação não se importasse com uma prioridade que era muito importante para você. Dificuldades como essas facilmente levam ao descontentamento. E a forma como respondemos ao descontentamento pode ser um grande inimigo da nossa unidade como igreja. Ou pode ser uma força incrível para o bem. Falaremos mais sobre como o descontentamento surge. Mas, de que forma o descontentamento pode ser tão prejudicial? De que maneiras nossa resposta ao descontentamento pode prejudicar a unidade da igreja? E outra pergunta: como uma boa resposta à decepção pode fortalecer a igreja?

Como em toda adversidade, sabemos que Deus nos concede a graça para lidar com o descontentamento, e Ele deseja que isso sirva para Sua glória e para o nosso bem. Então, como podemos promover a unidade ao nos depararmos com o descontentamento na igreja? É isso que vamos refletir hoje.

Antes de prosseguirmos, deixe-me trazer um pouco de clareza em relação às definições. A aula de hoje não abordará como devemos reagir diante de pecados claros na igreja. Se Deus permitir, trataremos desse tema mais adiante, quando falarmos sobre disciplina eclesiástica. Também não vamos tratar especificamente do descontentamento proveniente de discordâncias com a liderança. Esse será nosso tema da próxima semana, na aula sobre liderança.

Em vez disso, pense no tema de hoje como um espelho da aula passada, quando refletimos sobre como crescer em unidade por meio do amor mútuo. Hoje vamos considerar como reagir a aspectos da igreja que não são necessariamente pecaminosos, mas que podem ser motivo de tristeza e, assim, fontes em potencial de desunião e desânimo. E vale ressaltar que o descontentamento nem sempre é ruim. Talvez você já tenha se decepcionado com uma igreja que não investe em missões. Esse pode ser um descontentamento piedoso. Mas, ainda assim, podemos reagir de maneira que prejudique a igreja. Por isso, vamos examinar o efeito negativo que o descontentamento pode causar na igreja. Depois, vamos pensar em algumas ideias sobre como lidar com o descontentamento de uma forma que honre a Deus, e então consideraremos duas categorias específicas de descontentamento. Que todos nós sejamos melhor equipados para “manter a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”, como somos orientados em Efésios.

II. Frutos Amargos de uma Má Resposta ao Descontentamento

Podemos definir o descontentamento como um anseio por algo melhor do que a situação atual. Pode haver descontentamento piedoso: sabemos que este mundo é quebrado pelo pecado e deveria ser melhor. Mas pode haver também um descontentamento pecaminoso, em que nos recusamos a confiar na bondade de Deus e a agradecer pelo que Ele provê, exigindo mais do que Ele determinou. Além disso, mesmo que nosso descontentamento seja piedoso, podemos colocar nossa esperança nas circunstâncias, em vez de em Deus, para que tudo melhore. E o descontentamento, mesmo originado de desejos legítimos, pode gerar frutos amargos se reagirmos da forma errada. Vamos ver três maneiras pelas quais o descontentamento, se não for bem administrado, pode prejudicar o testemunho da igreja:

1. O descontentamento pode levar a reclamações e murmurações

Paulo nos adverte em Filipenses: “Fazei tudo sem murmurações nem discussões, para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração corrompida e perversa, na qual resplandeceis como luminares no mundo” (2:14-15). Não reclamar ou murmurar – em nada, nunca – é o que a Escritura diz. Parte do nosso testemunho deve ser impactante para o mundo justamente porque não reclamamos. (Veja também Tiago 5:9). Quando não tratamos devidamente o descontentamento e ele resulta em murmuração, prejudicamos uma das características que nos tornam distintos como cristãos: o testemunho da igreja.

2. O descontentamento pode gerar discórdia

Quando estamos insatisfeitos com algo, somos tentados a falar sobre isso: criticamos, buscamos apoio e tentamos fazer com que os outros vejam as coisas pelo nosso ponto de vista. E, independentemente da virtude da preocupação inicial, esse tipo de comportamento rapidamente causa facções e dissensões dentro da igreja — algo que Paulo lista junto com idolatria, feitiçaria e acessos de ira quando fala sobre as obras da carne (Gálatas 5:20). Precisamos ter cuidado ao lidar com o descontentamento por causa da discórdia que ele pode produzir.

3. O descontentamento distrai do que realmente importa

Como indivíduos e como igreja, nossa missão é “aproveitar ao máximo cada oportunidade” (Ef 5:16). Mas o descontentamento consome nosso tempo e atenção. Ele drena nossa energia. Ele monopoliza o tempo e a atenção dos nossos irmãos, dos presbíteros e da equipe pastoral. Pode nos desviar daquilo que realmente importa.

Esses são alguns dos frutos amargos que o descontentamento pode trazer para nossa convivência como igreja. Mas lembre-se de que o descontentamento também pode fortalecer o corpo. Quando respondemos de forma piedosa, submetendo-nos uns aos outros por amor a Cristo e enfrentando o desafio do amor, podemos trazer grande glória a Deus. Mostramos que nossa unidade não se baseia em concordância perfeita ou em personalidades compatíveis, mas na esperança comum e satisfação em Cristo. Para vermos isso em ação, vamos refletir sobre maneiras de lidar com o descontentamento de forma que glorifique a Deus.

III. Lidando com o Descontentamento de Forma Geral

Como devemos lidar com o descontentamento? Vou apresentar quatro sugestões, mas não são uma lista de tarefas ou uma fórmula. Assim como em qualquer área da vida cristã, o que precisamos, em última análise, não é de uma lista de ações, mas entender como o evangelho da graça de Deus transforma a forma como respondemos ao descontentamento. Queremos poder dizer como Paulo: “Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação” (Fp 4:11). Essas são as quatro maneiras de aplicar as boas novas da paciência de Deus para que, pelo Espírito e pelo poder Dele, sejamos pacientes uns com os outros.

1. Ore pela misericórdia de Deus.

Antes de tudo, o evangelho nos diz que somos incapazes de fazer qualquer coisa de valor por nossas próprias forças — inclusive responder ao descontentamento. Lembre-se do Salmo 121: “Elevo os meus olhos para os montes: de onde virá o meu socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra.” Portanto, a primeira orientação é orar e clamar pela misericórdia de Deus. É insensatez pensar que somos maduros o suficiente para lidar com o descontentamento sozinhos. Quando algo na igreja ou alguém nos incomoda, estamos prestes a entrar numa batalha espiritual. Satanás quer nos destruir com amargura, orgulho e vingança. Podemos acabar justificando ceder à tentação quando achamos que estamos certos.

Então, ao se deparar com o descontentamento, ore. Você precisa orar. Está travando uma guerra que não pode vencer sozinho. Peça a Deus discernimento e sabedoria por meio de Sua Palavra. Peça que Ele mostre desejos pecaminosos no seu coração e os substitua. Ore para que Ele encha seu coração com o amor de Cristo. Honraríamos muito

mais a Deus se tentássemos resolver menos coisas por conta própria e passássemos mais tempo em oração pedindo que Ele nos transforme.

2. Examine seus desejos; confesse e arrependa-se daquilo que for pecado.

Em segundo lugar, examine seu coração para entender os desejos que estão na raiz do descontentamento. Onde existe pecado que precisa ser confessado? Onde há desejos que deveriam ser satisfeitos em Cristo, mas que buscamos suprir em conforto ou na aprovação dos outros? Tiago escreve no capítulo 4: “De onde vêm as guerras e brigas entre vocês? Não vêm das paixões que estão em conflito dentro de vocês? Vocês desejam algo e não o têm, então matam. Cobiçam e não conseguem obter o que desejam, então brigam e lutam” (4:1-2a). Tiago vai direto ao ponto entre descontentamento e circunstâncias. Muitas vezes nos sentimos descontentes porque colocamos nossa esperança nas circunstâncias em vez de em Deus. Mas as circunstâncias mudam. Deus não muda. Ele é o mesmo: ontem, hoje e sempre. Se há briga ou discussão, há desejos pecaminosos para tratar.

Por exemplo, talvez você esteja descontente porque algumas pessoas são mais amigas de determinado membro do que você. Qual é a raiz desse descontentamento? Será que você acha que essa amizade confere um status especial que você deseja? Será que sente inveja de um relacionamento que parece tão próximo? Peça a Deus que revele o pecado em sua vida — e confesse como pecado. Reflita sobre o problema na raiz — quais são os desejos por trás dos sentimentos de descontentamento.

Você está depositando sua esperança na aprovação das pessoas em vez da provisão de Cristo? O evangelho declara que a aprovação de Deus em Cristo é suficiente. Você se frustra porque sente que ninguém na

igreja entende suas lutas e deseja ser ouvido? O evangelho declara que Deus te vê, conhece, perdoa e guia.

Você está descontente por achar que merece um tratamento melhor do que recebeu? Lembre-se do chamado do evangelho para entregar sua vida — e seus direitos — por amor a Cristo. Essa é a segunda orientação: examine seus desejos e arrependa-se.

3. Veja os outros irmãos como Deus os vê.

Em terceiro lugar, devemos nos esforçar para enxergar a igreja e cada pessoa nela como Deus vê. Isso significa olhar para os outros através das lentes do amor, e não da decepção ou desconfiança.

O evangelho é fundamental aqui. Ele nos lembra que, em Cristo, Deus derramou Sua riqueza de perdão sobre nós, apesar do nosso pecado. À medida que entendemos a profundidade da graça Dele e nosso coração se enche de gratidão, passamos a enxergar os outros como Ele os vê — como santos preciosos que Ele lavou, purificou e renovou. Eles não são nossos inimigos, mas nossos queridos irmãos e irmãs. Sim, podem nos entender mal, decepcionar, frustrar. Mas, por causa do sacrifício de Cristo, Deus não desiste deles nem se afasta — e nós também não devemos.

Como crescer em enxergar os outros não de uma perspectiva egoísta e descontente, mas sob o ponto de vista de Deus? Algumas ideias simples:

Primeiramente, ore pelos outros e ame-os de maneiras concretas. Quando estiver descontente com alguém da igreja, ore por essa pessoa. Peça que Deus fortaleça o desejo dela pelo Senhor. Ore para que você compreenda o valor que ela tem como filho ou filha de Deus. E expresse esse cuidado em formas práticas de serviço. Envie uma

mensagem de encorajamento ou ajuda em alguma necessidade concreta. Escolher amar alguém de forma prática pode ser uma das melhores maneiras de amolecer nosso coração em meio ao descontentamento.

Em segundo lugar: considere o quanto as pessoas são valiosas para Deus. Em Filipenses, Paulo diz: “Nada façam por ambição egoísta ou vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a vocês mesmos” (2:3). Por que considerar outro membro da igreja “mais importante” do que você? Não é porque ele é mais capaz ou mais piedoso. É porque pertence a Cristo; Ele o comprou com Seu sangue. São preciosos aos olhos de Deus. Muito do descontentamento egoísta começa quando supervalorizamos nossa importância em relação aos demais.

Por exemplo, suponha que esteja impaciente com alguém porque nunca se voluntaria para nada na igreja. E meu pensamento é: como ele ousa considerar o tempo dele mais valioso que o meu! Não percebe o quanto sou ocupado e, mesmo assim, sirvo? Seria bom redirecionar minha preocupação com o valor do meu tempo para o valor daqueles irmãos. Cristo deu Sua vida por eles. É assim que transformo meus pensamentos de desprezo para amor. Posso até conversar sobre como servir na igreja é bom para ele e para o corpo, mas, se Deus quiser, minha motivação será o amor.

4. Fale... com amor.

A maneira como você compartilha os detalhes do seu descontentamento com outros afeta se esse descontentamento se espalha ou diminui. Então, o que conversar e como conversar? Vou dar algumas sugestões:

É uma boa prática passar por esses passos já mencionados (oração, examinar desejos, ver os outros como Deus vê, etc.) antes de conversar com alguém sobre sua insatisfação. O objetivo da conversa é confessar pecado ou colaborar para encorajar a igreja? Se não for uma dessas duas categorias, pode estar em risco de reclamação e murmuração.

Quando achar que é bom conversar com alguém, fale de forma construtiva sobre como vocês dois podem servir melhor à igreja. Usar a conversa apenas para desabafar ou buscar confirmação do seu descontentamento provavelmente só vai espalhá-lo. A tentação de pecar pela ira pode ser forte — e devemos estar atentos.

Reconheça sua responsabilidade como membro da igreja. Basta dizer que Jesus, em Mateus 18, apresenta passos claros para tratar o pecado na igreja — e o primeiro passo é confrontar diretamente a pessoa que você suspeita de pecado. Com raras exceções, se você fala com qualquer outro sobre esse pecado, está agindo como fofoqueiro e caluniador. Às vezes, alguém procura um líder com uma preocupação sobre outra pessoa, esperando que ele resolva o problema. Com raras exceções, o conselho é que o reclamante converse diretamente com a pessoa em questão. É assim que as coisas devem funcionar na igreja.

Cuidado ao falar publicamente sobre o assunto. Algumas coisas na igreja não são claras e de pouca importância; outras são importantes, e não são claras — e é aí onde você precisa dos presbíteros/anciãos. Se for algo importante e claro (como a divindade de Cristo, a autoridade das Escrituras), falar publicamente — por exemplo, numa reunião de membros, mesmo que seja algo que se oponha aos presbíteros — pode ser algo bom. Mas, claro, busque orientação antes, tanto com os presbíteros quanto com líderes de fora da igreja que você respeita. Se não for importante e claro segundo as Escrituras, você não deve se

manifestar publicamente contra a liderança dos anciãos; em vez disso, deve registrar suas opiniões com eles em particular.

Então, resumindo: quatro orientações para lidar com o descontentamento: ore; entenda seus desejos e arrependa-se do que for pecado; veja os outros como Deus os enxerga; e fale com amor.

IV. Áreas Específicas de Descontentamento

Vamos ser ainda mais práticos ao tratar de como devemos lidar com três situações comuns na igreja que geram descontentamento.

1. A igreja não está suprimindo minhas necessidades

Uma área específica de descontentamento que podemos sentir é a sensação de que a igreja não está suprimindo nossas necessidades. Por mais comum que isso seja, precisamos reconhecer o que é: uma exigência egoísta de que a igreja nos sirva. Mas já falamos extensamente neste curso sobre a razão de ser da igreja. Não é, em última análise, para nos cercar de relacionamentos sociais que nos satisfaçam; o propósito maior é glorificar a Deus mostrando Seu poder em uma comunidade diversa, unida e amorosa. Para combater esse tipo de descontentamento, precisamos aprender que não somos o mais importante — Deus é.

E precisamos aprender de onde vem a verdadeira alegria. Ao contrário do pensamento do mundo, a alegria na vida cristã não vem de ser um consumidor de bênçãos, mas de ser um doador de bênçãos. O sentido da igreja não é ter nossas necessidades supridas. A igreja é um organismo vivo onde investimos para suprir as necessidades dos outros e edificá-los em Cristo. Receberemos bênçãos de outros que nos amam, servem e ensinam? Sim. Haverá momentos em que estaremos tão fracos que não conseguiremos servir a ninguém e dependeremos

do amor dos outros? Sim. Mas nossa postura normal diante do corpo é buscar a alegria suprema ao entregar minha vida pela alegria dos outros.

2. A igreja decepcionou minhas expectativas de comunhão e crescimento

Em segundo lugar, podemos desejar servir a igreja de forma altruísta, mas ainda sentir uma decepção persistente com a comunhão ou crescimento: falta de amizade ou sensação de não pertencimento; ou ausência de crescimento. Talvez você seja membro da igreja há meses e ainda ache difícil fazer bons amigos. Talvez queira servir, mas ninguém percebe isso, ou não pode servir da forma que se sente mais capacitado. Talvez esteja frustrado com a cultura de relacionamentos da igreja. Como lidar com esse tipo de descontentamento?

Bem, seguindo o padrão que estabelecemos, devemos abordar situações assim com oração. Devemos sondar o coração e ver se esses sentimentos vêm de desejos egoístas e pecaminosos. Devemos fazer perguntas difíceis: há algo que preciso fazer diferente para ter melhor comunhão ou aproveitar as oportunidades de crescimento? Devemos perguntar isso a nós mesmos e a pessoas próximas que nos conhecem e podem aconselhar. E então, agir conforme apropriado. Isso pode envolver conversar com um pastor para pedir orientação. Se está difícil fazer amizades, posso dizer que muitos outros sentem o mesmo, então encorajo você a tomar a iniciativa de se aproximar — seja amigo. Deus pode satisfazer seus bons desejos, mas às vezes faz isso de maneira diferente do que imaginávamos. Esteja pronto para respostas surpreendentes.

Acrescento mais uma coisa sobre esse assunto. Grande parte dessa batalha é treinar nossa mente para perceber os muitos benefícios e bênçãos que Deus, em Sua bondade, nos concede na igreja. O autor

menciona que por vezes podemos receber uma bênção após outra, e mesmo assim, passamos a ignorá-las, buscando sempre mais. Enquanto clamamos por algo novo, uma pilha de bênçãos cresce à nossa volta e não notamos. Ore para que Deus treine nossos olhos para enxergar todas as bênçãos que Ele já nos deu na igreja; isso mudará nosso coração e atitude diante do descontentamento.

Dito isso, pode chegar um momento em que você perceba que determinada igreja — mesmo sendo fundamentada na Palavra — não é um lugar onde você tem crescido espiritualmente. O que fazer? Fale com pessoas próximas depois de orar e confessar qualquer pecado. Avise os presbíteros; busque sabedoria e conselho. A última coisa a fazer é decidir sozinho que precisa trocar de igreja e perceber, depois, que os mesmos problemas aparecem na nova congregação. Ao conversar com alguém, lembre-se de tomar cuidado para que seu descontentamento não gere discórdia no corpo de Cristo.

3. Antipatia por membros da igreja

Outro motivo de descontentamento é simplesmente a antipatia por outros membros. Pode ser inveja ou rivalidade: você se ressentir das bênçãos que Deus deu a alguém. Ou apenas desconforto: alguém age de forma muito diferente do que você está acostumado. Ou trabalha numa organização ou partido político que você detesta. Como superar o descontentamento nesses casos?

Mais uma vez, siga o padrão que já vimos: ore para que Deus mude seu coração. Confesse qualquer pecado e busque perdão. Reconheça que não querer amar alguém é pecado — não é algo que podemos ignorar como mera incompatibilidade. Aprenda a orar por quem você não gosta, pedindo que Deus abençoe e faça amadurecer. Lembre-se de que essas pessoas, ainda imperfeitas hoje, estão sendo

transformadas à imagem de Cristo. Amar aqueles que nos incomodam não é fácil, mas, como membros da igreja, é extremamente importante — pois é justamente nesses relacionamentos que Deus é mais glorificado.

V. Conclusão

Na raiz do descontentamento está a ideia de que as coisas seriam melhores se determinada pessoa ou situação mudasse. Mas é justamente por isso que precisamos colocar nossa esperança em Deus, e não nas circunstâncias. Louve a Deus porque não precisamos nos apegar às esperanças frágeis e passageiras deste mundo. Ele se deu a nós como nossa âncora. Ele é soberano sobre nossas circunstâncias. Ele era soberano quando Noé foi zombado, quando José estava no poço, quando Israel estava na escravidão, quando Davi era perseguido, quando Cristo estava na cruz. Sua bondade sempre prevalece. E Nele encontramos a alegria do verdadeiro contentamento.

VIII

Liderança na Igreja

I. Introdução

Hoje vamos refletir sobre liderança na igreja, e especificamente sobre a interação entre a liderança e a congregação. Você deve se lembrar que, há algumas semanas, estudamos os cargos bíblicos de presbíteros e diáconos. Naquela aula, demos ênfase em como Deus nos instruiu sobre como nos organizarmos na igreja para Sua glória e para o nosso bem. Em contraste, a aula de hoje sobre liderança aborda mais o lado pessoal da liderança eclesiástica. Especificamente, o que nós, como membros da igreja, podemos fazer para promover a unidade por meio da nossa submissão fiel e do encorajamento à liderança. Ao mesmo tempo, também devemos cumprir nosso papel como congregação para proteger a igreja de sérios erros doutrinários.

Portanto, quero começar essa aula ouvindo suas opiniões sobre a seguinte pergunta: Como podemos, enquanto membros da igreja, nos relacionar com nossos líderes de forma que promova a unidade e glorifique a Deus?

Hebreus 13:17 nos diz: “Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles. Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas. Obedeçam-lhes, para que o trabalho deles seja uma alegria, não um peso, pois isso não seria vantajoso para vocês.” São palavras fortes — obedecer, submeter-se — especialmente em nossa cultura atual, que valoriza o igualitarismo e o individualismo.

Mas essas palavras não existem apenas para manter a ordem. Vemos que a submissão na igreja é para nosso próprio benefício. É por meio da submissão que modelamos a humildade piedosa que deve nos caracterizar. É pela submissão que mantemos a unidade mesmo em meio ao desacordo—demonstrando que nossa vocação comum em Cristo é mais importante do que diferenças de opinião. Em última análise, nossa confiança em quem está sobre nós vai além da confiança em homens, pois até os melhores homens falham. Nossa confiança está em Cristo, que concede líderes à sua igreja e age através deles para nossa bênção.

Devemos então nos tornar “simples seguidores” sem questionar? Não: no Novo Testamento, são os membros das congregações — e não apenas seus líderes — que são responsabilizados por ensinamentos antibíblicos na igreja. Confiar na liderança não significa aceitar as opiniões dos presbíteros como verdade sem questionamento algum. Como disse certo autor: “A liberdade cristã é corroída à medida que leigos se apaixonam cada vez mais pelos decretos de presbíteros e mandamentos de homens.” (Roger Beardmore, ed., *Shepherding God’s Flock* [Harrisonburg, Va: Sprinkle Publications, s.d.] 105-6.)

Hoje, começaremos abordando o que podemos fazer, de forma positiva, para encorajar a liderança de nossa igreja — tornando o trabalho deles um prazer, como lemos em Hebreus 13. Depois, dedicaremos o restante da aula a examinar como devemos agir quando discordamos da liderança da igreja. Então, vamos começar!

II. Torne o trabalho deles uma alegria

Uma das melhores maneiras de promover a unidade em nossa igreja é ajudar nossos líderes a verem seu trabalho como um presente de Deus. Claro, isso é complicado pelo fato de que tanto nós quanto eles somos

pecadores. Mas, reconhecendo tudo isso, nosso chamado nas Escrituras, como vimos há pouco, é: “Obedeçam-lhes, para que o trabalho deles seja uma alegria, não um peso, pois isso não seria vantajoso para vocês.”

Jamais devemos subestimar a conexão entre a atitude da congregação e a capacidade de seus líderes. Muitos problemas nas igrejas seriam resolvidos se as congregações vissem seus líderes como parceiros na grande missão de refletir a glória de Cristo, e não como adversários. Líderes são seres humanos. Eles enfrentam indecisões. Muitas vezes, as decisões a serem tomadas vão além de sua sabedoria e experiência. Podem lutar com inseguranças e se sentir desanimados por atitudes insensíveis de membros da igreja. Frequentemente, assumimos que nossos líderes devem ser perfeitos. Então, ao percebermos sinais de imperfeição — seja em pecado, decisões questionáveis ou características irritantes — nos sentimos à vontade para criticar sua liderança.

Lembre-se de que você é o alvo do zelo dos líderes: “Eles vigiam por vossas almas” (Hb 13:17). Deus valoriza nossas almas. Por isso, Ele designa líderes para nos alertar sobre perigos espirituais. Como podemos ajudá-los em seu trabalho? Vou sugerir algumas ideias baseadas no livro “A Vida na Casa do Pai”, de Wayne Mack e David Swavely.

1. Creia em Jesus Cristo e ande em obediência.

O primeiro ponto é óbvio, mas sempre merece ser lembrado. Podemos encorajar nossos líderes crendo no evangelho e andando em obediência à Palavra de Deus. Pense na afirmação de João em 3 João: “Não tenho maior alegria do que ouvir que meus filhos estão andando na verdade” (v. 4). Há alegria em ver Deus agindo nos membros e os conformando à imagem de

Cristo; alegria em ver o povo de Deus usando seus dons para edificação do corpo; alegria em ver os membros compartilhando o amor de Cristo e perseverando na fé mesmo em tempos difíceis.

2. Cultive e preserve a unidade no corpo.

Paulo escreveu sobre isso aos Filipenses: “Se há em Cristo alguma exortação, alguma consolação de amor, alguma comunhão no Espírito, alguma ternura e compaixão, completem a minha alegria, tendo o mesmo modo de pensar, o mesmo amor, sendo unidos de alma e mente” (Fp 2:1-2). Quando os presbíteros procuram candidatos ao diaconato, buscam pessoas que sejam como “amortecedores” na igreja, que tenham efeito pacificador em situações delicadas. Mas isso não é apenas para os diáconos — todos somos chamados a isso. Como Tiago escreveu: “O fruto da justiça semeia-se em paz para os pacificadores” (Tg 3:18). Congregações assim são um grande encorajamento para seus líderes.

3. Ore pelos líderes da igreja.

Em 2 Coríntios 1:10-11, Paulo escreve: “Nele (Cristo) temos colocado a nossa esperança de que continuará a nos livrar, enquanto vocês nos ajudam com as suas orações. Assim, muitos darão graças por nossa causa, pelo favor que nos foi concedido em resposta às orações de muitos.” Este texto nos lembra de dois motivos para orar regularmente pelos líderes: eles receberam a tarefa formidável de pastorear uma congregação de pecadores, e assim, nossas orações são essenciais para que possamos nos alegrar e agradecer a Deus quando Ele responde.

4. Expresse seu amor por eles.

Mais adiante em 2 Coríntios, Paulo descreve como se sentiu: “Quando chegamos à Macedônia, nosso corpo não teve descanso; fomos atribulados por todos os lados – conflitos por fora, temores por dentro. Mas Deus, que consola os abatidos, nos consolou com a vinda de Tito, e não apenas com a chegada dele, mas também com o consolo que vocês lhe deram. Ele nos falou do anseio de vocês por mim, da tristeza de vocês, da preocupação ardente por mim; minha alegria foi ainda maior” (2 Cor 7:5-7). Que virada incrível! Seu encorajamento pode ser o consolo de Deus para um líder desanimado. E, mesmo se você não é do tipo que costuma expressar elogios, suas palavras podem ter ainda mais peso.

5. Busque conselhos e aceite repreensões com gratidão.

O aconselhamento de líderes espirituais — seja solicitado ou não — deve ter valor em nossa vida. Parte do papel deles como pastores é identificar e tratar problemas em nossas vidas antes que se tornem graves. Para que conselhos ou repreensões sejam específicos e úteis, nossos líderes precisam saber o que se passa conosco. É importante que pelo menos um líder saiba com o que você está lutando, decisões importantes por vir e situações que o desanimam. Procure conversar regularmente com presbíteros, equipe da igreja e líderes de pequenos grupos.

6. Creia no melhor sobre o caráter e decisões deles.

Em 1 Tessalonicenses 5:12-13, Paulo escreve: “Agora lhes pedimos, irmãos, que tenham consideração com os que se esforçam no trabalho entre vocês, que os lideram no Senhor e os aconselham. Tenham-nos na mais alta estima com amor, por causa do trabalho deles. Vivam em paz uns com os outros.”

Cito aqui um trecho do livro de Mack e Swavely: “Embora sempre tendamos a nos dar o ‘benefício da dúvida’, nossa carne pecaminosa tem forte tendência a ser desconfiada, cética e até cínica com os outros, especialmente líderes da igreja. Muitos membros cultivam o hábito de criticar o pastor todo domingo, e rótulos como ‘sede de poder’ são lançados sem pensar quando decisões difíceis são tomadas. Mas o amor bíblico, segundo 1 Coríntios 13:7, ‘tudo crê, tudo espera.’ Um membro que ama assume o melhor sobre seus líderes e confia neles, até que palavras ou ações claras tragam preocupação legítima sobre sua sabedoria ou motivações.”

Devemos confiar em nossos líderes, a menos que haja razões objetivas para o contrário. E devemos evitar presumir motivações, a não ser que haja base. Muitas vezes, nos chateamos não pelo que foi feito, mas pelo motivo — o que é totalmente especulativo. Decisões são tomadas sobre questões que nem sempre conhecemos a fundo. É perigoso confiar demais em nossa opinião sem conversar com a liderança, e arriscado presumir motivações pecaminosas. Só Deus conhece o coração; não devemos presumir que entendemos os motivos dos outros.

Aqui cabe falar sobre a crítica piedosa à liderança. Nossos líderes são humanos, imperfeitos como todos nós. Devemos ser humildes, amorosos e gentis ao abordar um líder com críticas construtivas. Cuidado para não ser excessivamente crítico ou fazer críticas frequentes. Mas também não devemos negligenciar nossa responsabilidade de oferecer críticas amorosas quando necessário. Lembre-se deste trecho do pacto da igreja: “Andaremos juntos em amor fraternal, como convém aos membros de uma Igreja Cristã; exerceremos cuidado e vigilância afetuosos uns sobre os outros e fielmente admoestaremos e exortaremos uns aos outros, conforme necessário.” Isso se aplica tanto aos líderes quanto aos membros.

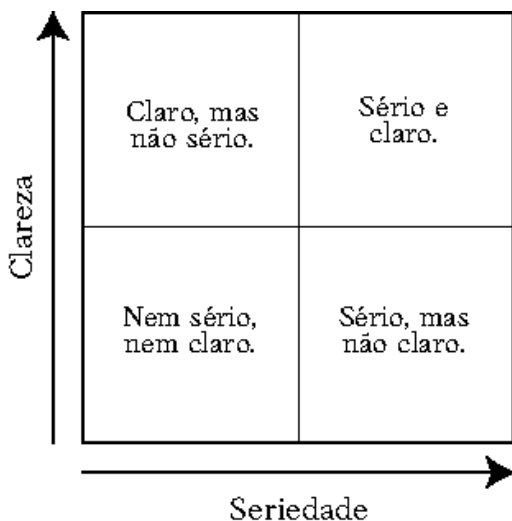
Devemos cultivar um ambiente em que críticas amorosas e ponderadas sejam dadas e recebidas livremente. “Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita ao seu tempo certo” (Pv 25:11).

Resumindo, seis maneiras de obedecer ao mandamento bíblico de respeitar aqueles que nos servem como líderes — especialmente os presbíteros — e de tornar o trabalho deles uma alegria: (1) andar em obediência a Cristo; (2) cultivar e preservar a unidade; (3) orar pelos líderes; (4) expressar amor por eles; (5) buscar conselho e aceitar repreensões; e (6) confiar no caráter e nas decisões deles.

III. O que fazer quando discordamos?

A segunda parte desta aula é sobre como devemos agir quando discordamos dos presbíteros. Já adianto que, nas próximas semanas, trataremos sobre o que fazer quando um presbítero peca.

Inevitavelmente, todos nós passaremos por momentos em que os presbíteros tomarão decisões com as quais não concordamos. Nossa resposta será fundamental para promover a unidade ou fomentar a dissensão.



Este é um diagrama que pode ser útil, com um eixo medindo quão clara é a resposta para determinada questão e o outro medindo sua seriedade.

No quadrante superior esquerdo, estão questões claras nas Escrituras, mas não sérias. Honestamente, é difícil pensar em algo assim — se Deus deixou claro na Bíblia, devemos prestar atenção.

No quadrante inferior esquerdo, temos assuntos nem sérios nem claros. Por exemplo: qual marca de copiadora comprar? Quanto tempo de silêncio depois do culto? Podemos debater, mas é saudável que a igreja se submeta às decisões dos líderes — que provavelmente delegam essas questões ao staff ou membros. Se você tem opinião, compartilhe, mas nunca de forma estridente ou divisiva. A unidade da igreja é mais importante que preferências nesses casos.

Nos quadrantes à direita, as coisas ficam mais desafiadoras. E quanto a questões sérias, mas não claras? Como reconhecer alguém como presbítero ou comprar um imóvel? Aqui, a congregação deve ouvir atentamente os presbíteros e lhes dar o benefício da dúvida. É por isso que Deus os colocou sobre nós.

Isso não significa que decisões assim sejam fáceis de aceitar. Então, como discordar de maneira piedosa em questões importantes, mas de resposta incerta? Algumas sugestões:

1. Reconheça seu papel de trazer informações aos presbíteros. Eles não sabem de todas as necessidades da igreja nem têm informações perfeitas. Por isso, nossa constituição exige que nenhum membro se manifeste publicamente contra a nomeação de um presbítero ou diácono sem antes conversar com um presbítero. O objetivo não é controlar seu voto, mas garantir que, se há um motivo válido para ser contra, os presbíteros possam reconsiderar.
2. Se discordar de uma decisão da liderança, converse com eles para entender o raciocínio. Eles estão dispostos e desejosos de dialogar — veem o cuidado espiritual da congregação como sua maior responsabilidade. Dê-se a oportunidade de ser persuadido e vá com espírito ensinável.
3. Se sente receio de conversar com os presbíteros, procure conhecê-los melhor. No curto prazo, converse mesmo assim, ou, se preferir, fale antes com outro líder, como o de seu pequeno grupo.
4. Se, mesmo após conversar, ainda discordar, tudo bem. Nem todos os cristãos concordarão em tudo sempre. É possível confiar nos líderes e discordar ao mesmo tempo. É aqui que Hebreus 13:17 se aplica de verdade: submeter-se quando se

discorda, agindo em fé, confiando que Cristo governa sua igreja por Sua Palavra, Espírito e líderes.

5. Os próprios presbíteros são chamados a se submeter à maioria quando discordam entre si. Quando um presbítero perde uma votação, deve deixar o assunto de lado, não buscar apoio depois nem guardar ressentimento. Eles procuram modelar submissão à congregação.
6. Seja cuidadoso ao discutir o assunto com outros. Em questões sérias, mas não claras, a unidade traz mais glória a Cristo que a decisão “ótima”. Não busque apoio para reverter a decisão nem ridicularize os presbíteros em conversas, dificultando a confiança. Se for comentar em reunião de membros, fale com graça, bondade e humildade. Quantas vezes ouvimos sobre reuniões que viram discussões acaloradas e dolorosas?
7. Por fim, se outros tentarem menosprezar a liderança, oriente-os a procurar os presbíteros diretamente. Explique que há formas corretas e incorretas de criticar decisões.

Por fim, vejamos o último quadrante, onde as questões são sérias e claras. Aqui, a congregação é o último freio contra decisões ruins dos presbíteros. Em assuntos de disciplina e doutrina, os apóstolos no Novo Testamento recorriam à igreja. A reputação de Cristo será mais preservada se defendermos o que é certo que pela mera unidade aparente. Mas, mesmo aqui, há dúvidas: como agir? Como cumprir nosso papel bíblico sem prejudicar o nome de Cristo e cuidar das almas envolvidas?

Nesses casos, a congregação deve votar contra a moção dos presbíteros, se ela for claramente antibíblica. Em algumas situações, pode ser necessário pedir a renúncia dos presbíteros. Mas, durante esse processo, a igreja deve manter algumas atitudes:

1. A igreja não é lugar para campanhas ou articulações secretas. Se um membro acha que os presbíteros estão cruzando a linha em disciplina ou doutrina, deve ser transparente com eles, mesmo conversando com outros membros.
2. Se a liderança defende posição claramente antibíblica, é hora de buscar conselho de líderes piedosos de outras igrejas, de preferência que conheçam bem esta igreja e seus líderes. A autoridade final da congregação não descarta a busca por conselhos externos.
3. Devemos proteger o nome de Cristo no meio de possíveis desentendimentos. É lamentável quando membros expõem conflitos da igreja na mídia, buscando apoio e pressionando o outro lado. Paulo repreendeu os coríntios por levarem disputas à justiça; imagine sua reação se um conflito fosse divulgado ao público. Mais importante, pense como Deus vê tais atitudes. A reputação de Cristo deve ser prioridade. Não tome atitudes ou diga palavras que difamem o nome de Cristo diante do mundo. Mais do que a unidade da igreja, Cristo é nossa alegria e tesouro.

Ao considerar esse último cenário, devemos orar para que nossa igreja nunca precise passar por isso. Mas, caso aconteça, tenhamos esperança pela maneira como Deus nos sustentou como corpo até hoje. Alegremo-nos de que os propósitos de Deus triunfarão, independentemente do nosso comportamento.

IV. Conclusão

Quero encerrar com as palavras de um pastor idoso — Edward Griffin — dirigidas à sua igreja ao se aposentar. São palavras que devemos ouvir atentamente em relação a todos que Deus nos deu como líderes: “Por seu próprio bem e pelo bem de seus filhos, estimem e respeitem aquele que vocês escolheram para ser seu pastor. Ele já os ama; e logo

os amará como ‘osso do seu osso, carne da sua carne’. Será igualmente seu dever e interesse tornar o trabalho dele o mais agradável possível. Não exijam demais. Não peçam visitas frequentes demais. Se ele gastar, dessa forma, metade do tempo que alguns exigem, terá de negligenciar totalmente seus estudos, ou até adoecer sob o peso. Não relatem a ele todas as coisas desagradáveis que possam ser ditas sobre ele; nem frequentemente, em sua presença, aludam a oposição, caso ela surja. Embora seja ministro de Cristo, lembrem-se de que ele tem sentimentos humanos.” (Edward Griffin, “A Tearful Farewell from a Faithful Pastor,” – “Uma Triste Despedida de Um Fiel Pastor”,1809).
Que possamos glorificar a Cristo cuidando assim de nossos líderes.

IX

Disciplina na Igreja

I. Introdução

Um tema central que percorre esta aula é a tensão entre o grande propósito de Deus para a igreja — que sejamos a manifestação da Sua glória na terra — e o nosso pecado. Muito do que discutimos trata de como cristãos propensos ao pecado podem glorificar a Deus por meio do amor e da unidade entre si. Porém, há momentos em que o pecado ataca nossa igreja e aqueles que são afetados por ele não se arrependem. Esses são momentos delicados para a unidade da igreja.

Podemos escolher ignorar o pecado — e assim ameaçar o chamado distintivo da igreja de Cristo. Por outro lado, podemos agir com rigor e autossuficiência — destruindo nossa unidade. Felizmente, a Bíblia oferece sabedoria sobre essa questão onde a nossa falta. Chamamos essa abordagem bíblica de disciplina eclesiástica — uma resposta bíblica ao pecado não arrependido. E, longe das más percepções de julgamentos cruéis ou de marcação de pessoas, a disciplina é, por natureza, algo positivo — é um mandamento das Escrituras para o nosso bem. Significa que cuidamos uns dos outros ao falar a verdade, em amor, sobre nossos pecados. Significa que protegemos a igreja de pecados graves e não arrependidos que trazem descrédito a Cristo. Infelizmente, o mundo frequentemente zomba da conduta da igreja: “Ele é líder da igreja, mas é pior que nós!” A disciplina é o instrumento normal de Deus para preservar a reputação de Cristo em Sua igreja, deixando claro que Cristo não aprova tal pecado.

O modelo para a disciplina na igreja é a disciplina que nosso Pai celestial amoroso exerce ao lidar conosco. O livro de Hebreus nos diz: “O Senhor disciplina a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe” (Hb 12:6). O objetivo da disciplina é a justiça. “No momento, toda disciplina parece motivo de tristeza e não de alegria, mas, depois, produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela têm sido exercitados” (Hb 12:11).

Hoje, vamos considerar como a Bíblia nos instrui a praticar a disciplina eclesiástica e como fazer isso fortalece a unidade da igreja e protege a reputação de Cristo. Também pensaremos em como nós, como membros, temos a responsabilidade de participar do processo de disciplina.

Antes de prosseguirmos, porém, precisamos de clareza nas definições.

II. Dois Tipos de Disciplina

Na verdade, existem dois tipos de disciplina: disciplina formativa e disciplina corretiva. Quando falamos em “disciplina eclesiástica”, geralmente pensamos na segunda. Mas a primeira é muito mais comum.

Primeiro, a “disciplina formativa”. Trata-se de conduzir pessoas à maturidade em Cristo por meio da instrução positiva e do ensino. Por exemplo, quando a Palavra é pregada e somos confrontados, ou quando cristãos encorajam uns aos outros, isso é disciplina formativa. Ef 4:11-12; Hb 10:24-25; Cl 3:16. A disciplina formativa é importante porque Deus a usa para prevenir o pecado que exigiria a disciplina corretiva.

Já a “disciplina corretiva” é corrigir o pecado na vida de um crente. Vai desde confrontar pessoalmente até a exclusão formal. É quando precisamos dizer: “Ei, Tom, acho que você errou ao dizer aquilo.” Ou, finalmente, segundo o ensino de Jesus: “Maria, sei que você se diz cristã, mas agora precisamos tratá-la como não cristã, pois você não para de mentir.” Isso é disciplina corretiva.

III. O Propósito da Disciplina Corretiva

Hoje, vamos nos concentrar na segunda forma de disciplina, a corretiva. Então, por que a praticamos? Basicamente porque a Bíblia nos ordena. Mas ela também nos dá objetivos específicos para isso.

- Primeiro, o bem da pessoa disciplinada. A disciplina é um ato de amor, pois nos adverte e corrige nosso pecado, e isso traz benefícios. Para quem vive em pecado não arrependido, deixa claro que suas ações não demonstram uma fé genuína em Cristo.
- Segundo, o bem dos outros cristãos ao enxergarem a seriedade do pecado e suas consequências.
- Terceiro, a saúde da igreja como um todo. A disciplina impede pecados que poderiam gerar conflitos ou confusão para cristãos menos maduros sobre o que significa seguir Jesus.
- Quarto, o testemunho coletivo da igreja. A disciplina protege nosso testemunho diante do mundo. As pessoas percebem quando há uma comunidade de crentes cujas vidas são diferentes do restante do mundo. Elas podem facilmente rejeitar nossa mensagem se nosso comportamento for igual ao mundo ao redor.

E todos esses pontos contribuem para o objetivo principal da disciplina eclesial: tornar conhecida a excelência do nosso Redentor.

IV. Como Exercemos a Disciplina Eclesiástica?

Vamos gastar o restante do nosso tempo falando sobre como podemos exercer a disciplina eclesiástica para o nosso bem e a glória de Deus. Para isso, vamos seguir as seguintes perguntas:

A. E se alguém pecar contra você?

Primeiro, o que fazer se um cristão pecar contra você? Como reagir? Você deve confrontá-lo agressivamente e depois ignorá-lo? Deve ficar em silêncio e guardar ressentimento? Vamos ver o que Jesus ensina. Abra em Mateus 18:15-17.

15 “Se o seu irmão pecar contra você, vá e mostre-lhe o erro, entre você e ele somente. Se ele o ouvir, você ganhou seu irmão. 16 Mas se ele não o ouvir, leve com você mais uma ou duas pessoas, para que toda questão seja confirmada pelo depoimento de duas ou três testemunhas. 17 Se ele se recusar a ouvi-los, conte-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, trate-o como gentio e publicano.”

Passo 1: Procure o ofensor

Devemos, antes de tudo, conversar com quem pecou contra nós (chamarei essa pessoa de ofensor). Se ele não ouvir, devemos levar mais um ou dois irmãos. Se ainda assim não ouvir, devemos comunicar à igreja, que pode excluí-lo se não se arrepender.

Analisando com mais detalhes, vamos pensar nesse primeiro passo. Na maioria dos casos, essa conversa inicial resolve o problema. Ou a pessoa se arrepende, ou você percebe que estava enganado. Como nos preparamos para esse diálogo?

1. Ore por essa pessoa. Peça a Deus que a faça crescer espiritualmente; que ela deseje conhecer mais de Deus. Isso suavizará seu coração antes da conversa.

2. Tenha certeza de que há motivo legítimo para procurar o ofensor. Alguns pecados são objetivos: “Ele me bateu!” Outros nem tanto: “Ele está sendo muito orgulhoso!” Podemos conversar sobre ambos, mas quanto menos objetivo o pecado, mais devemos estar preparados para explicar nossa preocupação e, se não houver acordo, deixar o assunto de lado. Não diga: “Você é orgulhoso! Arrependa-se ou conto para a igreja.” Mas sim: “Irmã, pelas palavras que você tem usado, temo que esteja falando por orgulho. Você acha que pode ser isso?”
3. Examine o próprio coração para garantir que suas motivações são corretas. Não vá ao ofensor por raiva, vingança, superioridade ou outro sentimento pecaminoso (Rm 12:19). Seu desejo deve ser a reconciliação para o bem de ambos e para a glória de Deus. Como Jesus diz, confesse primeiro o seu pecado e assim verá mais claramente o pecado do irmão (Mt 7:5).
4. Seja muito cuidadoso ao falar sobre o pecado dessa pessoa com outros. Jesus manda conversar com ela, não com seu melhor amigo ou o cônjuge do ofensor. Busque conselhos, se necessário, mas tome cuidado para que isso não vire fofoca. Mesmo ao pedir conselho, quase sempre é possível sem mencionar o nome do ofensor.
5. Ao conversar com o ofensor, lembre-se de agir com gentileza, humildade e amor. Uma resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura desperta a ira.

Tudo isso torna o passo inicial mais eficaz e preserva a unidade da igreja, evitando obstáculos como orgulho ou fofoca.

Antes de passar ao próximo passo de Mateus 18, faça dois comentários sobre esse primeiro passo:

1. Você deve procurar o irmão por qualquer pequena ofensa? Certamente não. O amor cobre uma multidão de pecados. Provérbios ensina que relevar uma ofensa é algo glorioso e demonstra paciência e tolerância (Pv 19:11). Quando então procurar? Duas perguntas:
 - A ofensa rompeu o relacionamento? Isso volta à sua mente com frequência? Você se sente diferente em relação à pessoa por mais de um breve momento? É difícil perdoar? Se sim para alguma dessas, provavelmente é hora de conversar.
 - Qual o perigo desse pecado para o ofensor? Tiago escreve: “Aquele que reconduz um pecador do seu erro salvará da morte a alma dele e cobrirá uma multidão de pecados” (Tg 5:20). O pecado impede essa pessoa de refletir Cristo ao mundo? É sinal de lutas maiores, ou pode levar a isso?
2. Jesus ensina que devemos iniciar a conversa, seja ofensor ou ofendido. Mateus 18 pede que o ofendido busque reconciliação. Mateus 5:23-24 diz que, se você lembrar que alguém tem algo contra você, pare tudo — até mesmo o culto — e vá se reconciliar. Isso mostra o quanto Jesus valoriza nossos relacionamentos na igreja!

Por isso é fundamental examinarmos nossas relações antes de participar da Ceia do Senhor. Em caso de conflito, tanto o ofensor quanto o ofendido devem buscar reconciliação. Devíamos até “tropeçar uns nos outros” correndo para resolver! Que imagem maravilhosa!

Passo 2: Levar um ou dois outros

Voltando a Mateus 18. Se o ofensor não ouvir — e fica claro que houve pecado —, devemos levar mais um ou dois irmãos. Isso serve a dois propósitos: o ofensor pode estar mais disposto a ouvir alguém neutro, e o outro serve de testemunha caso a disciplina avance.

Algumas orientações sobre esse processo: antes de dar esse passo, considere o quão objetivo é o pecado. Você está confrontando porque acha que ele gasta demais ou porque acha que é orgulhoso? Só Deus conhece o coração. Se for uma questão subjetiva, melhor deixar nas mãos do Espírito Santo. Se seguir adiante, os irmãos que você levar devem ser confiáveis, discretos, imparciais e sensatos. Avise o ofensor sobre o encontro, não o surpreenda. E não tente convencer o testemunho a ficar do seu lado; deixe os fatos falarem por si.

Passo 3: Levar à igreja

Seguindo para o terceiro passo, se o ofensor continuar resistente, a igreja deve ser envolvida — podendo até excluí-lo. Em Mateus 18, Jesus não exige que os líderes da igreja sejam consultados antes, mas esse passo intermediário parece adequado e coerente. Observando Mateus 18, vemos Jesus querendo envolver o menor número de pessoas possível, mas disposto a tornar o caso público se necessário. No passo final, até usa pessoas de fora e o próprio Satanás para, providencialmente, despertar o arrependimento.

B. E se você vir um membro pecar contra outro?

Mateus 18 nos orienta sobre o que fazer quando alguém peca contra você. Mas e se você presenciar alguém pecando contra outro membro? O que fazer?

A resposta é: depende. Gálatas 6:1 diz: “Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, que são espirituais, devem

restaurá-lo com espírito de mansidão.” E Lucas 17:3 diz: “Se seu irmão pecar, repreenda-o; se ele se arrepender, perdoe-lhe.” Por outro lado, a Bíblia alerta para não sermos intrometidos, sempre procurando defeitos nos outros. Todos pecamos, seria impossível — e improdutivo — apontar cada erro que vemos. Então, quando é apropriado abordar um irmão sobre o pecado?

Algumas diretrizes:

- O pecado está trazendo desonra a Deus? É visível a ponto de “mentir” sobre Deus para não cristãos?
- Está prejudicando outros, levando à tentação ou dando mau exemplo para cristãos mais jovens?
- Pode gerar desunião na igreja?
- Está prejudicando seriamente o ofensor, afetando seu relacionamento com Deus ou de outras formas?

Se a resposta for sim para uma ou mais, provavelmente é hora de conversar. Quanto menos você conhece a pessoa, maior deve ser o critério. Quanto mais confiança houver, menor a barreira.

C. E se alguém pecar de forma gravíssima?

Ao longo dos anos, muito se discutiu sobre as diferenças entre o caso de disciplina de 1 Coríntios 5 — onde Paulo manda expulsar o homem que estava com a mulher do pai — e Mateus 18, que acabamos de ver. Em 1 Coríntios 5, Paulo não questiona se houve arrependimento; simplesmente manda excluir o homem. O que acontece aqui? Existe um “caminho rápido” de disciplina que Jesus não descreveu?

De certa forma, sim. Parece que em 1 Coríntios 5 trata-se de um pecado tão grave, tão fora dos padrões sociais, que nada que o homem dissesse convenceria a igreja de seu arrependimento. Normalmente, seguimos o princípio de “inocente até que se prove o contrário”. O

membro fica na igreja até que, pelos passos de Mateus 18, fique claro que não se arrependeu. Mas há situações em que a credibilidade de qualquer arrependimento está tão abalada que a igreja deve agir rapidamente, pelo bem do pecador e da reputação de Cristo, como vemos em 1 Coríntios 5. Se, pela graça de Deus, houver arrependimento genuíno, a exclusão é revertida.

D. Como lidar com quem foi excluído?

Muitas vezes isso não será problema, pois a pessoa excluída se muda ou não convive mais com a igreja. Mas já houve casos em que, mesmo depois de ter o nome retirado do rol, a pessoa continua frequentando cultos, o que é excelente. Queremos que ela continue ouvindo a Palavra e seja convencida do seu pecado. Mas e se ela também começa a participar de eventos sociais, como jantares? O que fazer então?

Em 1 Coríntios 5:11 lemos que não devemos “nos associar” com tal pessoa. Em Mateus 18:17, Jesus diz para tratá-la como gentil e publicano. Na prática, isso significa tratá-la como descrente — mas não como qualquer descrente, e sim alguém que, tragicamente, pensa estar tudo bem. Devemos incentivá-la a ir à igreja e agir com amor e bondade. Mas devemos exortá-la ao arrependimento e nunca agir normalmente, como faríamos com outro cristão ou até um não cristão que sabe que não é cristão. Esse é o sentido de 1 Coríntios 5:11, “nem mesmo comam com tal pessoa.” Claro que, se for parente ou colega de trabalho, outras obrigações bíblicas podem prevalecer.

E. E se um líder da igreja pecar?

Por fim, o último tema é o que as Escrituras dizem sobre pecado entre líderes da igreja. A passagem central é 1 Timóteo 5:19-20:

“Não aceites acusação contra um presbítero, senão com duas ou três testemunhas. Aos que pecarem, repreende-os na presença de todos, para que também os demais temam.”

Paulo dá cautela especial para proteger presbíteros de ataques infundados: antes de qualquer disciplina, é necessário o testemunho de dois ou três. Isso faz sentido, pois líderes muitas vezes enfrentam situações que podem gerar acusações injustas.

Diante disso, duas situações podem surgir: primeiro — ouvir rumores de acusação contra um presbítero; segundo — presenciar um presbítero em pecado.

Rumores de acusação

Se alguém disser que viu um presbítero pecar — ou acha que viu —, qual sua responsabilidade? Antes de tudo, evitar participar de fofocas e calúnias. Oriente a pessoa a conversar com o presbítero, não com você. Desencoraje ativamente a difamação. Há duas exceções: se você também testemunhou o pecado e a pessoa busca cumprir o critério de testemunhas de 1Tm 5:19; ou se está sendo chamado para ser testemunha, mesmo sem ser ocular. Falaremos disso a seguir.

Se presenciar um líder em pecado

Se um presbítero pecar contra você — ou você testemunhar um pecado — converse com ele. Lembre-se de que as aparências podem enganar e de que ele serve como líder porque, ao menos antes, a igreja o julgou irrepreensível. Dê o benefício da dúvida. Se estiver desconfortável para abordá-lo — por exemplo, se houve abuso ou intimidação — procure outro líder ou membro maduro. Se a intenção for manter o assunto reservado e envolver o mínimo de pessoas, não há violação de 1Tm 5:19.

Se depois da conversa, mesmo mostrando as Escrituras, o líder não se arrepender, considere o quão objetivo é o pecado. Se for algo subjetivo, como orgulho, pare e ore. Se for algo comprovável — como desvio de dinheiro ou conduta sexual imprópria —, prossiga conforme 1Tm 5:19. Disciplina, inclusive para líderes, não é opcional na igreja; essa é sua responsabilidade diante de Deus. O próximo passo é conversar com outros que viram o pecado e pedir que confrontem o líder com você, ou levem o caso aos demais presbíteros. Esses atuarão como testemunhas, mesmo que não sejam oculares — podem ser pessoas com conhecimento do caso, do acusado ou do acusador. Muitas vezes, é melhor procurar outro presbítero, que pode ter informações sobre situações passadas. Assim, ele pode cumprir o papel de testemunha e coacusador. Paulo diz ainda: “Na presença de Deus, de Cristo Jesus e dos anjos eleitos, eu te exorto a guardar estas instruções sem parcialidade e sem favoritismo” (1Tm 5:21). São palavras fortes. Os presbíteros têm responsabilidade especial de não negligenciar o pecado entre si.

A segunda coisa que Paulo ensina em 1Tm 5:19-20 é que o pecado de líderes é muito sério. Devem ser repreendidos publicamente, com exposição do erro à igreja — mesmo que se arrependam! Em resumo: líderes estão mais vulneráveis a acusações, então Paulo pede mais cuidado ao apurar a culpa, mas o pecado de líderes gera mais dano à igreja, por isso mesmo arrependidos, são tratados de modo mais público.

Conclusão

Por que a disciplina eclesiástica importa? Porque a igreja importa. E a igreja só faz diferença quando é diferente do mundo. Lembre-se das palavras de Jesus em Mateus 5: “Vós sois o sal da terra; mas se o sal perder o sabor, como restaurá-lo? Para nada mais serve, senão para ser

lançado fora e pisado pelos homens” (Mt 5:13). A disciplina é a ferramenta que Jesus nos deu desde Mateus 18, quando inaugurou a igreja, para nos manter distintos do mundo. Quando somos diferentes, anunciamos o evangelho de forma marcante. Estimulamos uns aos outros ao amor e às boas obras. Protegemos a mensagem do evangelho para a próxima geração. Quando nos igualamos ao mundo, tudo se perde.

Portanto, vamos perseverar juntos como igreja, usando esse instrumento da disciplina quando necessário, para a glória de Deus e a salvação de nosso mundo.

X

Encorajamento

I. Introdução (Boas-vindas, Oração)

Encorajamento. É algo bom! Como cristãos, sabemos que somos chamados a fazer isso. Mas também pode ser algo vago. Encorajamento é simplesmente ser “legal” com alguém? Ao começarmos, quero perguntar a todos: Quais são alguns dos objetivos do verdadeiro encorajamento, segundo as Escrituras? Por que devemos encorajar uns aos outros?

Qual era o objetivo de Paulo para o encorajamento? Em Colossenses 1: 28 “A Ele [Cristo] nós proclamamos, advertindo e ensinando a todos com toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo”, somos chamados ao mesmo objetivo – apresentar outros maduros em Cristo. Em Hebreus 10:24-25 lemos: “Consideremos uns aos outros para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de nos congregar, como é costume de alguns, antes façamos admoestações, e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima.” Esse mesmo sentimento é ecoado em nossa aliança da igreja: “Andaremos juntos em amor fraternal, como convém aos membros de uma Igreja Cristã, exercendo cuidado afetivo e vigilância uns pelos outros, e fielmente admoestando e suplicando uns aos outros conforme a ocasião exigir.”

Então, aqui está uma definição de encorajamento: Cuidar de alguém – normalmente incluindo falar a verdade bíblica a essa pessoa – com o objetivo de promover o crescimento dela em piedade. Digo

“normalmente” porque é possível encorajar alguém sem palavras, por exemplo, levando uma refeição, mas, biblicamente, o encorajamento geralmente traz algum conteúdo – e esse conteúdo deve vir da Palavra de Deus.

Que responsabilidade enorme: encorajar visando a santidade. Juntos, estamos numa luta de vida ou morte contra o mundo, a carne e o diabo. E nosso chamado é ajudar uns aos outros a cruzar a linha de chegada pela graça de Deus. Deus é quem nos preserva, mas Ele usa meios para isso. Um desses meios é o corpo de Cristo.

Parte de cumprir esse chamado inclui confrontar pecados explícitos, como falamos na semana passada. Mas a vida cristã envolve muito mais do que isso. Envolve milhares de decisões diárias que formam a história de nossas vidas. Precisamos de encorajamento para que essa história seja de confiança alegre em Cristo até o nosso último dia. Portanto, o encorajamento é crucial para nossa unidade como igreja. Quando nos encorajamos em Cristo, garantimos que estamos unidos em torno de Cristo e não de outras coisas. Quando nossa unidade sofre, precisamos ser habilidosos na arte do encorajamento, para apontar uns aos outros para o que realmente importa e ajudar a superar as sementes da divisão.

Deixe-me apresentar um breve esboço para nosso tempo juntos. Começaremos examinando o que torna o encorajamento difícil de ser feito de forma eficaz. Depois veremos o tipo de relacionamentos necessários para que isso aconteça. E, por fim, algumas orientações práticas de como podemos trazer encorajamento saturado pelo evangelho à vida dos nossos irmãos e irmãs em Cristo.

II. O Desafio do Encorajamento

Primeiro, o que torna isso difícil? Duas coisas às quais devemos estar atentos ao tentar encorajar outros:

Primeiro e mais importante,

A) Nossa luta é uma questão do coração — envolve os desejos centrais que motivam nossas decisões e ações todos os dias. E, como lemos no profeta Jeremias, “o coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo?” (Jeremias 17:9). Os desejos maus do coração são o que Tiago aponta como causa tanto da tentação (1:14) quanto do conflito (4:1). Portanto, quando vemos irmãos e irmãs na igreja tomando decisões que não condizem com sua identidade em Cristo, sabemos que o problema não é, principalmente, externo, mas resultado dos desejos pecaminosos do próprio coração.

Isso é importante porque, muitas vezes, ao nos relacionarmos com outros cristãos e vemos coisas em suas vidas que desonram a Cristo, nosso objetivo é apenas mudar o comportamento deles. “Se ao menos ele não passasse tanto tempo com aquelas pessoas.” “Se ao menos ela gastasse seu dinheiro de outro jeito.” “Se ao menos ele mudasse para um emprego que lhe desse mais tempo com a família.” Mas, como sabemos muito bem, o comportamento não é a raiz do problema.

Algumas implicações disso:

Primeiro, só Deus pode mudar o coração. Somos instrumentos em Suas mãos. Ao nos envolvermos na vida de outros, devemos lembrar que a oração é nossa melhor ferramenta, que culpa e coerção não corrigem questões profundas do coração, e que nossa dependência de Deus aumenta a glória que Ele merece. Há momentos apropriados para ajudar outros a mudar comportamentos – como cobrar alguém

por um pecado habitual, por exemplo. Mas o objetivo final não é apenas mudar comportamentos, mas tratar as questões do coração.

Outra implicação: ao encorajar outros, devemos lembrar que nossos corações também são propensos a se desviar. Não por acaso, logo após Paulo nos exortar a restaurar quem foi apanhado em pecado (Gálatas 6:1), ele nos adverte contra o orgulho e a autossuficiência. Nossos corações são mais escuros e capazes de mais mal do que imaginamos.

E, por fim: lembrar da importância do coração nos mostra que o objetivo não é fazer os outros se sentirem felizes e realizados. Existem muitos caminhos para isso que, tragicamente, não tocam as questões do coração. Nosso objetivo ao encorajar é que os desejos sejam transformados, buscando Cristo acima de tudo – isso sim leva à verdadeira e duradoura alegria.

O primeiro desafio ao encorajar irmãos é a enganiosidade do coração – tanto o deles quanto o nosso.

Filosofias Vazias e Enganosas

Um segundo inimigo é o pensamento mundano. Refiro-me às palavras de Paulo em Colossenses 2:8: “Cuidado que ninguém os venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo.” Em outras palavras, todos somos “filósofos”. O tempo todo criamos filosofias de sentido para nossas vidas. O que importa? Por que as coisas acontecem? Pelo que vale a pena viver?

Geralmente, sabemos as respostas certas, mas facilmente somos enganados por filosofias humanas e mundanas, em vez de fundamentadas na verdade. No livro “Como as Pessoas Mudam”,

Timothy Lane e Paul Tripp chamam isso de “o vão do evangelho”: uma lacuna entre o que sabemos ser verdade no evangelho e a forma como vivemos.

Essas lacunas nunca ficam vazias. Nós – e outros na igreja – muitas vezes operamos com uma mistura de verdade do evangelho e outras filosofias que, embora pareçam bíblicas, no fundo refletem valores deste mundo. Os autores identificam sete dessas filosofias substitutas. Vou apresentá-las para pensarmos onde elas podem estar presentes em nossos corações ou nos corações de pessoas que conhecemos:

Formalismo: Participo regularmente das reuniões e ministérios da igreja, então sinto que minha vida está sob controle. Posso estar sempre presente, mas isso pouco impacta meu coração e meus atos. Torno-me crítico e impaciente com quem não faz o mesmo. Cristianismo é estar no lugar certo e fazer as coisas certas.

Legalismo: Vivo por regras – regras que crio para mim e para os outros. Sinto-me bem se consigo cumpri-las. Fico arrogante e amargo quando os outros não atingem meus padrões. Não há alegria, pois não há graça para ser celebrada.

Misticismo: Busco incessantemente experiências emocionais com Deus. Vivo para os momentos de “sentir” Deus. Se não tenho esse “auge”, acho que Deus não me ama ou não é real.

Ativismo: Fico animado com o cristianismo principalmente como forma de consertar o mundo. Baseio meu relacionamento com Deus em quanto faço para aliviar o sofrimento, mas meu próprio coração está longe d’Ele.

Biblicismo: Reduzo o evangelho ao domínio do conhecimento bíblico e teológico. Conheço a Bíblia de cabo a rabo, mas não permito que ela me transforme. Torno-me impaciente com quem sabe menos.

Evangelho Terapêutico: Falo muito sobre como Cristo é o único caminho para cura e ajuda aos que sofrem. Mas, sem perceber, faço de Cristo mais terapeuta do que Salvador. Considero o pecado dos outros contra mim maior do que meu pecado contra Deus e trato o cristianismo apenas como forma de resolver problemas e ser feliz.

“Socialismo”: As amizades profundas que encontro na igreja viram um ídolo – o corpo de Cristo substitui o próprio Cristo. O evangelho vira uma rede de relacionamentos cristãos satisfatórios.

Sete filosofias anti-evangelho, todas baseadas em meias-verdades, nas quais temos tendência de acreditar – por isso precisamos de encorajamento. O encorajamento serve para corrigir visões distorcidas do que realmente é o cristianismo. Uma experiência que o autor conta é das aulas de piano, quando sua professora o corrigia toda vez que sua postura da mão voltava ao lugar errado. Ao encorajar bíblicamente, somos como esse professor que, gentil e regularmente, ajuda o aluno a reconhecer e eliminar maus hábitos teológicos. Não só corrigimos, mas modelamos o jeito certo. Como Paulo diz: “Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento para torná-lo obediente a Cristo” (2 Coríntios 10:5).

Esse é o desafio: lutar contra os desejos do coração, reconhecendo que estamos imersos em filosofias mundanas que desafiam verdades cristãs fundamentais sobre quem somos. Se esse é o cenário, o próximo passo é pensar sobre o contexto para a mudança – ou seja, os tipos de relacionamentos que promovem encorajamento para a santidade.

III. O Contexto para a Mudança

Tiago 5:16 diz: “Confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados.” Para termos uma cultura saudável de encorajamento na igreja, precisamos de duas coisas: disposição para revelar lutas e disposição para ouvir e ajudar quando outros revelam suas lutas. Nada do que for dito neste material será útil se você não estiver disposto a compartilhar suas lutas e se não estiver próximo o suficiente de outros para saber quando e como eles precisam de ajuda.

Algumas ideias para cultivar esse tipo de contexto na igreja.

Sobre compartilhar nossas lutas: encorajo todos a abraçar, quando for apropriado, o “ministério da dependência”. Não há nada de piedoso em tropeçar sozinho porque você é orgulhoso demais para deixar que outros ajudem. Dê aos outros a oportunidade de ministrar a você. Uma das maiores gentilezas que podemos oferecer a quem está lutando ou pensando em se unir à igreja é deixar claro que a igreja é feita de pessoas como eles, porque é feita de todos nós.

Ao servir quem compartilha suas lutas: quando alguém se abre conosco, somos chamados a levar isso a sério. Ajuda muito evitar soluções simplistas que soam como se só um tolo tivesse aquele problema. “Está lutando com depressão? É só ler mais a Bíblia e pegar sol que passa.” O que pode parecer simples para você pode ser uma batalha de uma vida inteira para o outro. Quando alguém se abre, é como se tivesse lhe entregue uma joia. Pode estar bruta e disforme – mas agora você tem o privilégio de ouvir e ajudar a lapidá-la, para que se torne um reflexo da obra santificadora de Deus.

Esses são pensamentos sobre o contexto de relacionamentos que precisamos construir: relacionamentos honestos e que acolhem pessoas em luta.

IV. Como Encorajar Pessoas em Luta

Os cristãos ao nosso redor lutam contra a carne e contra filosofias vazias e enganosas. Somos exortados a encorajá-los, a instruí-los.

Como fazemos isso?

A resposta depende da pessoa. Mas a Escritura nos dá muita sabedoria sobre esse assunto. Ouça 1 Tessalonicenses 5:14: “Exortamos vocês, irmãos, a que admoestem os que vivem ociosamente, consolem os desanimados, amparem os fracos e sejam pacientes para com todos.”

Ao lidar com a luta de um irmão, é útil pensar nessas três categorias. Ele está ocioso, ou “indisciplinado”? Está desanimado e precisa de motivação? Está simplesmente fraco e precisa de ajuda para carregar o fardo? E como posso agir com paciência?

Independentemente da categoria, sugiro três atitudes:

Fale as Escrituras. Isso não significa apenas citar um versículo. Normalmente, para falar a verdade de forma que alguém ouça, precisamos mostrar amor e conhecer o que a pessoa enfrenta. Depois, transmitimos a verdade da Palavra – talvez lembrando um padrão na história da salvação, talvez estudando um texto juntos. Mas fale a Palavra.

Ajude a meditar nas boas novas. Fale sobre diferentes aspectos do que Cristo fez, e seja específico. Para quem luta com culpa e vergonha,

Cristo levou nossa culpa e nos reconciliou com o Pai. Para quem enfrenta solidão, Cristo nos adotou na família do Pai. Para quem luta com tentação e pecado, Cristo nos fez novos e nos deu o Espírito Santo. Sabemos disso, mas muitas vezes precisamos de ajuda para ligar essas verdades ao que enfrentamos diariamente.

Identifique evidências da graça de Deus na vida da pessoa. Reconheça o fruto que o Espírito está produzindo e fale sobre isso. Se alguém duvida da própria salvação, isso pode ajudar na certeza de que Deus está agindo. Foi assim com Paulo nas cartas: mesmo quando tinha muito a corrigir, ele agradecia pela graça de Deus naqueles irmãos (1 Coríntios 1:4-5).

Agora, vamos analisar 3 estudos de caso – exemplos do que isso pode significar em cada uma das três categorias de 1 Tessalonicenses 5:14. Em cada um, darei um contexto sobre a pessoa e depois discutiremos algumas perguntas juntos.

A) Admoestar os Ociosos

Vamos começar com a primeira categoria: “admoestar os ociosos”. Imagine que você está conversando com uma amiga, que não se afasta do caminho da tentação. Ela percebe que é muito tentada a amar as coisas deste mundo – e assistir a um certo programa de TV sempre a deixa descontente com o que Deus lhe deu. Mas ela gosta muito e se diverte comentando com colegas de trabalho. Você já conversou sobre como esse programa pode estar prejudicando sua vida, e ela confessa que realmente a leva à insatisfação, mas não parou de assistir. Ela está ociosa, apática quanto à própria alma.

Duas perguntas: Onde está a lacuna na compreensão do evangelho por parte dessa moça? [Possível resposta: sobre o que significa realmente se arrepender.] Como Paulo disse: “Nós que morremos para o pecado,

como viveremos ainda nele?” (Romanos 6:2). Ela entende o que é arrependimento para o cristão? O que significa levar a sério as palavras de Jesus: “Se tua mão te faz pecar, corta-a” (Marcos 9:43)?]

O que você diria para ela? [Fale sobre a diferença entre tristeza segundo o mundo e tristeza segundo Deus (2 Coríntios 7). Ela pode se arrepender de assistir, mas não é arrependida de fato. “A tristeza, segundo Deus, produz arrependimento para a salvação, do qual ninguém se arrepende, mas a tristeza do mundo produz morte.” (v. 10) Alerta sobre as consequências do pecado. Positivamente, encoraje-a na alegria e contentamento que vêm de buscar o Senhor (Salmo 119:1-3) e saber que ela recebeu o amor de Deus pela graça (Romanos 5:8).]

B) Encorajar os Desanimados

Agora, pensemos sobre “encorajar os desanimados”.

Pense em um rapaz de uns 28 anos que ainda não sabe o que fazer da vida. Trabalha num emprego sem futuro, não se sente útil na igreja, quer casar (mais ou menos) mas não está nem perto... e luta há anos para entender o propósito de Deus para ele. Sente que está prestes a desistir, embora nem saiba o que isso significaria. Raramente serve aos outros, mas diz que gostaria – só não acha que tem algo a oferecer. Quando vê os líderes, acha que são “supercristãos” e ele é um “ninguém”. Ninguém o conhece ou se importa.

Perguntas: Onde está o vâo no entendimento do evangelho desse jovem? [Pode ser em vários pontos.] De certa forma, ele caiu no legalismo – começou no Espírito, mas agora acha que o valor dele depende do esforço humano. Pensa que só tem valor se for produtivo – e isso o desanima. Lembre-o de que seu valor diante de Deus está na obra de Cristo, não na sua própria.]

O que você diria para motivá-lo? [Ajude-o a enxergar sua responsabilidade baseada nas oportunidades que Deus lhe dá.] Seu valor não vem da aprovação alheia. Compartilhe a esperança gloriosa que Deus oferece a todos os seus filhos: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Segundo sua grande misericórdia, ele nos regenerou para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (1 Pedro 1:3). Fale sobre como todos os cristãos na igreja são dotados para cuidar uns dos outros (1 Coríntios 12:25).]

C) Amparar os Fracos

Por último, “amparar os fracos”. Quem são os fracos? Em certo sentido, todos somos. Mas alguns são especialmente vulneráveis espiritualmente, devido a circunstâncias que tornam difícil confiar em Deus.

Por exemplo, pense em um senhor que foi diagnosticado com depressão clínica. Não consegue fazer tanto quanto antes. Luta muito com o relacionamento com Deus, pois as emoções de fé que antes sentia agora são raras. Com a ajuda do pastor, percebeu algumas raízes espirituais do problema, mas a mente é mais suscetível à depressão e há um lado físico difícil de escapar. Nesse caso – embora nem sempre seja necessário – o médico o ajuda com medicação, mas ele está desanimado de muitas formas. É um homem fraco.

Pergunta: Quais possíveis lacunas no entendimento do evangelho esse senhor pode ter? [Talvez seja fraco na fé. Suas emoções parecem eternas e as promessas de Deus, distantes. Ajude-o a confiar em Deus mais do que em si mesmo – isso é essência do evangelho. Ou, talvez, precise ser lembrado constantemente de que há cristãos que o amam, por algo mais seguro que sua própria “amabilidade”.]

O que fazer ou dizer para encorajá-lo? Compartilhe o evangelho da esperança. Mostre como o sofrimento produz perseverança, caráter e, por fim, esperança (Romanos 5:3-5). Lembre-o dos motivos para confiar na bondade de Deus, mesmo sem entender o sofrimento (2 Coríntios 12:8-10). Em especial para os fracos, não basta só falar a verdade – às vezes é preciso ouvir e estar presente, orar, suprir necessidades, oferecer comunhão. Não só falar, mas também agir, abrindo espaço para falar da verdade.]

Seja paciente com todos

Por fim, Paulo diz: “sejam pacientes para com todos”. Seja alguém fisicamente fraco, teimoso, autossuficiente ou que acha que não precisa de encorajamento – nossa postura é paciência. Nosso papel não é condenar, nem envergonhar alguém pela lentidão do crescimento. E a verdadeira paciência vem de saber o quanto nosso Pai celestial foi paciente conosco. Servimos nossos irmãos e irmãs porque refletem o caráter de Deus, e porque a gratidão pela paciência de Deus transborda em nosso coração.

Nós amamos porque Ele nos amou primeiro. Nosso amor vem do amor d’Ele e deve refletir esse amor. Por isso, que possamos trabalhar para apresentar uns aos outros maduros em Cristo.

XI

Servir e Doar

I. Introdução

Nesta lição, vamos abordar o tema de servir à igreja. Ao falar de serviço, refiro-me simplesmente a gastar a si mesmo — seu tempo, dons, recursos e energia — tudo o que você tem para o bem da igreja. O serviço de Cristo por nós é o nosso modelo. Marcos 10:45: “Pois nem mesmo o Filho do Homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.”

Agora Jesus nos chama a tomar a sua cruz e segui-lo. Portanto, nosso serviço aos outros deve ser resultado de um transbordamento de amor em nossos corações, por causa do amor que Deus nos mostrou em Cristo. É isso que impulsiona o ministério: uma alegria que transborda à medida que compreendemos a misericórdia incrível que Cristo teve por nós.

Vamos refletir sobre como Deus nos chamou para servir uns aos outros na igreja através de nossos diversos dons, e como esse serviço contribui para a unidade do corpo. Essa unidade é uma parte importante de nosso testemunho: uma comunidade cheia de pessoas que servem umas às outras com alegria deve se destacar em nosso mundo! Começaremos com uma teologia do serviço e, em seguida, discutiremos quatro maneiras pelas quais o serviço pode contribuir para a unidade. Ao longo do caminho, vamos refletir sobre diferentes formas de servir de maneira equivocada e deixar de glorificar a Deus

nisso. Que nossa discussão nos motive a servir cada vez mais uns aos outros, para a glória de Deus e para o nosso bem.

II. Uma Teologia do Serviço

Vamos começar delineando uma teologia do serviço que vemos em várias passagens das Escrituras — e começaremos olhando para um texto em 1 Pedro. Em 1 Pedro 4:10, lemos: “Cada um exerça o dom que recebeu para servir aos outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas.” E no verso 11: “Se alguém serve, faça-o com a força que Deus provê, de forma que, em todas as coisas, Deus seja glorificado por meio de Jesus Cristo.”

Esses dois versos de 1 Pedro 4 são um tipo de resumo sobre a teologia do serviço ou ministério na igreja, e contém cinco pontos simples, mas importantes: (1) cada cristão recebeu um dom (não é algo apenas para líderes e funcionários enquanto os demais assistem passivamente); (2) o dom é resultado da graça de Deus; (3) somos responsáveis por usar esse dom; (4) devemos usá-lo para o benefício dos outros e para a glória de Deus; e (5) devemos servir pela força de Deus. Então, como cristão, há alguma manifestação especial da graça de Deus em você que pode edificar outros na fé e glorificar a Deus.

Qual o propósito do seu serviço? Em Efésios 4:12, Paulo diz que esses dons são dados “com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus.” O que Paulo enfatiza aqui é o objetivo de fortalecer todo o corpo, não apenas partes dele. Devemos ministrar uns aos outros tendo em vista não apenas o amadurecimento individual, mas o crescimento do corpo em unidade. Deus concede dons a todos nós, segundo sua graça, para serem exercidos em sua força — não principalmente como um

meio de realização pessoal, mas para amadurecimento de sua igreja, para que crescamos em unidade. Esse será nosso foco hoje.

E aqui está nosso primeiro ponto sobre como o serviço pode ser feito de maneira errada. A pessoa que se sente no direito de servir exatamente da forma que acredita ter sido capacitada — e que teme não encontrar realização como cristão se não servir assim — entendeu mal essa passagem. O objetivo do serviço é o fortalecimento do corpo, não nossa realização pessoal. Isso significa que servimos onde o corpo precisa ser fortalecido. O fato de Deus nos dar dons para usar no serviço não deve nos limitar no que fazemos, mas nos capacita a fazer o que precisa ser feito. Podemos estar equivocados sobre qual dom Deus nos deu. É muito melhor “arregaçar as mangas” e servir do que ficar esperando descobrir qual é o nosso dom. Porque o objetivo do serviço é a unidade. Descobrimos nossos dons servindo.

III. Como Devemos Servir de Forma que Promova a Unidade?

Diante desse objetivo de unidade, como deve ser o nosso serviço na igreja? E qual deve ser nossa motivação? Vou abordar quatro respostas para essas perguntas.

Primeiro, devemos servir na força de Deus e com grande alegria.

Nosso objetivo não deve ser apenas boas ações, mas boas ações feitas em um espírito que vem de uma dependência alegre da ajuda de Deus — é isso que glorifica a Deus de modo especial. Voltando a 1 Pedro 4:10: “se alguém serve, faça-o na força que Deus provê.”

Imagine duas pessoas considerando ajudar na limpeza da igreja. Uma diz: “Ah, acho que vou. Vale alguns pontos com os líderes. Além disso, sou bom nisso, vou impressionar o pessoal.” Ela vai e reclama das

ferramentas e fala sobre suas habilidades. Trabalha, porém, não na dependência do poder de Deus e sua atitude não tem espírito de alegria nem gratidão. Seu desejo de impressionar os outros é uma forma de temor dos homens. Não está servindo para glorificar a Deus.

Mas pense em outra pessoa que também deseja ajudar na limpeza, embora esteja doente. Ela pensa consigo: “Ah, como gostaria de ajudar a limpar a igreja. Talvez eu possa encorajar alguém desanimado. Ou apenas servir um café.” Ela ora. E, sentindo-se suficientemente bem, vai ajudar. Faz o que pode com o pano e a vassoura, e faz bem. Mas, acima de tudo, exala alegria e gratidão, promovendo unidade e glorificando a Deus.

Esses exemplos são extremos, mas mostram que não basta usar nossos dons, importa como os usamos — com alegria e dependência de Deus. Essa deve ser nossa atitude ao dedicar nosso tempo, dinheiro ou energia à igreja. Em 2 Coríntios 9:7, sobre ofertas financeiras, lemos: “Cada um contribua segundo propôs no coração, não com tristeza ou por obrigação; pois Deus ama quem dá com alegria.”

Esse versículo também se aplica ao nosso serviço: muitas vezes não servimos com alegria, mas apenas por culpa. Servimos por obrigação, algo que esse texto reprova. Mas a Bíblia nos exorta a servir, não por dever, mas porque é uma oportunidade fantástica de participar da edificação do povo de Deus.

Esse é o serviço errado #2: servir por culpa, não por gratidão. Pense no que o serviço motivado pela culpa comunica sobre as coisas de Deus: diz que elas não têm tanto valor assim, mas vamos fazê-las porque é preciso. É a diferença entre aceitar um beijo da tia de perfume forte porque é obrigado (quando criança) e viajar para ver pessoas queridas porque a recompensa vale o esforço.

Talvez surja a pergunta: e se não tenho esse tipo de atitude? E se meu coração está frio ou motivado por culpa ou medo de pessoas? Devo deixar de servir? Seria hipócrita continuar?

A resposta é não. Não devemos deixar de servir na igreja mesmo que nossa alegria nem sempre seja grande ou nossos motivos perfeitamente puros. A Escritura nos ordena a nos doar. E, embora devamos buscar servir com um coração alegre e grato, também reconhecemos que somos pecadores e não conseguiremos fazer isso perfeitamente. Assim como em outras áreas da vida cristã, fazemos isso de modo imperfeito, mas, pela graça de Deus, continuamos crescendo enquanto servimos. Devemos orar para que Deus nos ajude a servir com alegria em sua força e que nossas motivações sejam cada vez mais puras.

Segundo, devemos servir conscientes de que todo serviço é necessário e valioso.

Um dos obstáculos para o corpo de Cristo funcionar como deveria é quando membros se sentem inúteis ou sem importância, o que pode gerar inveja ou amargura. Paulo rejeita essa ideia em 1 Coríntios 12, usando a bela imagem do corpo com muitos membros. Se tiverem suas Bíblias, abram em 1 Coríntios 12, pois passaremos um tempo nesse capítulo.

Paulo explica que a própria existência do corpo de Cristo depende da diversidade de dons que o Espírito concede à igreja. Prejudicamos essa diversidade quando nos comparamos com outros. Assim, ele diz no verso 17: “Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato?” E no verso 19: “Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?” O corpo não existiria.

Mais importante ainda: em resposta à sensação de inutilidade, Paulo destaca a soberania de Deus. No verso 18, ele diz: “Mas agora Deus dispôs os membros no corpo, cada um deles como quis.” Ou seja, Deus é soberano ao montar todas as partes do corpo, e faz isso para nosso bem.

O que isso significa para nós? Devemos servir na igreja onde pudermos; agradecer a Deus pelos dons que Ele nos deu; e não nos sentirmos inúteis ou insatisfeitos apenas por não servir de determinada forma. Existem tantas maneiras de servir que são cruciais para a saúde da igreja.

E não falo apenas sobre dons espirituais, mas também dos dons práticos que Deus nos dá. Alguns têm mais tempo, outros mais recursos, outros mais relacionamentos. Aqueles com mais tempo podem servir com atos práticos: ajudar em mudanças, cuidar de crianças, participar de viagens missionárias. Os que têm recursos podem apoiar financeiramente. Os ricos em relacionamentos podem ajudar outros a fazer amigos, mentorear adolescentes, ser um “lar longe de casa” para universitários. As oportunidades de servir mudam conforme as estações da vida.

Se você é mãe de crianças pequenas, pode se sentir exausta ou desanimada por não conseguir discipular mulheres ou se voluntariar como antes. Quero encorajá-la: está tudo bem! Este é um tempo em que Deus a chamou para amá-lo servindo seus filhos. Muitas vezes oramos por membros que têm oportunidades evangelísticas — conversando com um ateu no ônibus ou um budista no trabalho. Não desanime se sente que perdeu essas oportunidades por estar mais em casa: talvez Deus tenha lhe dado “dois ou quatro pequenos ateus” para evangelizar o dia todo! É bom desejar continuar servindo a igreja

mesmo em fases diferentes. Ore e esteja aberta para novas formas de servir o corpo neste novo momento.

Existem formas de se servir erradas, e uma delas é quando a pessoa, por não entender que o serviço de cada um é necessário e valioso, desiste de servir por achar que sua contribuição não é importante. Nunca devemos valorizar nosso serviço a Deus apenas pelo resultado imediato, mas porque o sacrifício revela o quanto valorizamos a Deus. O que Jesus disse ser mais valioso — as duas moedas da viúva ou as grandes quantias dos ricos?

Mas isso levanta outra questão. Não podemos desejar ou buscar outros dons espirituais? Se Deus é quem distribui os dons, é errado pedir dons que não temos?

As Escrituras indicam que é bom desejar com zelo dons espirituais que ainda não temos. Em 1 Coríntios 14:1, Paulo instrui: “Busquem com dedicação os dons espirituais, especialmente o dom de profetizar.” É possível querer dons que não temos sem desprezar os que já possuímos ou cobiçar os dos outros? Sim. O equilíbrio está entre contentar-se com a provisão graciosa e soberana de Deus e o anseio e oração por mais. Devemos ser gratos pelos dons recebidos, mas também desejar mais.

Terceiro, devemos usar nossos dons com humildade.

Esse é o outro lado do ponto anterior. Em 1 Coríntios 12:14-20, Paulo encoraja os membros que se sentem sem nada a contribuir. Depois, nos versos 21-26, ele adverte os que têm maior responsabilidade para exercerem seus dons com humildade. No verso 21: “O olho não pode dizer à mão: ‘Não preciso de você.’” Aqueles em posições de mais visibilidade ou autoridade não devem dominar os outros ou agir com superioridade. Unidade na diversidade é impossível sem humildade à

semelhança de Cristo. E é justamente nos que têm mais destaque que isso é mais necessário. Quando isso não acontece, pessoas se tornam territoriais em ministérios ou ressentidas com sugestões de mudança. O resultado é devastador para a unidade da igreja.

Nosso chamado é reconhecer e honrar o serviço de todos, seja ele visível ou oculto, aparentemente significativo ou não. Uma ótima maneira de fazer isso é agradecer pelo serviço dos outros, especialmente em ministérios “nos bastidores”. Escreva um cartão de incentivo ou agradeça verbalmente por trabalhos como operar o som, subir sermões ao site, ou atuar como monitor.

É aí que o serviço pode dar errado, nosso quarto ponto. Já reclamou que outros não estão fazendo sua parte? De onde vem essa atitude? Talvez de não compreender as dificuldades dos outros. Talvez de um coração orgulhoso que confunde valor pessoal com quantidade de serviço. Talvez de presumir que outros estão negligenciando de propósito, em vez de dar o benefício da dúvida e pensar que talvez ainda não conheçam a alegria de servir. A solução é a humildade. Reconheça que você não é melhor por servir. Todos nós igualmente merecíamos o juízo de Deus, mas Ele nos resgatou para que pudéssemos servi-lo.

Quarto, devemos servir para glorificar a Deus, beneficiar outros — e também a nós mesmos.

Já mencionamos este ponto, mas quero destacá-lo. Nosso serviço à igreja traz vários benefícios: para nós, para outros e, acima de tudo, para a glória de Deus.

Quando servimos com fidelidade, Deus é glorificado porque estamos apenas devolvendo a Ele o que já é dEle. O Salmo 24:1 diz: “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém”, inclusive nossa força e

tempo. Por isso, pensar sobre serviço é pensar em todo nosso estilo de vida. O que fazemos com cada hora, não só aos domingos, diz algo sobre como vemos Deus e o que Ele significa para nós.

Servir também beneficia diretamente outros. Preparar uma refeição alimenta alguém. Dar carona para a igreja permite que cresçam ouvindo a Palavra. Ajudar no livreiro abençoa muitas pessoas com recursos piedosos. Tudo isso parece óbvio, mas vale refletir: você quer alegrar outros na vida cristã? Quando você se compromete a servir e honra esse compromisso mesmo sacrificando seu tempo e energia, está contribuindo diretamente para que outros cresçam em alegria e conhecimento de Cristo.

Além disso, o serviço nos traz benefícios! Ajuda-nos a valorizar o supremo ato de serviço de Cristo por nós. Ensina que é mais bem-aventurado dar do que receber: uma vida de serviço é mais feliz do que uma de egoísmo. Servir nos afasta do foco em nós mesmos e, ironicamente, ao fazermos isso, Deus nos mostra que esse é o caminho para satisfação e contentamento. Quando priorizamos o serviço, dependemos mais de Deus para obter força.

E então chegamos a mais uma forma de servir errada, que ocorre quando não se serve com o objetivo de glorificar a Deus e beneficiar o próximo e a si mesmo, assim, serve-se pouco porque seu coração está preso ao mundo, acreditando na mentira de que a autoindulgência traz mais alegria. Suas prioridades misturadas o impedem de experimentar a satisfação superior do autossacrifício.

Outro erro: servir apenas o mínimo aceitável aos olhos dos outros, em vez de arriscar tudo confiando na força de Deus.

IV. Perseverando em Fazer o Bem

Por fim, quero apresentar dois pontos de aplicação sobre servir na igreja.

Persevere no serviço pelo poder de Cristo.

Primeiro, persevere no serviço pelo poder de Cristo. Paulo escreveu em 2 Tessalonicenses 3:13: “Quanto a vocês, irmãos, nunca se cansem de fazer o bem.” Por quê? Porque isso acontece com frequência. As pessoas se cansam de servir. Quando os anos se passam e o cansaço chega, pode vir o desejo de desistir. Ou talvez você tenha perdido de vista o objetivo maior de servir a Deus, ficando preso aos detalhes e à correria do ministério, esquecendo seu relacionamento com Deus. Talvez agora você esteja confiando apenas em sua própria força.

Se esse for o caso, lembre-se de que nossa força para servir vem de Cristo em nós. Ele nos deu o seu Espírito. Para dar frutos, precisamos permanecer em Cristo, a videira. Assim como o alimento é combustível para nosso bem-estar físico, o tempo na Palavra e em oração é o combustível espiritual que nos motiva a servir. Ao lembrarmos da grandeza, bondade e paciência de Deus e do que Ele fez por nós em Cristo, somos reenergizados para servi-lo. Se negligenciarmos nosso amor por Jesus, não é surpresa que o serviço vire obrigação ou fardo. Então, reacenda seu coração e mente para o serviço meditando na grandeza e graça de Deus.

Esse é o último erro: esgotar-se no serviço em sua própria força, em vez de ser renovado no relacionamento com Deus. Meu encorajamento é que você estruture sua vida para servir de forma sacrificial e sustentável. Pode parecer contraditório, pois sacrifício não deveria ser fácil. Mas o que quero dizer é: ao se sacrificar de modo custoso, posicione-se para continuar numa postura de total

dependência de Cristo, que não leva ao esgotamento, mas a uma vida contente e constante de entrega para a glória de Deus, descansando nEle.

Oportunidades de Serviço na igreja.

Por fim, ao pensar em perseverar dessa forma, quero mencionar oportunidades de serviço na igreja. Uma ótima maneira de descobrir tais oportunidades é estar atento aos avisos que são dados nos cultos ou mesmo consultar a liderança. Aqui vão alguns exemplos:

- Dar caronas para idosos;
- Discipular universitários;
- Praticar hospitalidade;
- Escrever cartões de encorajamento;
- Trabalhar como recepcionista;
- Auxiliar no som;
- Ajudar no grupo de jovens;
- Organizar casamentos;
- Cuidar de crianças;
- E muitos outros que surgem o tempo todo.

Mark Dever (o autor desse estudo) afirma que alguns dos ministérios mais impactantes em sua igreja não estão ligados a um ministério formal, mas são informais e relacionais: convidar pessoas para jantar, conversar após o culto com quem é novo, fazer alguém se sentir acolhido. Formar relacionamentos com quem tem dificuldade de se enturmar é um grande ministério ou mesmo algo que possam melhorar em sua igreja. Uma sugestão é começar pelo ministério de construir relacionamentos encorajadores e profundos — que leva tempo — e, se ainda sobrar tempo, envolver-se também em outros ministérios práticos.

V. Conclusão

Por quase dois mil anos, o povo de Deus tem servido fielmente na igreja, motivado pelo amor a Deus e o desejo de glorificá-lo. O autor louva a Deus por como isso tem sido exemplificado em sua igreja. Essa são suas palavras: “Em nosso meio, temos exemplos marcantes de serviço fiel ao longo de décadas. O irmão Jim Cox está conosco desde os anos 90, servindo como recepcionista e coletando ofertas. Maxine Zopf é conhecida por seu ministério de oração. Os Reedys organizam confraternizações há anos, servindo com alegria e pouca visibilidade. Somos um povo motivado a servir porque o Senhor Jesus Cristo nos serviu de forma suprema.”

XII

Adoração Coletiva

I. Boas-vindas/Oração – Introdução

Uma das coisas mais belas na obra de Deus ao salvar sua igreja é que Ele chama pessoas de todos os tipos para estarem em comunhão juntas. Pessoas de contextos formais e tradicionais, e pessoas com uma inclinação mais descontraída. Pessoas que cresceram ouvindo Bach, ou samba brasileiro, ou Beatles, ou Racionais MC's – todos unidos em Cristo.

Isso pode trazer alguns desafios quando nos reunimos para adorar. Deixe-me perguntar: como a adoração coletiva afeta nossa unidade? Não é só hoje que a adoração pode ser divisiva. Quando Jesus encontrou a mulher samaritana no poço em João capítulo 4, ela o convidou para um debate sobre adoração – o povo de Deus deveria adorar em Jerusalém ou nos montes Gerizim e Ebal, na Samaria? Jesus responde ensinando sobre o que é a adoração. Ele diz que Deus procura adoradores que o adorem em Espírito e em verdade (vv. 23-24).

Então, qual é nosso objetivo? Não podemos abordar tudo que há para dizer sobre adoração. Mas, ao nos aproximarmos do fim de um curso sobre nossa vida juntos como igreja e a importância da nossa unidade, devemos considerar como podemos ajudar uns aos outros rumo a esse objetivo final de adorar a Cristo. De muitas maneiras, a adoração que glorifica Deus é um dos frutos mais doces e valiosos da unidade que

temos discutido. E, ao mesmo tempo, a verdadeira adoração naturalmente fomenta a unidade.

Vamos começar definindo adoração e adoração coletiva, e depois veremos quatro maneiras pelas quais a adoração coletiva tem um papel único em nossa vida como congregação.

II. Definição de Adoração

Primeiro, uma definição de adoração. Adoração é um conceito rico na Bíblia – não existe uma palavra principal em grego que corresponda ao nosso termo “adoração”, mas há vários termos diferentes. Ao analisarmos especialmente o Novo Testamento, fica claro que a adoração vai muito além do que acontece numa igreja num domingo de manhã—certamente muito além do louvor em forma de música.

Como Paulo escreve em 1 Coríntios: “Portanto, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus.” (10:31). Aos Romanos, ele escreve: “Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que ofereçam seus corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus – este é o culto racional de vocês” (12:1). Cristo, o cordeiro perfeito, é o único sacrifício suficiente por nós. Então, os sacrifícios que oferecemos na nova aliança não são holocaustos, como no Antigo Testamento, mas a submissão de todos os aspectos da nossa vida à glória e louvor de Deus.

Como podemos definir adoração? D.A. Carson tem uma definição longa, mas que vale a pena ser lida e considerada. Assim ele afirma:

“A adoração é a resposta adequada de todos os seres morais e sensíveis a Deus, atribuindo toda honra e valor ao seu Deus-Criador justamente porque Ele é digno disso, e de forma encantadora. Após a Queda, a adoração humana a Deus responde corretamente às provisões

redentoras que Deus, em sua graça, ofereceu. Embora toda verdadeira adoração seja centrada em Deus, a adoração cristã não é menos centrada em Cristo. Capacitada pelo Espírito e em conformidade com as estipulações da nova aliança, ela se manifesta em toda a nossa vida, encontrando seu impulso no evangelho, que restaura nosso relacionamento com o nosso Deus Redentor e, conseqüentemente, também com nossos semelhantes, nossos companheiros de adoração.

Assim, essa adoração se manifesta tanto em adoração quanto em ação, tanto no crente individual quanto na adoração coletiva, que é oferecida no contexto do corpo de fiéis, que buscam alinhar todas as formas de atribuição devota de valor a Deus com o conjunto de mandamentos e exemplos da nova aliança, trazendo à plenitude as glórias da revelação anterior e antecipando a consumação”.- D.A. Carson, Worship by the Book, p. 26

Agora vamos usar a definição menos detalhada de David Peterson: “Adoração é “engajar-se com Deus nos termos que Ele propõe e da maneira que só Ele torna possível.” Isso inclui a adoração em toda a vida – nossos sentimentos, ações, obediência, relacionamentos – e inclui a adoração coletiva – nossos momentos de louvor a Deus e edificação mútua.

Adoração é centrada em Deus. É uma resposta adequada à majestade do caráter de Deus—um Deus digno de nosso louvor. Adoração vai além do simples conhecimento intelectual sobre Deus e se deleita na perfeição de seus atributos.

Adoração é centrada em Cristo. Nossa adoração a Deus só é possível graças à morte e ressurreição de Cristo. Sem o sacrifício de Jesus em nosso favor, não poderíamos entrar na presença de Deus, nem esperar pela imagem de céu que temos na Bíblia. Vemos essa adoração

centrada em Cristo de forma clara em Apocalipse 5. Deus está no trono, segurando um rolo selado. Somente o Leão da tribo de Judá, que também é o Cordeiro, pode abrir esse rolo; só Ele é digno. Cristo então é louvado como aquele que foi morto, digno de tomar o rolo e abrir seus selos. Daquele ponto em diante, a adoração é dirigida “àquele que está no trono e ao Cordeiro”.

Adoração é capacitada pelo Espírito. Antes de ensinar a cantar uns aos outros, a dar graças a Deus no coração, Paulo nos chama em Efésios 5:18 a sermos cheios do Espírito. Jesus ensina que o ministério do Espírito entre nós traz glória a Jesus – João 16:14, “[O Espírito] me glorificará porque receberá do que é meu e o tornará conhecido a vocês.”

Então, qual é o entendimento bíblico da adoração? Sugiro três pontos resumidos:

1. É uma resposta adequada ao próprio Deus. Adoração é algo que é ordenado a todos—e é uma reação natural e correta à glória de Deus.
2. Engloba toda a nossa vida. Não é apenas cantar louvores a Deus. Envolve adoração e ação. Adoração não termina no que dizemos, mas inclui o que fazemos.
3. É um deleite na beleza de Deus e de Cristo. Não é um deleite na experiência da adoração. Em nossa cultura evangélica, adoração muitas vezes se refere às emoções que experimentamos ao fechar os olhos e cantar sobre Deus—e podemos nos envolver mais nessa experiência do que no próprio Deus, que deveria ser a origem dessa experiência. Devemos focar nosso coração e mente em Deus e em Cristo na adoração. Então, se a adoração tem muita paixão, mas nenhum pensamento genuíno, não é adoração verdadeira. O contrário também é verdadeiro: se a

adoração é só pensar corretamente, sem intenção de mover os sentimentos para Deus, também é falsa.

III. Definição de Adoração Coletiva

Isso é parte do que é e não é adoração. E quanto à adoração coletiva – o momento em que nos reunimos como congregação publicamente para louvar a Deus? Com base na definição de adoração acima, você pode pensar que nosso piquenique da igreja constitui adoração coletiva—afinal, estamos fazendo coisas para a glória de Deus, e juntos como congregação. Mas claramente há algo mais na adoração coletiva. Felizmente, Deus nos orienta pelas Escrituras sobre o que acontece quando uma congregação se reúne publicamente para adorar. No Novo Testamento, vemos comandos para a igreja orar (Col 4:2-4, 1 Tm 2:1-2), ler as Escrituras publicamente (1 Tm. 4:13; Col. 4:15, 16), ouvir pregação e ensino (Atos 2:42; 1 Tm. 4:13), batizar crentes (Mt 28:19) e compartilhar a Ceia do Senhor (Atos 2:42; 1 Cor. 11); encorajar uns aos outros e louvar a Deus em canção (Ef. 5:19, Hb 13:15), e ofertar financeiramente (1 Cor 16:1-2). 1 Cor 14:26 é claro: tudo o que fazemos juntos deve ser “para edificação da igreja”.

Essas são as coisas que o Novo Testamento instrui a fazer quando nos reunimos, seja por comando ou exemplo. Mas e outras coisas? Caminhar nas montanhas pode ser uma ótima maneira de animar o coração e mente para louvar a Deus. Mas se decidíssemos como igreja ir caminhar todo domingo em vez de nos reunir neste prédio? Estaríamos nos reunindo, como é ordenado em Hebreus 10 (v. 25), e adorariamos a Deus. Mas isso seria adoração coletiva? Certamente não se encaixaria no padrão bíblico do que a igreja faz no momento único de adoração.

Isso nos leva a um tema importante nas Escrituras: Deus definiu como devemos nos aproximar Dele coletivamente, e é possível oferecer adoração errada.

Deus é infinito, todo-sábio, onisciente; somos finitos e, por natureza, voltados para nossa própria glória. Não podemos conhecê-lo a menos que Ele se revele a nós, e não podemos entender o que é adoração agradável a Ele sem revelação.

Assim, a Bíblia deixa claro como devemos adorar a Deus – especialmente quando o adoramos juntos em público. Por exemplo, no segundo mandamento (Êxodo 20:4), Deus proíbe adorar por meio de imagens – mostrando que só Ele regula como será servido. As consequências desse princípio ficam claras quando o povo constrói e adora o bezerro de ouro – provavelmente como uma representação de Deus – mas claramente não agradável ao Senhor. Mais tarde, quando Nadabe e Abiú oferecem “fogo estranho” ao Senhor, um tipo de devoção “contrária ao comando”, Deus os mata (Levítico 10:1-3). Jesus rejeitou a adoração dos fariseus, citando Isaías: “Em vão me adoram; seus ensinamentos são regras de homens.” (Marcos 7:7)

A Escritura é clara quanto aos modos de nos aproximar Dele quando nos reunimos publicamente. Deus faz isso para que nossa adoração não seja confundida com outras religiões e deuses; faz para que sejamos abençoados, pois sabe o que é melhor para nós.

Resumindo, adoração coletiva é: reunir-se publicamente como igreja para engajar-se com Deus conforme as instruções nas Escrituras.

Uma implicação fundamental disso é que, no centro da adoração coletiva, está a pregação expositiva. Por quê? Porque a Palavra de Deus, e o entendimento do que ela diz, é o ápice do engajamento com Deus

ao se revelar ao seu povo. O canto faz parte da adoração e é útil para focar pensamentos e envolver emoções. Mas a exposição da Palavra de Deus é o ponto central da reunião da igreja.

IV. Unidade na Adoração Coletiva

Tendo definido adoração coletiva, vamos ao IV e considerar: como mantemos a unidade na adoração coletiva apesar da diversidade de preferências? Filipenses 2:2 nos diz que devemos ser “unidos em pensamento, tendo o mesmo amor, sendo um em espírito e propósito.” Mas uma das coisas que dá força ao testemunho da igreja é sua diversidade: o fato de diferentes pecadores de diferentes origens escolherem amar uns aos outros por causa do poder de Deus agindo em nós. E sabemos que pessoas diferentes acham diferentes estilos de adoração coletiva mais ou menos envolventes emocionalmente e intelectualmente.

Como lidamos com a adoração coletiva, quando cada um de nós tem suas preferências, gostos e desgostos quanto a formas de adoração como música, ou o estilo do culto? Bem, continuando em Filipenses 2, lemos: “Nada façam por ambição egoísta ou vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros.” (v.3-4). Somos chamados a nos submeter uns aos outros por amor a Cristo—amar e servir uns aos outros dessa maneira, como fazemos em tantos outros aspectos da vida da igreja.

Ressalto esse ponto porque hoje, frequentemente, encontramos uma contradição estranha. A adoração coletiva é o momento em que mais conscientemente focamos nossa atenção como corpo na glória de Deus. E, ainda assim, tantas vezes, a adoração coletiva é o aspecto da vida da igreja que mais provoca egoísmo.

Isso não deveria acontecer! Se pensarmos na adoração coletiva como algo entre eu e Jesus, certamente ficaremos decepcionados se não for do nosso estilo preferido. Precisamos pensar na adoração coletiva como algo que fazemos juntos, como família—em amor uns pelos outros e por Deus. Como aprender a pensar assim?

Algo que ajuda é encarar o domingo com senso de nossa necessidade desesperada Dele. Adoração não é fundamentalmente sobre mim; é sobre ver e saborear Deus junto com a comunidade de fé. Não vamos com fome de satisfazer preferências pessoais, mas com fome de uma conexão mais profunda com nossa comunidade e com o nosso grande Deus.

Quatro ideias de como isso pode se manifestar:

1. **Sacrifício.** Adoração coletiva glorifica a Deus porque fazemos juntos—e isso envolve sacrifício, como tantas outras áreas da vida da igreja.
2. **Crescimento.** Em amor, podemos aprender a usar estilos e tradições de adoração que a princípio parecem estranhos e crescer em apreciação por eles.
3. **Consideração.** Devemos lembrar da importância de evitar coisas que distraiam outros na congregação de adorar. Isso envolve desde o que vestimos até como falamos sobre as músicas com outros. Não fazer piada de músicas de forma que atrapalhe outros; e quem seleciona as músicas deve evitar escolher músicas fáceis de ridicularizar.
4. **Honestidade.** Só ajuda nossa unidade sermos honestos sobre algumas coisas. Por exemplo, cada igreja tem uma cultura particular. Não dá para escapar disso. O autor, Mark Dever, compartilha que, por exemplo, eles adoram em inglês, logo muitos de seus hinos são americanos, ingleses ou europeus. Que priorizam o acompanhamento simples para que as vozes

sejam o destaque. Valorizam músicas com boas letras de muitos séculos, então muita coisa parece antiquada para alguns. É bom ser honesto sobre isso. Também é bom reconhecer honestamente que isso significa que algumas pessoas terão mais dificuldade de se adaptar ao nosso estilo de adoração. Para alguns é confortável, como a igreja da avó; para outros parece uma igreja em Marte. Amamos bem uns aos outros se percebemos que alguns terão que sacrificar mais suas preferências, se ouvirmos e orarmos por eles nesse processo.

V. Adoração Coletiva como Plataforma de Unidade

Falamos sobre como trabalhar pela unidade na adoração coletiva; agora, vamos discutir quatro maneiras pelas quais a adoração coletiva fortalece nossa unidade e testemunho.

1. Adoração coletiva exhibe nossa unidade que glorifica a Deus

Primeiro, adoração coletiva é uma oportunidade de mostrar a unidade que temos em Cristo. É maravilhoso louvar a Deus sozinho pela manhã durante o devocional. Mas há algo especial em reunir-se publicamente e louvar a Deus juntos! Como Pedro nos lembra, esse é um dos motivos pelos quais Deus uniu judeus e gentios na igreja: “Vocês são povo de Deus, para que possam proclamar os louvores daquele que os chamou das trevas para sua maravilhosa luz.” (1 Pe 2:9). Por isso Jesus insiste tanto em resolver áreas de desunião antes da adoração. No Sermão do Monte, Ele diz: “Portanto, se você estiver oferecendo sua oferta no altar e se lembrar que seu irmão tem algo contra você, deixe a oferta ali diante do altar. Primeiro vá reconciliar-se com seu irmão; depois volte e apresente sua oferta.” (Mateus 5:23-24).

Paulo ecoa esse ensino ao falar da Ceia do Senhor. Ele diz: “Pois quem come e bebe sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe para sua condenação.” (I Cor. 11:29). O que significa não discernir o corpo do Senhor? Paulo fala de como os coríntios celebram a Ceia em desunião, humilhando os pobres. O corpo de Cristo é a igreja. A unidade precisa estar presente para oferecermos um sacrifício de louvor agradável a Deus; e quando há unidade, a adoração coletiva é uma bela expressão da glória de Deus. Devemos, então, regularmente – não só ao preparar a Ceia – examinar nossos relacionamentos uns com os outros e com Deus.

2. Nos ajudamos a adorar

Uma das grandes vantagens de adorarmos juntos como igreja é poder ajudar uns aos outros a compreender a beleza gloriosa de Deus – e expressar essa resposta em louvor e gratidão. A adoração coletiva, portanto, oferece uma plataforma para servirmos uns aos outros. Isso acontece na estrutura dos cultos, reunindo músicos para ajudar a cantar; homens que estudaram para pregar; e nossas vozes e expressões incentivando uns aos outros durante o culto. O autor de Hebreus nos diz para “considerar como podemos estimular uns aos outros ao amor e às boas obras.” (Heb. 10:24). Isso certamente inclui ajudar uns aos outros a adorar.

Além do que já foi mencionado, como podemos ajudar outros a adorar quando nos reunimos?

Algumas respostas possíveis:

- Discutir o texto do sermão com outros antes do domingo.
- Cantar alto e com alegria.
- Participar regularmente da Ceia do Senhor e levá-la a sério.
- Conversar sobre o sermão e o culto depois da igreja.
- Expressar alegria durante o culto. “Amém!”
- Receber bem quem está chegando e não conhece.

- Fomentar uma cultura de oração, refletindo sobre as orações do culto com outros, assim como fazemos com o sermão.
- Desligar o celular, evitar conversas altas durante o culto, sentar no meio do banco e na frente, chegar cedo, sair tarde, ouvir os voluntários do estacionamento, agradecer aos que servem durante o culto, etc.

3. A adoração coletiva edifica

A adoração coletiva é uma oportunidade de edificar uns aos outros. Você pode se surpreender ao descobrir nas Escrituras que Deus não é o único a quem nos dirigimos durante a adoração coletiva. Paulo escreve aos Efésios: “Falando entre vocês com salmos, hinos e cânticos espirituais. Cantem e louvem de coração ao Senhor” (Ef. 5:19).

Quando cantamos no domingo, lemos as Escrituras ou oramos—falamos não só com Deus, mas também uns com os outros. Por quê? Porque precisamos ser lembrados das grandes verdades das Escrituras, temas recorrentes na adoração coletiva—que Deus nos criou, que Ele é perfeitamente justo, que pecamos contra Ele, e que Jesus morreu como nosso substituto na cruz. Ouvimos essas verdades no sermão, mas ajuda ouvir também das vozes e expressões dos irmãos ao nosso redor.

Algumas sugestões para edificar uns aos outros através do canto:

1. Medite no significado das palavras enquanto canta, pensando em como essas verdades se aplicam a você e aos outros na igreja.
2. De forma natural e sem se distrair, considere como sua linguagem corporal pode encorajar outros enquanto canta – talvez sorrindo em certos trechos, olhando ao redor de vez em quando.

3. Cante alto para que possamos ouvir uns aos outros.
4. Procure cantar como parte do todo – mesmo que não seja musical, ouça como outros cantam e ajuste sua voz. Ouvir outros é uma ótima maneira de aprender as músicas e melhorar no canto.
5. Se puder, cante em partes. A riqueza e plenitude da música aparecem quando as diferentes partes, impressas no boletim, são cantadas. Quem sabe você esteja ao lado de alguém que nunca teve coragem de cantar uma parte e você pode ajudá-lo a dar esse passo.

4. A adoração coletiva oferece um vislumbre do céu

Por fim, a adoração coletiva nos oferece um sabor do que será o céu. O céu é o lugar onde toda a comunidade do povo de Deus estará com Ele para sempre, louvando Seu nome e se deleitando em Sua glória. A adoração coletiva é, então, um retrato dessa experiência que podemos apreciar nesta vida. O autor de Hebreus pinta uma bela imagem no capítulo 12: “Mas vocês chegaram ao Monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo. Chegaram a milhares de anjos em alegre assembleia, à igreja dos primogênitos, cujos nomes estão escritos no céu. Chegaram a Deus, juiz de todos, aos espíritos dos justos aperfeiçoados, a Jesus, mediador de uma nova aliança.” (12:22-24)

Quando nos reunimos para adorar, temos um vislumbre da glória daquela congregação final no céu. É quando o céu parece mais real, e estimamos as coisas de Deus como mais valiosas. Precisamos desse retrato que a adoração coletiva faz do céu porque, apesar da quebradeira deste mundo, o céu é nosso verdadeiro lar. No céu, seremos perfeitamente unidos a Cristo. Assim, a unidade que experimentamos ao adorar coletivamente nesta vida aponta para a unidade final que conheceremos nEle naquele dia.

XIII

Evangelismo

Introdução

Ao longo da história da igreja, diferentes modelos de evangelismo têm sido propostos e praticados, cada um buscando responder fielmente ao chamado de Cristo para proclamar o evangelho a todas as nações. Alguns enfatizam a abordagem pessoal, outros investem em grandes campanhas ou em estratégias de serviço comunitário. No entanto, todos esses métodos encontram seu fundamento e maior eficácia quando vividos e praticados em comunhão, como corpo de Cristo reunido localmente. É na experiência compartilhada, na unidade e no amor mútuo, que o testemunho do evangelho resplandece com poder singular diante do mundo.

O Poder Único do Testemunho Congregacional

O testemunho coletivo de uma igreja local é incomparável. Quando os discípulos de Jesus vivem em unidade, servindo uns aos outros com amor genuíno, o mundo percebe algo distinto, sobrenatural. Jesus mesmo declarou: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (João 13:35). Essa unidade visível, marcada por ajuda mútua, perdão e compromisso, aponta para a glória de Deus e revela a realidade transformadora do evangelho.

Unidade, Amor e Ajuda Mútua

A igreja primitiva é um exemplo vivo desse testemunho. Os primeiros cristãos “perseveravam na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no

partir do pão e nas orações... Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum” (Atos 2:42,44). A unidade não era apenas um ideal, mas uma prática diária, expressa em generosidade, cuidado e encorajamento mútuo. Essa vida comunitária não apenas supria necessidades internas, mas também atraía aqueles de fora, ampliando o alcance missionário da igreja.

Glória a Deus e Missões Globais

O propósito final dessa unidade é glorificar a Deus. Quando a igreja vive em harmonia, tornando visível o amor de Cristo, ela reflete o caráter do próprio Deus e cumpre sua missão no mundo. Jesus orou ao Pai: “Que eles sejam um, para que o mundo creia que tu me enviaste” (João 17:21). O testemunho congregacional não se limita ao contexto local; ele ecoa nas missões globais, inspirando outros povos e nações a buscarem a reconciliação e a paz encontradas somente em Cristo.

Aplicação Prática: Amplificando o Testemunho da Congregação

Para que o testemunho da igreja local seja fortalecido, é necessário cultivar relações autênticas, baseadas em humildade, serviço e compromisso com a verdade. Isso implica resolver conflitos com graça, praticar o perdão e buscar o bem comum acima dos interesses individuais. Investir em pequenos grupos, discipulado mútuo e projetos de ação social pode ampliar o alcance do evangelho e demonstrar, na prática, o amor de Deus à comunidade ao redor.

Vida Juntos na Igreja: Responsabilidade e Preservação da Unidade

Viver juntos como igreja exige responsabilidade uns pelos outros. A preservação da unidade é fruto da disposição em ouvir, corrigir e edificar, sempre motivados pelo amor. O apóstolo Paulo exorta: “Esforcem-se para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Efésios 4:3). O amor mútuo é a marca indelével do povo de Deus,

e sua vivência diária é o maior argumento em favor do evangelho diante de um mundo dividido e carente de esperança.

Conclusão

Diante do chamado de Cristo, somos desafiados a buscar, preservar e fortalecer a unidade e o amor em nossas igrejas locais. O testemunho congregacional, vivido de forma autêntica e visível, é instrumento poderoso nas mãos de Deus para atrair pessoas ao evangelho. Que, olhando para o futuro, mantenhamos viva a visão escatológica de uma igreja unida, composta de todas as línguas, povos e nações, reunida para a glória do Senhor. Que o amor seja nosso distintivo, e a unidade, nossa bandeira, até aquele dia em que seremos plenamente um em Cristo.